

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS**

Maria Tereza Rocha de Oliveira

**A DESCONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS DE ÓDIO NA FORMAÇÃO DO SUJEITO
REFLEXIVO NA ESCOLA**

Belo Horizonte

2020

Maria Tereza Rocha de Oliveira

**A DESCONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS DE ÓDIO NA FORMAÇÃO DO SUJEITO
REFLEXIVO NA ESCOLA**

Dissertação apresentada como parte das exigências do curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – UFMG.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Leiva de Figueiredo Viana Leal

Linha de Pesquisa: Leitura e Produção Textual: Diversidade Social e Práticas Docentes.

Belo Horizonte

2020

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Priscila Oliveira da Mata CRB/6-2706

O48d

Oliveira, Maria Tereza Rocha de.

A desconstrução dos discursos de ódio na formação do sujeito reflexivo na escola [manuscrito] / Maria Tereza Rocha de Oliveira. – 2020.

138 p., enc.: il., (color)

Orientadora: Leiva de Figueiredo Viana Leal.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Linha de pesquisa: Leitura e Produção Textual: Diversidade Social e Práticas Docentes.

Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 118-119.

Anexos: f. 120-138.

1. Língua portuguesa (Ensino fundamental) – Métodos de ensino – Teses. 2. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 3. Discurso de ódio – Teses. 4. Racismo na educação – Teses. 5. Estratégia discursiva – Teses. 6. Leitura – Aprendizagem – Teses. I. Leal, Leiva de Figueiredo Viana. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.07



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/MESTRADO PROFISSIONAL

UFMG

FOLHA DE APROVAÇÃO

A DESCONSTRUÇÃO DOS DISCURSOS DE ÓDIO NA FORMAÇÃO DO SUJEITO REFLEXIVO NA ESCOLA

MARIA TEREZA ROCHA DE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em LETRAS, área de concentração LINGUAGENS E LETRAMENTOS.

Aprovada em 15 de outubro de 2020, pela banca constituída pelos membros:

Leiva de Figueiredo Viana Leal
Prof(a). Leiva de Figueiredo Viana Leal - Orientadora
UFMG

Francis Arthuro Paiva
Prof. Francis Arthuro Paiva
Coltec UFMG

Delaine Cafiero Bicalho
Profª. Delaine Cafiero Bicalho
UFMG

José Eustáquio de Brito
Prof. José Eustáquio de Brito
UEMG

Belo Horizonte, 15 de outubro de 2020.

AGRADECIMENTOS

Quero expressar meu profundo agradecimento a Deus pela vida, pelas oportunidades e por me capacitar;

À minha querida Professora Doutora Leiva de Figueiredo Viana Leal, pelo incentivo nesta pesquisa, pela sua competência e partilha de saberes, pelo seu empenho na orientação científica desta pesquisa e pela sua amizade;

À UFMG e à equipe do PROFLETRAS pelo apoio dado à pesquisa;

Aos professores que fizeram parte da banca de qualificação, e trouxeram grandes contribuições para esta pesquisa: Professora Doutora Delaine Cafiero Bicalho (UFMG), professor Doutor Vicente Aguiar Parreiras (CEFET –MG), Professor Doutor José Eustáquio (UEMG);

Aos meus pais, Jovelino (*in memoriam*) e Maria Marcial, pelas orações;

Ao meu esposo, Gilberto, pelo companheirismo;

Às minhas filhas, Monique, Gizelle e Izadhora, pela motivação;

Aos colegas do Profletras, em especial o meu amigo, Fábio Moreira, pelo altruísmo;

A todos os meus colegas de trabalho do colégio Tiradentes, que aceitaram o desafio e se envolveram em um projeto interdisciplinar, em especial, o professor de História, Glauber, e a professora de Arte, Jacqueline;

À direção da escola, especialmente ao Flávio, vice-diretor, por preparar os vídeos e disponibilizar materiais para que a pesquisa acontecesse.

Aos alunos do Colégio Tiradentes pelo envolvimento nessa pesquisa e a seus pais pela compreensão em autorizá-los a participar desse estudo.

MUITO OBRIGADA!

“A linguagem é a roupa do pensamento.”

Samuel Jhonson

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo ajudar os alunos a desenvolver habilidades argumentativas básicas, após a constatação de que muitos, embora nos anos finais do Ensino Fundamental, não dominavam tais habilidades. Nesse contexto, ainda durante o processo investigativo desse problema, fase inicial desta pesquisa, foi percebido que, para além das lacunas na capacidade argumentativa, havia outros desafios ainda mais graves: discursos de ódio, falta de empatia, ausência de atitudes éticas, cujas manifestações foram diagnosticadas em práticas de ensino em sala de aula, com grande frequência. Percebeu-se que esses discursos eram, principalmente, contra pessoas negras, evidenciando a existência, na sala de aula, de vozes discursivas que discriminavam negros, ditas com naturalidade, como algo introjetado, que impedia uma reflexão sobre efeitos sociais negativos dessa discriminação na vida do outro. Assim, ao objetivo de desenvolver nos alunos capacidades argumentativas, acrescentou-se a necessidade de que essas capacidades fossem pautadas na desconstrução do discurso de ódio. A presente pesquisa foi desenvolvida com alunos do nono ano do Ensino Fundamental, na Escola Estadual Tiradentes, situada no interior de uma área militar da Aeronáutica, na cidade de Lagoa Santa, Minas Gerais. Para elaboração das intervenções didáticas e análise dos dados, esta pesquisa teve como embasamento teórico os seguintes pensadores e pesquisadores: Bakhtin (2003), Amossy(2016), Orlandi (2009), Rojo (2015), Charaudeau (2006 e 2016), Fiorin(2015), dentre outros. Trata-se de uma pesquisa de intervenção, de abordagem qualitativa que busca solucionar um problema real no ensino da língua materna, que é o de desenvolver nos alunos um olhar mais crítico frente ao poder da linguagem, que pode edificar, mas também destruir, a considerar, por exemplo, os discursos de ódio contra os negros. Com a finalidade de desenvolver, não só competências e habilidades discursivas, imprescindíveis, mas também e, principalmente, despertar nos alunos, a formação do pensamento reflexivo, estimular atitudes éticas e desenvolvimento socioemocional pela prática empatia no trato ao outro, foram realizadas seis oficinas, estrategicamente planejadas para este fim. A metodologia utilizada contribuiu tanto para uma progressão na leitura e produção de textos mais coerentes, persuasivos e autorais, como também para propiciar o protagonismo dos alunos enquanto sujeitos que refletem sobre suas práticas e promovem mudanças de atitudes. Observou-se, durante o desenvolvimento, bem como na culminância da

pesquisa, que os objetivos gerais e específicos propostos foram, em grande parte, alcançados, apesar da resistência de alguns em tocar nesse assunto.

Palavras-chave: Linguagem, discurso. Racismo. Pensamento Reflexivo. Ensino.

ABSTRACT

This research was conducted to help students, in the final years of elementary school, develop basic argumentative skills.

In this context, even during the investigative process, in the initial phase of this research, it was noticed that, beyond the gaps in the argumentative capacity, there were other even more serious challenges: hate speeches, lack of empathy and the absence of ethical attitudes., that were frequently diagnosed in classroom teaching practices. It was realized that those discourses were mainly targeted to black people, which highlighted the existence of discriminative discursive voices against them in the classroom, naturally said, as something introjected, preventing the reflection on the negative social effects of such discrimination on the life of the other. Thus, beyond the objective of developing the student's argumentative skills, it was needed that these abilities were based on the deconstruction of the hate speech. This research was developed with students of the ninth year of Elementary School, at the State School Tiradentes, located inside a military area of the Air Force, in the city of Lagoa Santa, Minas Gerais. For the elaboration of didactic interventions and data analysis, this research had as theoretical basis the following thinkers and researchers: Bakhtin (2003), Amossy(2016), Orlandi (2009), Rojo (2015), Charaudeau (2006 and 2016), Fiorin(2015), among others. This intervention research is a qualitative approach that seeks to solve a real problem in the teaching of the mother language, which is to develop in the students a more critical view of the power of language, and how it can build, but also destroy, considering, for example, hate speeches against blacks. With the aim of developing, not only indispensable discursive abilities and skills, but also and mainly awakening in students the formation of reflective thinking, ethical attitudes, and socio-emotional development by practicing empathy in dealing with each other, six workshops were held, strategically planned for this purpose. The methodology used contributed both to a progression in the reading and production of more coherent, persuasive, and authorial texts, as well as to foster the protagonism of students as subjects who reflect on their practices and promote attitudes changes. It was observed, during the development, as well as in the culmination of the research, that the main and specific objectives were largely achieved, in spite of the resistance of some in mentioning this subject.

General and specific proposals were largely achieved, despite the resistance of some in addressing this issue.

Keywords: Language, speech. Racism. Reflective thought. Teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pontos de vista que indiciam Racismo	46
Figura 2: Pontos de vista que indiciam Racismo	47
Figura 3: Pontos de vista que indiciam Racismo	47
Figura 4: Pontos de vista que indiciam Racismo	47
Figura 5: As pessoas têm o direito de dizer o que quiserem?.....	61
Figura 6: Trechos dos alunos	74
Figura 7: Trechos dos alunos	76
Figura 8: Trechos dos alunos	76

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Percepção dos alunos.....	60
Gráfico 2: Pensamento dos alunos em relação ao contexto histórico escravidão.....	75
Gráfico 3: Resposta dos alunos.....	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Pontos de vista apresentados por alunos	46
Quadro 2: Respostas dos alunos	61
Quadro 3: Respostas dos alunos	74

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 Passado e presente: tempos diferentes, cenários iguais	15
1.2 O que o teste diagnóstico revelou?	18
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
2.1 Conceito de discurso	21
2.2 Sujeito e linguagem	23
2.3 Gêneros discursivos	24
2.4 Gênero, discurso e autoria	26
2.5 Discurso e argumentação	28
2.6 O discurso do ódio	29
2.7 Leis constitucionais e o discurso de ódio	30
2.8 Onde circulam os discursos de ódio	32
3. METODOLOGIA	36
3.1 Tipo de pesquisa	36
3.2 Das práticas de intervenção	36
3.3 Os alunos participantes	37
3.4 A professora-pesquisadora	38
3.5 O perfil da escola	40
3.6 Procedimentos	40
4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES DE INTERVENÇÃO	41
4.1 O instrumento diagnóstico	41
4.2 As oficinas de intervenção	43
4.2.1 Leitura analítica das respostas dos alunos	48
4.2.2 Leitura analítica das respostas das atividades	59
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	118
ANEXOS	120

1. INTRODUÇÃO

A presente dissertação desenvolvida no âmbito do programa de Mestrado Proletras da Universidade Federal de Minas Gerais condensa a trajetória e o resultado de uma pesquisa interventiva, de natureza qualitativa, realizada junto a alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, em uma escola situada na cidade de Lagoa Santa, MG.

A motivação para a realização do trabalho surgiu, não só da necessidade de potencializar nos alunos suas capacidades em leitura e escrita, mas, notadamente, a partir da análise de resultados de atividades de leitura e escrita elaboradas a partir do tema que abarca questões de racismo, em turmas dos anos finais do ensino fundamental de Minas Gerais. Respostas dos alunos indicaram uma visão preconceituosa a respeito dos negros, o que me fez interrogar sobre o papel da escola como instância formadora de adolescentes e de jovens, para uma convivência ética e respeitosa junto às pessoas.

Trabalhei, por mais de vinte anos, na educação básica e, nesses anos, já tive o privilégio de ser professora de muitos, cujos pais também foram meus alunos. A atual escola em que trabalho se situa dentro da Aeronáutica na cidade de Lagoa Santa, região metropolitana de Belo Horizonte. A maioria dos alunos são filhos desses militares e outros provenientes de bairros no entorno dessa área militar.

Nesses anos de trabalho, pude conviver, há mais de duas décadas, com uma geração que não tinha tanto acesso às tecnologias. Atualmente, presencio o desenvolvimento de outra geração que está sempre conectada nas diferentes mídias e faz usos de diferentes linguagens. No entanto, nem sempre tem clareza a respeito do poder que a palavra tem, dos efeitos do uso da linguagem no que podem impactar negativa ou positivamente a vida das pessoas. Além disso, uma pesquisa do IBGE, no ano de 2016 sobre utilização da internet no Brasil, revelou que 80% da população brasileira entre 9 e 17 anos usam a internet(link em anexo). Isso evidencia um risco maior, se esse uso for excessivo e sem um direcionamento, sem um letramento digital, sem uma formação que capacite os sujeitos nas escolhas éticas de suas palavras. Assim, constantemente expostos a esses meios, alunos vivem, eles mesmos, efeitos sociais negativos, como alienações, vícios, doenças físicas e psicológicas. Isso tem se tornado um desafio e aponta para ações que despertem nas crianças e jovens, a formação de um pensamento reflexivo, a partir da perspectiva interacional da

linguagem e do sentimento de pertencimento à humanidade.

Como professora, sempre me interessei pelo desenvolvimento da capacidade argumentativa dos meus alunos, considerando-a como condição essencial para a explicitação de suas vozes como cidadãos, além de torná-los mais incluídos na sociedade. E foi exatamente a partir de uma experiência em sala de aula que esse meu interesse cresceu.

Em uma turma de nono ano, propus uma atividade de leitura e interpretação de textos argumentativos. Para isso, levei um texto com opiniões de duas nutricionistas sobre o hábito de dormir de barriga cheia, se isso faz ou não mal(texto em anexo). As duas tinham opiniões diferentes e empregavam argumentos para justificá-las. Primeiro, pedi que levantassem hipóteses sobre o que poderia estar no texto e muitos responderam de acordo com suas culturas e conhecimento de mundo. A atividade de interpretação sugeria um confronto entre as duas opiniões e os respectivos argumentos apresentados por elas. Percebi que tinham dificuldades em responder, por não saberem diferenciar as vozes, nem o que era opinião e argumentos. Chega a ser quase inacreditável que alunos cheguem ao último ano do ensino fundamental sem esses saberes e sem essas competências.

Com efeito, vivemos em um contexto educacional em que muitos alunos chegam ao final do ensino fundamental com grandes defasagens na leitura e na produção de textos, tanto do ponto de vista linguístico, quanto textual-discursivo.

Essa é uma questão contida na constatação das dificuldades na leitura e na produção de textos apresentados, quando solicitados. Os resultados do Brasil no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA 2018, conforme link em anexo), mostram uma queda de pontuação nas três áreas avaliadas: Ciências, Leitura e Matemática. A queda de pontuação também refletiu uma queda do Brasil no ranking mundial: o país ficou na 63ª posição em ciências, na 59ª em leitura e na 66ª colocação em matemática, no ano de 2018. O PISA aponta que o Brasil está estagnado há dez anos, no nível básico de leitura e de compreensão de textos. Embora, numericamente, os dados indiquem uma leve melhora em toda a série histórica, que começa nos anos 2000, a avaliação do relatório é que pouco mudou nos últimos dez anos.

Assim, esta pesquisa torna-se relevante e imprescindível para a melhoria das práticas docentes, de modo a favorecer o letramento aos discentes, no que concerne tanto ao desenvolvimento de capacidades de leitura, de análises, de reflexões, de comparações, de inferências em textos informativos e argumentativos, quanto na

produção de textos argumentativos. Além disso, houve a preocupação, em todos os momentos, em cuidar do aspecto socioemocional do aluno, contemplando, nos debates e nas discussões, os Direitos Humanos, tal como estabelecido pelo UNICEF, conforme(Declaração Universal dos Direitos Humanos- Link em anexo). Em contrapartida a esses discursos que ocorrem tanto no âmbito escolar, como fora dele, este trabalho recorre à multimodalidade, buscando na arte, uma contribuição para a apropriação de diferentes linguagens, oportunizando um maior equilíbrio emocional e conseqüentemente, maior autoconfiança para impor suas vozes, frente aos desafios da pluralidade da sociedade contemporânea, de maneira mais respeitosa. Além disso, favorece o letramento midiático, estimula valores, como empatia, solidariedade, virtudes essenciais na educação de crianças e jovens no século XXI.

Os discursos de ódio na sala de aula se confirmaram em outras ocasiões: Além da atividade relatada logo no início desta introdução, propus duas outras: Na primeira, levei vários textos de revistas, transformei os títulos em perguntas e os distribuí, solicitando que lessem e expusessem suas opiniões a respeito do que o título anunciava. E, na outra, ainda querendo ajudá-los a perceber o que era opinião, levei textos informativos com temas polêmicos, como cotas raciais. Em uma tarefa foi pedido aos alunos que escrevessem o que pensavam a partir do tema cotas raciais. As respostas tinham um lado positivo, mostrando um progresso em compreender o que era opinião, contudo, outro lado preocupante: estavam carregadas de preconceito, insultos, ironia e ódio. De onde surgem esses discursos? O que faz com que esses discursos sejam tão iguais? Em que medida reconhecem essas vozes como suas?

1.1 Passado e presente: tempos diferentes, cenários iguais

Isso é recorrente em um país com um histórico de muito preconceito, principalmente contra negros. A intolerância sempre acompanhou a história da humanidade, desde a Antiguidade Clássica, em que os romanos subjugavam outros povos por meio da imposição de sua cultura e civilização, consideradas superiores. No Brasil, houve a perseguição aos índios, a escravidão dos negros africanos, durante mais de três séculos (XVI a XIX) e a tortura de opositores do regime militar. (1964-1985). Isso também aconteceu nos regimes totalitários, principalmente o nazismo na Alemanha e o fascismo na Espanha.

Na Alemanha, de Hitler, essas manifestações deram origem ao mais brutal episódio de ódio da História: O Holocausto, massacre que vitimou mais de 6 milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Desde essa época, vê-se que o mundo está cada vez mais intolerante. ONG Safernet Brasil lançou um site que mostra um levantamento sobre denúncias de crimes na internet feitas no Brasil (<https://indicadores.safernet.org.br/>).

Uma pesquisa realizada em 2012 pela ONG Safernet Brasil, (uma Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos e traz dados de entidades que recebem denúncias como da Polícia Federal e da Secretaria de Direitos Humanos, por exemplo), foi divulgada pelo *G1*, mostrando forte intolerância contra segmentos da população vistos como subalternos. Não podemos negligenciar que, nos últimos anos, a intolerância ganhou maior visibilidade e repercussão por causa do crescimento das mídias digitais.

Outra pesquisa da mesma empresa, realizada entre 2006 e 2016, divulgada pela revista *Guia do Estudante*, no primeiro semestre de 2018, constatou em percentual por tipos de denúncias de crimes cibernéticos no Brasil, o seguinte: 34%, Apologia e incitação de crime contra a vida; 27,5%, Racismo; 13,1%, Intolerância religiosa; 11,5%, Neonazismo; 7,3%, Xenofobia; 6,6%, Homofobia 6,4%.

Os dados estatísticos acima evidenciam que, das ofensas virtuais, no período de 11 anos, registrados pela Central Nacional de Crimes Cibernéticos, parceira da ONG Safernet com os Ministérios Públicos e a Secretaria de Direitos Humanos, houve um registro de 2.036.411 ocorrências envolvendo seis tipos de manifestações de intolerância. Desse total, a apologia e a incitação de crime contra a vida, respondeu pela maior parte das denúncias, seguida de casos de racismo e de intolerância religiosa. Meio século depois da morte de Martin Luther King, o mundo ainda vive mergulhado no discurso do ódio contra a população negra e outras minorias. Impossível não se perguntar sobre o que pode estar gerando tanta intolerância.

Seja qual for a intolerância vivenciada no Brasil e no mundo, por princípio jurídico universal, fere o artigo 7º da Declaração Universal dos Direitos Humanos e se caracteriza pela falta de informação e vontade em conhecer e respeitar as diversidades. A sociedade parece estar se esquecendo do quanto é importante, para um bom convívio social, aceitar, ser indulgente e clemente com os outros ou, melhor dizendo, exercitar a tolerância.

Se os dados acima retratam a realidade brasileira, não é difícil deduzir que

também, na escola, como parte da sociedade, esses discursos são produzidos, reproduzidos e propalados. Num contexto em que a escola é conclamada a formar sujeitos éticos, com valores humanos, na perspectiva da cidadania, a função da escola e o papel dos educadores se alteram.

A escola está carente de maior sensibilidade por parte dos educadores: não basta saber os nomes dos alunos, é preciso conhecer suas histórias, sentir suas dores, e buscar caminhos para oferecer-lhes maior acultramento para que possam impor suas vozes e vencer intolerâncias. Presenciar o desrespeito no ambiente escolar e não cumprir o papel de educar, pode gerar efeitos sociais negativos, tanto para as vítimas como para os agressores. Por um lado, quem sofre, pode ter baixa autoestima, baixo rendimento escolar, depressão e em muitos casos, tentativas ou até mesmo o suicídio. Por outro, quem pratica e não tem a oportunidade de refletir sobre isso, não é corrigido, seja na escola ou em casa, pode reproduzir essas condutas, posteriormente, no ambiente de trabalho, em ambientes virtuais e na vida.

Preparar para a cidadania e para viver nesse mundo exige coragem de enfrentar os discursos e encorajar nossos alunos para serem sujeitos de novas vozes frente ao mundo. Diante desse contexto, há que se questionar: até que ponto os “discursos” de ódio, presentes nas mídias digital e impressa, interferem na construção da opinião e argumentos apresentados pelos alunos na sala de aula? Onde esses discursos circulam? Quem educa os jovens no sentido de refletirem sobre causas e consequências desses discursos? De que modo impactam leitores e sociedades em geral? A arte pode minimizar essa situação?

Há que se interrogar, também, sobre o que é a linguagem? Que efeitos produz? Que capacidades a escola pode desenvolver nesse sentido?

Essas perguntas dialogam com o eixo estratégico da Educação e Cultura em Direitos Humanos que entende a formação dos sujeitos como uma experiência individual e coletiva que atua no afloramento de uma consciência ética centrada no respeito ao outro, na empatia, na tolerância, na solidariedade e no compromisso contra todas as formas de discriminação, opressão e violência. É esse o caminho para formar pessoas capazes de construir novos caminhos, fundado no respeito integral à dignidade humana, bem como no reconhecimento das diferenças como elemento de construção da justiça.

Assim postas nossas interrogações, nossas percepções e nossos pontos de diálogo, a pergunta básica que norteia a construção desta pesquisa é: em que medida

um projeto com o gênero discursivo “artigo de opinião”, em turmas do 9º ano, ancorada na análise de “discursos” de ódio e dos contra discursos que circulam nas mídias digital e impressa e que leve em conta a multimodalidade, pode promover a formação de sujeitos que respeitem o outro e os direitos humanos, no exercício da cidadania?

Para obter mais dados a respeito do que trato na problematização, apliquei um instrumento diagnóstico (em anexo) para identificar as representações, concepções e pontos de vista dos alunos a respeito de temas que têm se traduzido em discursos de ódio. Esse questionário foi respondido por cinquenta e seis alunos, em turmas de nono ano do ensino fundamental, de uma escola pública, situada no município de Lagoa Santa, região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais.

1.2 O que o teste diagnóstico revelou?

É importante analisar as condições de produção nas quais esse instrumento diagnóstico foi respondido. As respostas foram produzidas dentro de uma escola, para uma professora, dentro de uma sala de aula e, embora tenham respondido ao questionário individualmente, os alunos discutiram entre si sobre o que lhes foi perguntado. Essa contextualização é relevante, tendo em vista que há, inconscientemente, uma preocupação de que estão escrevendo para alguém e sabem quem vai ler. Isso pode coibir, de certo modo, as respostas e a maneira de se expressarem. Não foi o que aconteceu, uma vez que foi possível perceber discursos de ódio, pelo menos em relação a algumas questões como estupro, cotas raciais, aborto, corrupção e superlotação do sistema carcerário. O mais citado foi contra os estupradores. Em seguida, os de maior inserção foi o sistema de cotas raciais. Em terceiro lugar, as pessoas que cometem o aborto, quarto os corruptos, e em quinto lugar, os detentos que superlotam o sistema carcerário.

Em relação ao lugar em que esses discursos discriminatórios e ofensivos mais aparecem, foi observado também, nas respostas dos alunos, que esses discursos são mais percebidos por eles:

- 1º - Nas redes sociais
- 2º - Na escola
- 3º - Na família
- 4º - Na rua

Análise das respostas da pergunta nº 11: 45% dos alunos consideram que é nas redes sociais que mais se percebem os discursos de ódio. Esse dado reforça que cabe à escola e à família o papel de formar indivíduos mais reflexivos, conscientes, evitando ou minimizando que sejam manipulados. É necessário acompanhar as mudanças vindas de um progresso rápido, que facilita a circulação de discursos ofensivos e oferecer, em contrapartida a esses discursos de ódio, possibilidades de entender que a linguagem produz sentidos que podem ser negociados e que, uma vez dita em redes sociais, essa negociação é impossível. Ela é transmutada, alterada de várias formas, inclusive, nessa circulação, pode perder o que estava na origem do que foi dito.

Olhando para esse cenário, consideramos que este projeto é imprescindível para que alunos e professores, diante dos desafios, com tantos discursos negativos que circulam (seja no âmbito escolar, familiar e midiático) tenham maior senso crítico para fazer escolhas e dizer suas vozes, com respeito à diversidade, em uma sociedade em constantes mudanças e conflitos.

Sabe-se que, no contexto social contemporâneo, há muita violência, guerras, exclusão, individualismo e poucas pessoas se empenham para que a paz aconteça. Apenas alguns grupos como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e poucos outros.

Este trabalho procura contribuir para o exercício de um dos direitos fundamentais defendidos pelo artigo 5º da Constituição Federal (CF) e artigo 3º da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “A liberdade”. Só é realmente livre, quem tem competência para ler, comparar, analisar, refletir, concordar, discordar, refutar, inferir, para, assim, fazer escolhas.

Tendo em vista o exposto, esta pesquisa propôs os seguintes objetivos:

OBJETIVO GERAL

O objetivo geral é desenvolver um projeto de ensino do gênero argumentativo artigo de opinião, tendo como foco a análise de “discursos” do ódio e de contra-discursos que circulam nas mídias digital e impressa, valendo-se das teorias argumentativas e da multimodalidade como meios para a construção de pontos de

vista e argumentos que respeitem o outro, despertem a empatia e promovam os direitos humanos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos são:

- Analisar, junto aos alunos, gêneros discursivos argumentativos, relacionando-os aos contextos de produção, de recepção e de circulação;
- Organizar debates sobre leituras de artigos de opinião, pesquisados na internet, sob o tema do preconceito e da discriminação social que se manifestam pela linguagem;
- Orientar a identificação de discursos de ódio, analisando-os na perspectiva dos efeitos desses discursos;
- Criar experiências que despertem nos alunos a empatia e outros valores, por meio da arte, como produtora de contra-discursos na ordem social;
- Incentivar a pesquisa sobre temas que abordam questões de preconceito e de discriminação social, em abordagem interdisciplinar;
- Analisar a apresentação do tema, tese, opinião e argumentos no artigo de opinião e em outros gêneros do discurso argumentativo;
- Oportunizar o contato com a multimodalidade, em articulação com diferentes manifestações da arte (música, pintura, dança, teatro, filmes, etc); como proposta pedagógica para discutir e problematizar a questão focada nesse estudo;
- Desenvolver atividades de leitura e produção textual que promovam maior letramento digital, garantindo aos alunos experiências de leitura e de escrita e de fala no ambiente da web 2.0, bem como preparar os alunos para lidar com diferentes desafios de viver em rede no século XXI.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Explicitaremos o aporte teórico que norteia a pesquisa e, conseqüentemente, os conceitos básicos que ancoram a análise dos dados, sustentados, principalmente em Orlandi (2009), uma vez que ela congrega conceitos fundamentais com os quais serão analisados os dados e também por essa autora manter coerência com os objetivos assumidos na pesquisa.

2.1 Conceito de discurso

Antes de um maior aprofundamento no conceito de discurso, é importante entender que a teoria da Análise de Discurso proposta, inicialmente, por Michel Pêcheux (França, nos anos 1960), foi relevante para os estudos e propostas por Orlandi (2009), cujas ideias ancoram o referencial teórico dessa pesquisa. Pêcheux trouxe abordagens distintas sobre a Ciência da Linguagem, opondo-se às ideias do estruturalismo.

Nesse sentido, nos estudos pecheuxtiana, o discurso tem um enfoque especial, o sujeito, em substituição ao homem, torna-se o centro da discussão. Pêcheux não se refere a qualquer sujeito, mas sim ao sujeito do inconsciente, da linguagem, o qual é interpelado pela ideologia. Baseado nesses estudos de Pêcheux, Orlandi (2009, p. 91) afirma:

Não atravessamos o texto para extrair, atrás dele, um conteúdo. Paramos em sua materialidade discursiva para compreender como os sentidos – e os sujeitos- nele se constituem e a seus interlocutores, como efeitos de sentidos filiados a redes de significação. É a isso que referimos quando dizemos que na Análise Linguística e na Análise de Conteúdo se trabalha com produtos e na Análise do Discurso com os processos de constituição (dos sujeitos e dos sentidos).

Orlandi (2009), para ampliar os estudos de Análise de Discurso, no Brasil, baseia-se na teoria dessa corrente francesa, representada principalmente, por Foucault e Pêcheux e define o conceito de discurso:

A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: como o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2009, p.15).

Ao definir discurso como “percurso”, a autora faz alusão à ideia de que no discurso não se tem um início e um fim definidos e sim uma continuidade.

O discurso, como objeto da Análise de Discurso, tanto para Pêcheux como para Orlandi (2009, p. 14), não se pode determinar quando se inicia ou termina, já que

Como sabemos, discurso é um processo contínuo que não se esgota em uma situação particular. Outras coisas foram ditas antes e outras serão ditas depois. O que temos são sempre ‘pedaços’, ‘trajetos’, estados do processo discursivo.

No entender dessa autora, a Análise de Discurso, ao tomar o discurso como um novo objeto, rompe suas fronteiras, produz um novo recorte de disciplinas e toma a noção de discurso, em sua definição, distanciada do modo como o esquema elementar da comunicação dispõe seus elementos (emissor, receptor, código, referente e mensagem). Além disso, conforme postula Orlandi (2009, p. 21), ao invés de mensagem, o que se propõe é justamente pensar aí o discurso: “As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeitos de sentidos entre os locutores”.

Convém não confundir discurso com “fala”, conforme ensina Saussure (Apud ORLANDI, 2009):

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de aprender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele (ORLANDI, 2009, p. 30).

O conceito de “formação discursiva” foi formulado, inicialmente, por Foucault, na obra Arqueologia do Poder, publicada em 1986. Pêcheux apropriou-se desse conceito e o ampliou, considerando o discurso como história na língua. Segundo Pêcheux (1988), discurso é efeito de sentido entre locutores. Orlandi (2009), que se baseia na teoria pecheuxtiana, apresenta distinções para os discursos, tendo por base, os elementos constitutivos de suas condições de produção e suas relações

como o modo de produção com seus sentidos. Segundo ela, os discursos distinguem-se do seguinte modo:

- Discurso autoritário: “...o locutor se coloca como agente exclusivo...”;
- Discurso polêmico: ” ...o referente é disputado pelos interlocutores...”
- Discurso lúdico: ” ...os interlocutores se expõem aos efeitos dessa presença...”

Essa categorização proposta por Orlandi (2009), baseia-se nas relações entre referente, sentidos e sujeitos. Assim, cada discurso “revela-se”: o lúdico aponta para o jogo, o polêmico aponta para o debate e o autoritário aponta para a ordem. É preciso saber sobre o(s) sujeito(s), para entender o(s) discurso(s). Nesse sentido, é possível observar que, para essa autora, o discurso é o efeito de sentidos entre os sujeitos.

2.2 Sujeito e linguagem

O sujeito se revela no dizer, não por meio da estrutura da linguagem, mas por seu funcionamento, registrando-se na história, ideologicamente. “O que chamamos discursividade é justamente a inscrição dos efeitos da língua na história” (ORLANDI, 2009, p. 20). Para essa autora, o que permite a constituição do discurso é a prática discursiva, por meio de elementos essenciais, em que estão juntos, como ideologia, sujeito e linguagem. Orlandi sustenta essa ligação e esclarece que a discursividade se dá pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito. Para ela, em Análise de Discurso, nada está separado e sem sentido. Tudo significa: um gesto, discurso do outro, representação e até os silêncios significam. Se antes, a ideia do texto, puramente linguístico, analisado desvinculado das condições de produção e constituído por um autor “dono de si”, agora, houve um progresso, ampliando-se os estudos também para o seu sentido, para as entrelinhas, chamados de pressupostos e subtendidos.

O sentido é assim uma relação determinada de sujeito - afetado pela língua - com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação de sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados (ORLANDI, 2009, p. 47).

A linguagem, na perspectiva discursiva, só é linguagem porque produz sentido.

E ela só faz sentido porque se inscreve na história das comunidades humanas, sendo linguagem todo objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música, etc.)

“A compreensão procura a explicação dos processos de significação presentes no texto e permite que possam ‘escutar’ outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem” (ORLANDI, 2009, p. 26).

2.3 Gêneros discursivos

Uma das grandes contribuições para os estudos contemporâneos sobre a linguagem vem de

Um dos mais importantes teóricos da linguagem, o russo Mikhail Bakhtin (1895-1975), o qual tornou-se referência em várias áreas do conhecimento, como na teoria e críticas literárias, na análise do discurso, na Semiótica e na sociolinguística (ROJO, 2015, p.17).

Bakhtin (2003) (e seu círculo de discussões, que era integrado por Valentin Volochinov e Pavel Medvédev) foi o primeiro autor a estender a reflexão sobre os gêneros a todos os textos e discursos, sem distinção ou divisão, tanto na vida cotidiana como na arte. Ele expandiu para a vida, a ideia dos gêneros discursivos, o que antes, se restringia à arte. Assim, gênero dá a forma a um discurso, a uma enunciação e o que interessa são os efeitos de sentido discursivos, os ecos ideológicos, as vozes e as apreciações de valor que o sujeito do discurso faz por meio dos enunciados/textos em certos gêneros. Os bakhtinianos referem-se aos textos como gêneros de discursos e não como gênero de texto. A diferença é clara: olhar para o texto e captar sua composição, sua estrutura, seu formato, dentre outros aspectos e, ao contrário, olhar para o texto para compreender seus efeitos de sentido, é olhar para o discurso. Embora essa seja uma distinção básica, não é um tema tão pacífico assim.

“Um enunciado, para Bakhtin, é um dito (ou escrito, ou mesmo pensado concreto e único, ‘irrepetível’, que gera significação e se vale da língua/linguagem para sua materialização, constituindo o discurso [...]” (ROJO, 2015, p. 17).

Bakhtin (2003) chama de gêneros primários aqueles que ocorrem em nossas atividades mais simples, privadas e cotidianas, geralmente – mas não necessariamente na modalidade oral do discurso. São conversas informais, algumas

cartas, interações no Skype, torpedos e posts em certos tipos de blog. Por outro lado, os gêneros secundários, são mais complexos e servem de finalidades públicas de vários tipos, em diversas esferas ou campos de atividades humana e de comunicação. Esses se valem da escrita de uma ou de outra maneira, (e, hoje, também de outras linguagens) e têm função mais formal e oficial: são noticiários, anúncios, relatórios, atas, formulários, entre outros.

Gêneros discursivos é considerado, contemporaneamente, o objeto de ensino de Língua Portuguesa, tanto em estudos teóricos, como alguns citados anteriormente quanto nos documentos oficiais como a BNCC/2018([link](#) e [anexo](#)) e em outros estudos da linguagem.

Os tipos textuais mais conhecidos – descrição, narração, argumentação, injunção, e exposição – vêm sendo contemplados, há décadas, no ensino de Língua Portuguesa, o que faz deles, gêneros escolares e seu ensino muitas vezes, é do gênero pelo gênero, que circulam, na escola, para ensinar “o bem escrever”. Essa forma como a escola ensina é diferente do que acontece na vida cotidiana. Se por um lado, na escola se ensina a narrar, por outro, na vida, recontamos um filme, lemos notícias, relatamos o nosso dia a dia, lemos romances. As práticas escolares muitas vezes estão distantes do que o aluno vivencia. Por exemplo, ensina-se descrição na escola e na prática, no dia a dia, descrevemos como decoramos nosso quarto, ou instruímos alguém para chegar a caminhos desconhecidos. Na escola, dissertamos sobre um tema dado e na vida, lemos artigos de opinião, apresentamos nossa pesquisa ou relatório, escrevemos uma carta de reclamação para alguma autoridade. Os gêneros do discurso são entidades na vida – e não da teoria – e que se define pelo modo como funciona social e comunicativamente. São também universais concretos que circulam na vida real.

O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro [...] (BAKHTIN, 2003, p. 275).

2.4 Gênero, discurso e autoria

Do ponto de vista da apresentação empírica, um texto é um objeto com início, meio e fim; mas se o considerarmos como discurso, reinstala-se imediatamente sua incompletude. Isso por que nem os sujeitos, nem os sentidos, nem os discursos são completos. É na relação de dialogia entre interlocutores que a incompletude se desfaz, mas para nascer outra, como um círculo que organiza a vida, no pensar bakhtiniano.

“Como o lugar da unidade é o texto, o sujeito se constitui como autor ao constituir o texto em sua unidade, com sua coerência e completude. Coerência e completude imaginárias” (ORLANDI, 2009, p. 73).

“Eu posso dizer muitas coisas, mas não posso dizer qualquer coisa”. “Os discursos da enunciação são eventos únicos que não se repetem” (LEAL, 2018) Nesse sentido, é que surge o autor, sujeito de sua voz, o que, por sua vez, implica responsabilidade ética, pois ser autor não é apenas ter o direito de dizer, mas ter o direito de dizer dentro de uma ética, com respeito ao outro. Significa, do mesmo jeito, dar a vez e a voz ao outro, em situação discursiva de ouvir e ser ouvido.

No artigo “Nem escritor, nem sujeito: apenas autor”, Orlandi (2009) enfatiza que a função discursiva autor, ao lado das funções enunciativas de locutor (aquela pela qual o sujeito se representa como eu no discurso) e de enunciador (a perspectiva que esse eu constrói no discurso), é aquela que o eu assume enquanto produtor de linguagem.

Assumir a autoria colocando-se na origem do seu dizer é fazer do dizer algo imaginariamente “seu” com “começo, meio e fim”, que seja considerado original e relevante e que tenha clareza e unidade. E, dessa maneira, responsabilizar-se pelo que foi dito e pelo que foi silenciado.

Quando pensamos na questão da autoria, pensamos também no poder que a palavra tem. A linguagem tem poder! Sejam gestos, palavras, imagens, músicas, ela é portadora de sentido, de ações. Só que não temos certeza de quais efeitos nossa

linguagem provoca nas pessoas, ainda que seja uma ação consciente.

Sendo a autoria a função mais afetada pelo contato com o social e com as coerções, ela está mais submetida às regras das instituições e nela são mais visíveis os procedimentos disciplinares. Se o sujeito é opaco e o discurso não é transparente, no entanto, o texto deve ser coerente, não contraditório e seu autor deve ser visível, colocando-se na origem de seu dizer... (ORLANDI, 2009, p.75).

Finalizando, Orlandi (2009) traça um quadro importante em relação ao que foi tratado até agora, ao explicar a diferença entre o real e o imaginário. A autora esclarece que, em termos de real do discurso, o que se tem é a descontinuidade, a dispersão, a incompletude, a falta, o equívoco, a contradição, constitutivas tanto do sujeito como do sentido. De outro lado, no nível das representações, temos a unidade, a completude, a coerência, o claro e o distinto, a não contradição, na instância do imaginário. É por essa articulação necessária e sempre presente entre o real e o imaginário que o *discurso* funciona. Trata-se de considerar unidade (imaginária) na dispersão (real): de um lado, a dispersão dos textos e do sujeito; de outro, a unidade do discurso e da identidade do *autor*.

O não-dizer tem sido de reflexão de alguns linguistas dos quais tomo como exemplar o trabalho desenvolvido por O. Ducrot (1972). Distinguindo, na origem de sua reflexão, como diferentes formas de não-dizer (implícito), o pressuposto e o subentendido, este autor vai separar aquilo que deriva propriamente da instância da linguagem (pressuposto) daquilo que se dá em contexto (subentendido). De todo modo, sabe-se por aí que, ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam (ORLANDI, 2009, p. 82).

Lagazzi (2006, p. 83) propõe retomar outro recorte para o estudo do texto:

Sua relação com a autoria, a qual é pouco tematizada durante o percurso escolar, raramente praticada como “qualidade ou condição de autor” e o autor como “escritor de obra artística, literária ou científica”, muitas vezes, havendo grande distância entre a autoria e os sujeitos da fala ou da escrita ou mesmo o apagamento das vozes desses sujeitos.

Todas essas reflexões evidenciam que os discursos de ódio proferidos por alguém, constituem enunciações de autoria e esse autor busca, de algum modo,

impactar a vida de pessoas, de coletivos de pessoas, de instituições.... Para atingir seus objetivos, escolhe o que e como dizer, ainda que tudo pareça nebuloso para o autor. Em sendo sujeito afetado pela ideologia, transforma-se em um autor, enquanto sujeito de linguagem, sendo sua linguagem, no entanto, fruto das condições ideológicas em que esse discurso se insere.

Ainda assim, trata-se de sujeitos que podem ter a oportunidade de refletir sobre o discurso que produzem, principalmente quando usam a linguagem para ofender, para humilhar, para caluniar e para discriminar pessoas em seu entorno, como os discursos de ódio.

2.5 Discurso e argumentação

Discutir o discurso de ódio, como se pretende nesta intervenção, exige analisar o funcionamento discursivo do discurso, o que implica, necessariamente, levar em conta a argumentação ou a dimensão argumentativa do discurso. Tomamos, como base teórica no quadro mais geral dos conceitos aqui assumidos, as concepções de argumentação defendidas por Amossy (2011) na medida que essa pesquisadora permite um novo olhar sobre a argumentação.

A pesquisadora toma a Nova Retórica como fundamentos para a nova abordagem que elabora sobre argumentação. Como o uso da palavra dota-se do poder de influenciar seu auditório? Por quais meios verbais, por quais estratégias programadas ou espontâneas ele assegura a sua força? Essas questões estão no centro da Retórica, a qual remonta à Antiguidade. Para os antigos, a retórica era uma teoria da fala eficaz e uma aprendizagem ao longo da qual os homens da cidade iniciavam-se na arte de persuadir. Com o passar do tempo, no entanto, ela tornou-se progressivamente, uma arte do bem dizer, voltada para os ornamentos do discurso, a retórica chegou a se esquecer de sua vocação primeira: imprimir ao verbo a capacidade de provocar a convicção. É a esse objetivo que retornam, atualmente, as reflexões que se desenvolvem na era da democracia e da comunicação, no caso específico deste estudo, a disseminação do preconceito, do discurso de ódio e da intolerância, nas redes sociais.

Para essa autora, a argumentação é “[...] entendida como a tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas da parte do alocutário” (AMOSSY, 2011, p. 130). Nossa

hipótese é a de que os produtores do discurso de ódio nas redes sociais, também conhecidos como disseminadores, se encaixam nessa perspectiva, ou seja, de que elabora uma tentativa de agir sobre o outro e fazê-lo ver as coisas de determinada maneira.

Segundo Amossy (2011), nem todo discurso tem a intenção de convencer ou de fazer com que o interlocutor adira a um determinado posicionamento sobre algum assunto, é o que ela chama de visada argumentativa. Mas, há o contrário, os que desejam que seu interlocutor faça adesão ao modo de pensar, de ver e de sentir o mundo. Usa estratégias que direcionam “[...] o olhar do alocutário para fazê-lo perceber as coisas de uma certa maneira” (AMOSSY, 2011, p. 132).

Para Amossy (2013), argumentar não é apenas convencer o outro de que você tem a verdade, mas é fazer com que o outro mude o ponto de vista. Para a autora, o uso da palavra está, necessariamente, ligado à questão da eficácia. O discurso procura sempre produzir um impacto sobre seu público. Esforça-se, frequentemente, para fazê-lo aderir a uma tese: ele possui, então, uma visada argumentativa. Mas ele pode também, procurar modificar a orientação dos modos de ver e sentir: Nesse caso possui uma dimensão argumentativa.

Amossy (2013, p. 111) afirma que a análise ideológica é ao mesmo tempo muito próxima e muito diferente da análise da argumentação no discurso. Os textos políticos ou jornalísticos, muitas vezes, associam-se a um discurso que existe fora deles, sob a forma de corpo de doutrina, ou a um sujeito difuso de opiniões ligado a uma doutrina existente. O discurso como materialidade ideológica pode ser usado muitas vezes como dominação e poder. (Amossy, 2013, p.174) afirma que o peso das palavras se deixa apreciar melhor na medida em que conhecemos a sua frequência e a sua distribuição e até mesmo a sua história, em algumas formações discursivas. Com base em Amossy é possível articular o funcionamento de determinados discursos à argumentação tomada como uma situação de interação, em um determinado espaço sociocultural. Nesse sentido dirige a metodologia da leitura desses discursos, na localização de marcas da linguagem do interlocutor no discurso.

2.6 O discurso do ódio

Por meio da linguagem, as pessoas utilizam-se das palavras com diversas

finalidades, como meio de exprimir suas ideias, conceitos e realizar atos. O direito fundamental à liberdade de expressão, previsto e protegido por quase todas as sociedades democráticas, é considerado um patrimônio cultural. Ocorre, no entanto, que essas democracias têm enfrentado um problema complexo, um paradoxo, qual seja, o de assegurar o mais amplo fluxo de pensamentos e, ao mesmo tempo, resguardar cidadãos de abusos cometidos contra eles, no exercício dessa liberdade de expressão.

O discurso do ódio ou *hate speech* é visto por Michel Rosenfeld como o discurso para promover o ódio, baseado na raça, religião, etnia, ou nacionalidade e, pode-se acrescentar, ainda, gênero ou opção sexual. Trata-se de um discurso que exprime ideia de ódio, de preconceito, de intolerância, de desprezo contra determinados grupos, menosprezando-os, desqualificando-os ou inferiorizando-os pelo simples fato de pertencerem àquele determinado grupo.

O *hate speech* (discurso do ódio) não se confunde com uma discordância argumentativa. Não deseja ser ouvido, deseja manifestar o que considera uma verdade, manifestando-se de forma direta e indireta, mascarado por sutilezas que transmitem sua mensagem de intolerância e desprezo. Em nome do direito à liberdade de expressão é que os discursos de ódio buscam garantir seus espaços.

2.7 Leis constitucionais e o discurso de ódio

O direito constitucional contemporâneo assegura que o discurso de ódio fere a dignidade da pessoa humana, infringe os Direitos Humanos e tem sido um desses intrincados temas limítrofes da Liberdade de Expressão, que, no Brasil, é assegurada pela Constituição Federal de 1988. O direito de expressarmos nossas ideias e convicções têm limites: desde que não fira o direito legítimo de terceiros, conforme o art. 5º, IV e IX:

Art.5º - Todos são iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

IV- É livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

IX- É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença.

Sendo assim, a liberdade de expressão é um pressuposto para a liberdade de pensamento, pois não há sentido assegurar-se o direito à liberdade de pensamento,

se não for garantido, também, o direito de expressar esses pensamentos. O direito à liberdade de expressão é direito fundamental, é indisponível e inato, que nasce com a pessoa, tendo ela o direito de expressar ou não seus pensamentos. O receptor desse direito é toda pessoa, inclusive a jurídica (igrejas, universidades, partidos políticos), sem qualquer distinção.

A forma de abuso de direito de liberdade de expressão que mais interessa aqui, é quando ele ocorre por meio do discurso do ódio. Isso acontece quando um indivíduo se utiliza de seu direito de liberdade de expressão para inferiorizar ou discriminar outrem. Vê-se que, para o discurso de ódio acontecer, são necessárias duas características: discriminação e exteriorização do pensamento.

Quando essa discriminação acontece contra as minorias, a dignidade da pessoa humana é ferida, ou seja, um dos fundamentos principais da Constituição Federal é infringido. Em seu artigo 3º, no inciso IV, tem-se como objetivo do país, “promover o bem-estar de todos, sem distinção de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. Finalmente, condena a prática do racismo, em seu art.5º, inciso III, definindo-o como crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão.

Vê-se, portanto, que a Constituição Federal condena qualquer prática discriminatória, intolerante, que infrinja seu artigo 5º. Não é à toa que é conhecida como a “A Constituição Cidadã”, que afirma:

Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

§ 1º - Nenhuma lei conterá dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no art. 5º, IV, V, X, XIII e XIV.

§ 2º - É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

No ano de 2018, em que a Declaração Universal dos Direitos Humanos completa 70 anos, a Constituição Federal de 1988, intitulada “Constituição Cidadã” completa 30 anos, foi feita uma reflexão sobre muitos direitos, como o direito à vida, à liberdade, e à dignidade da pessoa humana, dentre outros.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) foi aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 10 de dezembro de 1948, ainda sob os impactos das atrocidades cometidas durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Trata-se de um documento histórico que definiu, pela primeira vez, os direitos fundamentais de todo ser humano, sem distinção de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política, origem social ou nacional ou condição de nascimento ou riqueza. Nesses direitos, estão inclusos outros, como o direito à vida, à liberdade, à liberdade de opinião, e de expressão, o direito ao trabalho e à educação.

Em seu primeiro artigo, a Declaração afirma: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”.

E, em seu art.3. “Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal”.

Essa Declaração, ao completar seus 70 anos, torna-se cada vez mais relevante em um contexto de intensificação da perseguição das minorias em todo o planeta.

2.8 Onde circulam os discursos de ódio

Os discursos de ódio podem circular em todos os espaços de uso de linguagem, em situação oral, em escrita impressa ou digital, em tecnologias de informação. O ambiente da web 2.0 ganha, hoje, destaque na circulação desses discursos, dado que, se desejar, o enunciador pode se esconder por diversas estratégias ou mesmo se identificar. Nos últimos anos, tem-se observado como as mídias sociais têm potencializado discursos de ódio não só contra grupos discriminados em sociedades multiculturais, como também em classes sociais privilegiadas, para ficar em um exemplo, importante retomar o que aconteceu na família real britânica, com o casamento, em 2018, do príncipe Harry com Meghan Markle, descendente de negros. Os discursos de discriminação contra a esposa do príncipe foram tão contundentes, que levaram o príncipe a se manifestar publicamente contra as redes sociais e sua força de preconceitos racistas.

No Brasil, fatos têm apontado para ações de ódio, em paralelo ao discurso que circula na mídia. Para ficar nos acontecimentos mais recentes, um entregador que trabalha para aplicativos de serviços de alimentação foi vítima de discursos de ódio e racismo em Valinhos, interior de São Paulo. Através de um vídeo gravado em um condomínio em Valinhos, o episódio ganhou as redes sociais em agosto de 2020.

Nele, um motoboy recebe insultos racistas do cliente, desde palavras depreciativas:

“Seu lixo. Você tem inveja dessas famílias aqui” a cuspir no trabalhador, por causa de sua cor. Casos semelhantes ao ocorrido em 2020 nos Estados Unidos, em que um vídeo filmado por testemunha mostra Georgy Floyd, de 40 anos, imobilizado no chão, dizendo “não consigo respirar”. Enquanto policial mantinha joelho sobre o seu pescoço, continuam a acontecer. No Brasil, exemplo disso foi o caso de uma mulher negra de 51 anos que foi imobilizada por um PM, pisando em seu pescoço em Parelheiros, no extremo sul de São Paulo, quando estava no chão sendo imobilizada por um policial, achou que iria ser sufocada e morrer naquele momento. Teve um final menos cruel que o de Floyd.

Atos racistas são constantemente registrados e divulgados pelas diferentes mídias. O caso de injúria racial cometido por uma funcionária de uma rede de roupas, causou forte indignação no país. Ao que tudo indica, um senhor negro procurava trabalhos temporários e se apresentou para trabalhar numa festa. Para sua surpresa, recebeu a resposta de que ele não trabalharia na festa da mulher porque ela não aceitaria “macacos queimando a sua festa”. O acontecido se caracteriza como injúria racial – aquele que pode ser afixável, infelizmente. Não se sabe se ela foi denunciada pelo crime, mas suas mensagens e seu perfil foram expostos no facebook revelando onde ela trabalha.

Até quando isso irá continuar? Vale retomar uma das reflexões manifestadas em um dos textos produzidos por um grupo participante desta pesquisa: “O racismo só deixará de existir quando a humanidade estiver totalmente evoluída”. Atos com esses e tantos outros semelhantes evidenciam que, embora estejamos caminhando para a Quarta Revolução Tecnológica, muitos seres humanos não apresentam nenhum sinal de evolução e optam por serem desumanos.

Na escola, isso não tem sido diferente. A sala de aula, que deveria favorecer um bom convívio, (face à multiculturalidade que há nesse espaço), torna-se, muitas vezes, um ambiente propício a agressões físicas, verbais e psicológicas. O direito à vida é cada vez mais banalizado entre jovens que, não conhecendo as fronteiras da liberdade de expressão, destilam sentimentos de ódio, de discriminação sobre outros.

Segundo Ferreira e Camargo (2011), o espaço escolar é excludente, o que gera efeitos danosos à saúde mental das crianças negras. O estudo desses pesquisadores demonstra que as crianças assimilam em seu mundo simbólico, valores, crenças e

padrões de comportamento estigmatizados através das relações sociais. Tais relações favorecem a formação de um grupo denominado de desacreditados, formado por pessoas que possuem características potencialmente desqualificadoras, no caso, com as características fenotípicas negras.

Scholz et al. (2014), chamam atenção para o seguinte a respeito dos efeitos do racismo e discriminação racial na construção da identidade do negro:

Compreende-se que esta é construída desde a infância e no **espaço escolar** a qual pertence, devendo-se atentar para os efeitos negativos na saúde mental destas crianças, partindo do reconhecimento das dificuldades enfrentadas no sentido de construção de uma identidade étnica e racial positiva e no seu bem-estar emocional (SCHOLZ, et al., 2014, p.72, grifo nosso).

Segundo dados de pesquisa do Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico da Faculdade de Medicina da UFMG (NUPAD), no Brasil, de cada 10 jovens que se suicidam, 6 são negros. Ou seja, o número de jovens e adolescentes que cometem suicídio é maior na população negra, sendo a quarta causa de morte entre adolescentes e jovens no Brasil.

Conforme aponta a cartilha “Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016”, divulgada no início de 2019, pelo Ministério da Saúde, o sentimento de não pertencimento, de exclusão e de não aceitação de si estão entre os determinantes desse quadro.

Dizem os especialistas que sofrer racismo equivale ao baque emocional de perder um ente querido. Eu digo que esses especialistas estão certos. O problema é que isso equivale a perder um ente querido por dia, porque eu vivo isso todos os dias. Eu não posso escolher não sofrer racismo e logo depois um dia, para poder descansar. Ser negro é viver em um mundo que não deseja manter você vivo. Daí eu me lembro do pessoal que acha que política de igualdade racial é privilégio (PORTAL GELEDÉS, Depoimento de Gabriela Moura, atriz).

Tais acontecimentos apontam para um grande desafio e a urgência de análise e estudos sobre esses fenômenos, próprios do século XXI. Alguns órgãos, como o Ministério Público, ONGs e grupos da própria mídia investigam crimes cibernéticos. Por isso, medidas judiciais que obrigam a retirada de circulação dos discursos que estejam ferindo os direitos das pessoas têm sido buscadas para minimizar a situação. No entanto, a mudança não é vista de forma efetiva e, cada vez mais, no mundo virtual

e real cresce o discurso de ódio, que alimenta a xenofobia, o racismo, a homofobia e outros tipos de perseguições pelo planeta.

3. METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa, pois estuda aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano, no caso, o crescimento e a disseminação de discursos de ódio nas mídias digitais. Não almeja alcançar a generalização, mas sim, o entendimento das singularidades.

Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

Partindo da abordagem qualitativa, esta pesquisa se inscreve no campo das pesquisas de intervenção, cujo objetivo é o de solucionar um problema da vida prática, ainda que em nível micro.

O processo de formulação da pesquisa-intervenção aprofunda a ruptura com os enfoques tradicionais de pesquisa e amplia as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas, enquanto proposta de atuação transformadora da realidade sócio-política, já que propõe uma intervenção de ordem micropolítica na experiência social. O que se coloca em questão é a construção de uma "atitude de pesquisa" que irá radicalizar a ideia de interferência na relação sujeito/objeto pesquisado, considerando que essa interferência não se constitui em uma dificuldade própria às pesquisas sociais, em uma subjetividade a ser superada ou justificada no tratamento dos dados, configurando-se, antes, como condição ao próprio conhecimento (ROCHA; AGUIAR, 2003, s/p).

A pesquisa intervenção é uma forte aliada na formação de professores, uma vez que o docente que se propõe a investigar um problema que vivencia na prática, tem muitas chances de melhorar sua prática pedagógica e de contribuir com os pares, na socialização de sua experiência.

3.2 Das práticas de intervenção

As discussões em torno da linguagem permeiam todo o trabalho, destacando-se a importância de reflexões sobre seus usos, tanto na leitura como na produção textual, virtualmente ou não.

Para melhor alcançar os objetivos propostos, esta pesquisa buscou articular

professores de outras áreas do conhecimento, como História e Arte, configurando-se, dessa forma, como uma pesquisa de natureza multidisciplinar e transversal.

Alguns temas, como o racismo, muitas vezes são evitados na escola, por serem polêmicos e darem muitas controvérsias ou até mesmo por um pensamento errôneo por parte de educadores em achar que tocar em tais assuntos, pode ofender ou causar constrangimentos em alguns que se enquadram naquelas características. Além disso, o professor, em geral, é pouco preparado para fazer essa discussão. Ele mesmo costuma ser muito preconceituoso e reproduz acriticamente na sala de aula os discursos de seu convívio social. Tais atitudes não diminuem sua incidência. Pelo contrário, acabam sendo propagados e ganhando forças, de maneira indireta, por meio de piadas de mau gosto, ou até mesmo passando despercebidos em muitos ambientes. E o que é pior: Muitas vezes, quem presencia esses acontecimentos, em vez de denunciar ou advertir os agressores, prefere silenciar. É preciso de falar de racismo na escola para que a sociedade possa ser menos racista. É um dever da escola promover espaços e momentos para debates, reflexões e articular uma maior interação entre os discentes. Essas exigências têm uma finalidade: elas procuram tornar o sujeito visível (enquanto autor) com suas intenções, objetivos, direção argumentativa.

3.3 Os alunos participantes

Os alunos que fizeram parte desta pesquisa, estavam, em sua maioria, na faixa etária entre 13 e 14 anos, cursando o nono ano do Ensino Fundamental, moradores nas vilas militares da Aeronáutica, em cuja localidade situa-se a escola. Embora a grande maioria fosse de classe média, havia três ou quatro alunos de pertencimento social desfavorecido. Havia também alunos fora da faixa etária e sempre, em reuniões pedagógicas, muitos professores reclamavam da indisciplina e falta de interesse de grande parte dos alunos. Também havia alguns com problemas emocionais e histórico de depressão. Nesse cenário, o projeto foi proposto, os alunos e seus responsáveis tomaram conhecimento da proposta e assinaram os termos de consentimento e assentimento. De um modo geral, a maioria da turma se envolveu com as atividades, principalmente, quando eram diferenciadas das que estavam acostumados no cotidiano.

3.4 A professora-pesquisadora

Pensei em escrever minha história a partir de minha formatura, que é quando iniciei minha carreira como profissional da Educação. No entanto, não posso deixar de mencionar quando tudo realmente se iniciou.

Minha primeira professora foi uma pessoa incrível: determinada, batalhadora, empenhada em ensinar. Essa mulher é minha mãe: Maria Marcial da Rocha. Ela trabalhava durante o dia, com o ensino fundamental e à noite, no Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), na área rural do município de Simonésia, onde morávamos, na Fazenda Marcial, (córrego São Vicente). Aos quatro anos de idade eu, às vezes, a acompanhava nessas aulas noturnas, por ser próximo da nossa residência e acontecer em um período mais curto. Lá, diante do seu esforço em ensinar, em pouco tempo, eu juntava as sílabas e lia as palavras. Por isso, nem sempre eu não podia ir com ela, pois atrapalhava os adultos que mal conseguiam ler as sílabas. Essa professora, admirável, me acompanhou até a quarta série, atual quinto ano. Concluí o Ensino Médio em Manhuaçu e a graduação na FAFIC (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caratinga- MG), em 1994. Em 1997 me mudei para São João do Manhuaçu e lá trabalhei na rede estadual de 1997 a 2018. Em 2010, fiz uma Especialização na UFMG, em Ensino da Leitura e Produção de Textos.

Nessa época, tive o privilégio de conhecer professores inesquecíveis, como a Professora Doutora Delaine Cafiero Bicalho, Doutor Wander Emediato, Dra. Regina L.Péret Dill'Isola, Dra. Maria Zilda e muitos outros que contribuíram para uma mudança de pensamento que me conduziram a práticas mais eficientes. Durante mais de duas décadas de trabalho, sempre fiquei incomodada com a falta de criticidade de muitos de meus novos alunos, a cada ano, além do fato de, muitas vezes, não ser trabalhada a leitura, produção de textos desde os anos iniciais, sendo esse um dos motivos pelo qual muitos alunos chegam aos anos finais do ensino fundamental sem saber ler, interpretar e argumentar. Além disso, não raras vezes, na sala de aula, já presenciei situações de mau uso da linguagem, em que ela era empregada para ofender, humilhar, ou diminuir o outro. Já erreí, ao evitar tratar de certos temas na escola, como

o racismo, para não causar constrangimentos entre os que faziam parte dessa ou daquela etnia. Mas isso não diminuía os casos de preconceito racial contra negros na escola. Em 2017, fui aprovada no Mestrado em Letras na UFMG e vi uma oportunidade de buscar respostas para meus questionamentos e aprimoramentos para minhas práticas como educadora, além de uma chance de poder, efetivamente, ajudar meus alunos no que se referia às discriminações que presenciei na sala de aula e também no que se refere a práticas modernas de leitura, escrita e argumentação no discurso. O que mais almejava era, com isso, poder ajudar meus alunos a serem mais reflexivos e, assim, tornarem-se mais inclusos na sociedade.

No Mestrado, em março de 2018, nossa primeira aula foi com uma professora Leiva de Figueiredo Viana Leal. A cada aula que tínhamos com ela, saíamos encantados e eu, especialmente, com vontade de ser uma profissional melhor, um ser humano melhor. Saíamos de suas aulas intrigados, pensativos, reflexivos. Às vezes, até um pouco apavorados, por termos que pensar em um problema que nos intrigasse em nossas práticas educativas para desenvolvermos a pesquisa. Isso era muito difícil, pois os desafios eram tantos: deficiências em leitura, interpretação, escrita, ausência de atitudes éticas.

Entretanto, dentre todas as questões, a que mais me incomodava eram os discursos de ódio contra pessoas negras na sala de aula. Eu tomava algumas atitudes quando presenciava tais discursos, mas não via mudança efetiva. Isso, talvez, porque as raízes desse problema eram mais profundas, diante dos outros. Por anos, presenciei esses discursos preconceituosos, nas várias escolas por onde passei. Mas, pelo menos agora, contaria com alguém para me ajudar a elaborar estratégias para delimitar e procurar descobrir quem são esses sujeitos, que vozes são essas, como desconstruir o que já está naturalizado há anos em uma sociedade multicultural como a nossa. E qual não foi a minha surpresa ao saber que minha orientadora seria a inesquecível e primeira professora do Mestrado, assim como tantos outros que vieram depois dela. O tema escolhido para a pesquisa foi a desconstrução dos discursos de ódio na formação do sujeito reflexivo na escola. No decorrer da pesquisa, procuramos saber que sujeitos são esses, quais são os ditos e não ditos em suas falas, o que precisa ser esclarecido em relação ao contexto histórico do país, qual é a noção de autoria e como esse autor se revela nos discursos.

Nessa trajetória, iniciei meu contato com as palavras, livros e professores, sendo educada por minha mãe e também professora, e agora, concluindo o Mestrado,

formada por professores deste programa. Só uma questão continua me intrigando: Aqueles problemas de leitura e interpretação e escrita que eu presenciava há quase meio século, quando tinha quatro anos e percebia, quando ia com minha mãe ao MOBRAL, continuam em salas de aulas de crianças e adolescentes. Há um grande número de mal alfabetizados e iletrados que, embora vivam conectados nas diferentes mídias, apresentam dificuldades em ler, em escrever, em falar e em compreender o que leem. São os deserdados do direito constitucional defendido pela Carta Magna de 1988: a LIBERDADE, pois só é livre quem tem competência para ler, interpretar, analisar, inferir, comparar, refutar, contrapor, questionar, responder.... Enfim, ser um sujeito reflexivo.

3.5 O perfil da escola

A pesquisa aconteceu na E.E. Tiradentes, em Lagoa Santa, a qual fica situada dentro de uma área Militar Federal, de propriedade da Aeronáutica e atende, prioritariamente, os filhos desses militares e outros filhos de civis, moradores no entorno dessa área militar. Trata-se de uma escola pequena, bem organizada, que preza pela disciplina e tem comprometimento com uma educação de qualidade. Há dificuldades, como a maioria das escolas no estado mineiro e em outras federações do país, como ausência de uma infraestrutura adequada, necessidade de ampliação de prédios antigos, além de outros. Tem profissionais capacitados e comprometidos com o ensino de qualidade e pais participantes, inclusive é a única escola estadual de que eu tenho conhecimento que tem uma Associação de Pais atuantes. Só no ano passado, essa Associação promoveu diversas melhorias para a escola, como bebedouro, máquina de xerox, reformas de espaços internos e externos e outros mais.

Durante a aplicação das oficinas, a escola disponibilizou o Datashow na sala de aula para os alunos participantes e contribuiu com algumas cópias de atividades xerocadas também para as oficinas.

3.6 Procedimentos

Foram elaboradas atividades para que os alunos entendessem o papel da linguagem como meio de interação e de como ela está inserida em textos verbais, não verbais, multimodais, tanto na oralidade como na escrita. Assim, foram explorados

textos da esfera jornalística, impressos, midiáticos, para que os alunos, a partir das leituras e das interpretações desses gêneros variados, fossem construindo elementos para futuras análises quanto ao discurso de ódio. Paralelamente, eles iam deixando impressos, por meio de produções iniciais, seus conhecimentos sobre o contexto histórico da escravidão no Brasil. Desse modo, refletiam sobre como o racismo muitas vezes passa despercebido em ações do cotidiano.

Na sequência, foram feitas leituras, debates, registros sobre a autobiografia de Baquaqua, o único relato de que se tem conhecimento, em que um ex-escravo registra sua travessia, desde a saída da África, passando pelo Brasil onde conseguiu fugir para os EUA: um achado histórico. “Uma interessante narrativa: biografia de Mahommah G. Baquaqua”, em tradução livre, lançado assim mesmo, em inglês, pelo próprio ex-escravo, em Detroit, no ano de 1854, em plena campanha abolicionista nos EUA. A obra jamais foi traduzida para o português, permanecendo desconhecida por mais de um século e meio do público brasileiro, até que em 2016 a Biografia de Mahommah G. Baquaqua foi publicada no Brasil. O Professor pernambucano Bruno Vêras participou dessa atualização e tradução da obra sobre Baquaqua.

Após a leitura da biografia de Baquaqua, seguiram-se debates, registros escritos, opiniões e argumentos, relacionando e confrontando passado e presente. Em seguida, os alunos assistiram a um filme e as atividades prosseguiram no mesmo modelo anterior, garantindo inserção do aluno em culturas midiáticas distintas que, por sua vez, revelam distintos contextos históricos-sociais, sendo realizadas seis oficinas na disciplina Língua Portuguesa e 3 oficinas nas disciplinas História e Arte num total de 36 horas-aula.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES DE INTERVENÇÃO

4.1 O instrumento diagnóstico

Antes do desenvolvimento das atividades de intervenção, foi aplicada uma atividade diagnóstica. É importante analisar as condições de produção nas quais esse instrumento diagnóstico foi respondido. As respostas foram produzidas dentro de uma escola, para uma professora, dentro de uma sala de aula e, embora tenham respondido ao questionário individualmente, os alunos discutiram entre si sobre o que lhes foi perguntado. Essa contextualização é relevante, tendo em vista que há, inconscientemente, uma preocupação de que estão escrevendo para alguém e sabem quem vai ler. Isso poderia coibir, de certo modo, as respostas e a maneira de se expressarem. Não foi o que aconteceu, uma vez que foi possível perceber discursos de ódio, pelo menos em relação a algumas questões como estupro, cotas raciais, aborto, corrupção e superlotação do sistema carcerário. O mais citado foi contra os estupradores. Em seguida, os de maior inserção foi o sistema de cotas raciais. Em terceiro lugar, as pessoas que cometem o aborto, quarto os corruptos, e em quinto lugar, os detentos que superlotam o sistema carcerário.

Em relação ao lugar em que esses discursos discriminatórios e ofensivos mais aparecem, foi observado, também, nas respostas dos alunos, que esses discursos são mais percebidos por eles: 1º nas redes sociais, 2º na escola. 3º na família, 4º na rua e 45% dos alunos consideram que é nas redes sociais que mais se percebem os discursos de ódio

Importante observar que esta é a percepção dos alunos. Foram exatamente a partir dos indícios dessa percepção que essa pesquisa se iniciou, tendo sido observado, pelo professor pesquisador, que o racismo acontece sim, com frequência na sala de aula e de forma naturalizada, assim como tem sido cada vez denunciado nas diferentes mídias. O problema está no fato de que os alunos não se percebem racistas e acham normal ter tratamentos diferenciados ou fazer brincadeiras de mal gosto na sala de aula, motivados pelo racismo. Esses resultados retratam bem que é mais fácil apontar culpados do que se assumir como alguém que precisa refletir sobre suas ações. De todo modo, as respostas apresentadas apontam para uma outra preocupação: se para eles, as mídias sociais são as que mais retratam esse tipo de tratamento e que na escola e na família também circulam esses discursos, cabe a ambas o papel de formar indivíduos reflexivos, conscientes e capazes de não se deixarem levar por manipulações presentes nos diferentes espaços onde esses discursos circulam.

Há constatação inequívoca de que os discursos de ódio têm-se disseminado

em ambientes virtuais e reais, como em redes sociais e escolas. Os resultados do diagnóstico aplicado nesta pesquisa reforçam a minha preocupação em relação à formação humana dos alunos. Vê-se que, no âmbito escolar, uma das formas dessa linguagem de ódio é pela prática do preconceito racial contra negros, cujas manifestações físicas ou verbais, diretas ou indiretas, têm provocado efeitos sociais negativos, como aumento do número de suspensões e da taxa de evasão escolar, sofrimento psicológico, como depressão e ansiedade, isolamentos, exclusão social, podendo elevar os riscos ao suicídio pelas vítimas, como já dito antes.

4.2. As oficinas de intervenção

OFICINA 1 – Produção de texto

Objetivo: Produzir um texto de opinião sobre Cotas Raciais no Brasil.

(O texto aqui solicitado serviu de ponto de partida e ponto de chegada na organização da sequência didática.)

1º ATIVIDADE: ATIVIDADE PRODUZIDA EM DUPLAS

Produção de Texto

Prezado aluno, sua tarefa será produzir um texto opinativo a respeito do tema Cotas Raciais no Brasil. Seu texto será publicado na Seção Opinião do Jornal de sua cidade. Para isso, apresente seu ponto de vista sobre o tema, suas ideias e seu modo de entender a questão.

Leia, para começar, dois pontos de vistas sobre o assunto que representam o cenário maior do debate sobre Cotas Raciais

- As **cotas raciais** nas universidades, são reservas de vagas para o ingresso de cidadãos pretos, pardos e indígenas. Em uma sociedade que historicamente privilegia um grupo racial e onde outros foram oprimidos, as cotas surgem como um importante meio de atuação contra a desigualdade social e a favor da democracia e da cidadania.

Fonte: Carta Capital, 19 de junho de 2019

- Cotas raciais tendem a dividir negativamente as sociedades onde são implantadas, gerando ódio racial e ressentimento

Fonte: Texto do Sociólogo **Bernardo Lewgoy**.

TEXTO I

A cota racial só disfarça o problema

Editorial do jornal A Gazeta do Povo, em 27/04/2012

"O simples critério racial tende a provocar uma perigosa distorção. Diferencia os brasileiros pela cor da pele e não pelos méritos do conhecimento acumulado nos bancos escolares. Logo, talvez mais importante que estabelecer o impreciso regime de cotas raciais é o investimento que cabe ao governo fazer para melhorar a qualidade do ensino público básico, de tal modo que brancos e negros, ricos e pobres alcancem condições iguais de acesso aos níveis de graduação universitária. Pensar em estabelecer cotas raciais sem ao mesmo tempo dar solução ao problema principal é o mesmo que eternizar a aplicação de um remédio apenas paliativo, que deveria ser encarado como transitório. Que se adote a cota racial como um passo, mas nunca como o único e permanente. Há outro passo urgente: a universalização do ensino de qualidade. Este, sim, é o canal para diminuir as desigualdades, diferentemente do outro, que acentua as diferenças baseado em ultrapassados, moderna e cientificamente inaceitáveis conceitos de raça"

Fonte: https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/editoriais/a-cota-racial-so-disfarca-o-problem-a-2_8epqfjdu1wt1gkir63nka4u/

TEXTO II

Cotas

A chance de ter um diploma de graduação aumentou quase quatro vezes para a população negra nas últimas décadas no Brasil. Depois de mais de 15 anos desde as primeiras experiências de ações afirmativas no ensino superior, o percentual de pretos e pardos que concluíram a graduação cresceu de 2,2%, em 2000, para 9,3% em 2017.

Apesar do crescimento, os negros ainda não alcançaram o índice de brancos diplomados. Entre a população branca, a proporção atual é de 22% de graduados,

o que representa pouco mais do que o dobro dos brancos diplomados no ano 2000, quando o índice era de 9,3%. Os dados são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Por Débora Brito – Repórter da *Agência Brasil*. Brasília. Publicado em 27/05/2018

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-05/cotas-foram-revolucao-silenciosa-no-brasil-afirma-especialista>

TEXTO III

“Eu sou esperançoso de que a política de cotas, mesmo com seus problemas, ao final consiga um êxito. Que a gente consiga tornar a presença negra um pouco mais significativa nesses espaços tão historicamente embranquecidos”, disse Nelson Inocêncio.

Marcelo Camargo/Agência Brasil

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-05/cotas-foram-revolucao-silenciosa-no-brasil-afirma-especialista>

Inicialmente, os alunos foram informados de que iriam produzir um texto de opinião e que o que seria levado em conta, seriam os seus posicionamentos e as justificativas desses posicionamentos. A primeira dúvida que tiveram foi sobre a estrutura do texto, número de linhas e qual gênero. Após alguns esclarecimentos e orientações, distribuí as propostas para lerem, silenciosamente e começarem as produções dos textos. Assim que leram textos recortados de revistas, com diferentes gêneros, mas um mesmo tema (o sistema de cotas raciais no Brasil), para que eles identificassem o que, para que, para quem e onde esses discursos circulam, muitos alunos me chamaram na carteira para perguntarem sobre o funcionamento do sistema de cotas, pois faltava-lhes informações sobre esse assunto. Após pesquisarem, em casa, retornaram, no dia seguinte, com textos de jornais e revistas (editoriais e artigos de opinião), recortados por eles e condizentes com o tema trabalhado em sala de aula.

Na escola, fizeram trabalhos em grupos com recortes de outros textos de revistas, separando os que eram do mesmo gênero textual, identificando estruturas, temas e argumento, com a finalidade de se apropriarem de subsídios para escrever. Após essas atividades em grupos, fizeram uma produção de textos, posicionando-se

contra ou a favor das cotas raciais, por meio de um artigo de opinião. Nessa atividade, o mais relevante para nossa pesquisa foi captar os argumentos e suas valorações e não tanto a estrutura do texto. Nos textos motivadores, havia diferentes posicionamentos de pessoas a respeito do assunto e, após a leitura desses textos e nos textos produzidos, apresentaram argumentos favoráveis e contrários acerca das cotas raciais. Foi possível perceber que, enquanto lia o texto, alguns comentavam com colegas próximo, que achavam que leis que oferecem direitos, como as cotas são um absurdo.

Dos textos apresentados, foram retirados alguns fragmentos, apresentados a seguir:

Quadro 1: Pontos de vista apresentados por alunos

Aluno 1: “O sistema de cotas raciais no Brasil não é tão eficiente nem dá igualdade a todos.”

Aluno 2: “É uma forma de diminuir preconceitos e integrar todos aos mesmos privilégios dos brancos.”

Aluno 3: “As pessoas dão falsas inclusões aos negros.”

Aluno 4: “Temos que lutar para que os direitos sejam igualitários.”

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Nota:

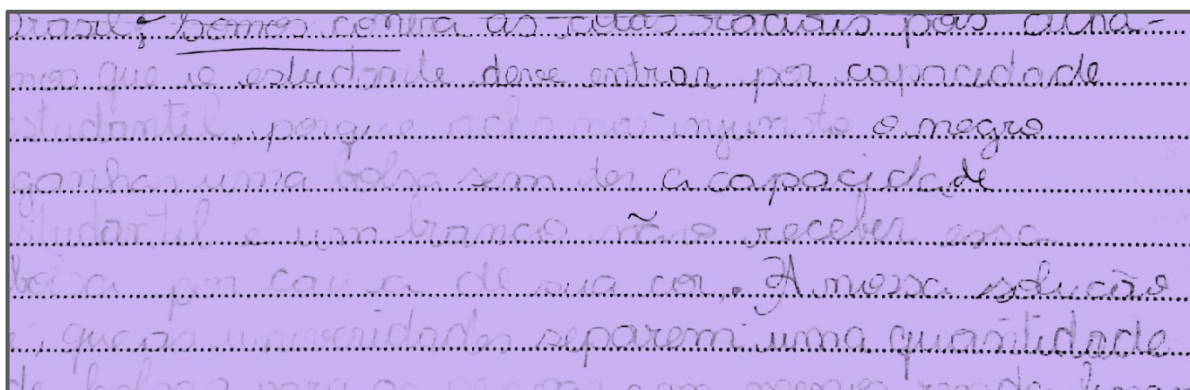
Alguns textos de alunos se encontravam sem legibilidade, sendo que a maioria escreve a lápis, o que nos levou a transcrevê-los. Outros puderam ser xerocados, mesmo assim, nem sempre as cópias ficaram legíveis.

Figura 1: Pontos de vista que indiciam Racismo

Embora existam pessoas que sejam a favor das cotas, que garantem benefícios a alguns grupos raciais, não acho justo uma pessoa receber benefícios por sua etnia ou cor de pele. Se as cotas foram feitas para deixar justo esse sistema, eu acho errado, ninguém deve ser prejudicado ou muito menos beneficiado perante a lei.

“... Não acho justo uma pessoa receber benefícios por sua etnia ou cor da pele...”

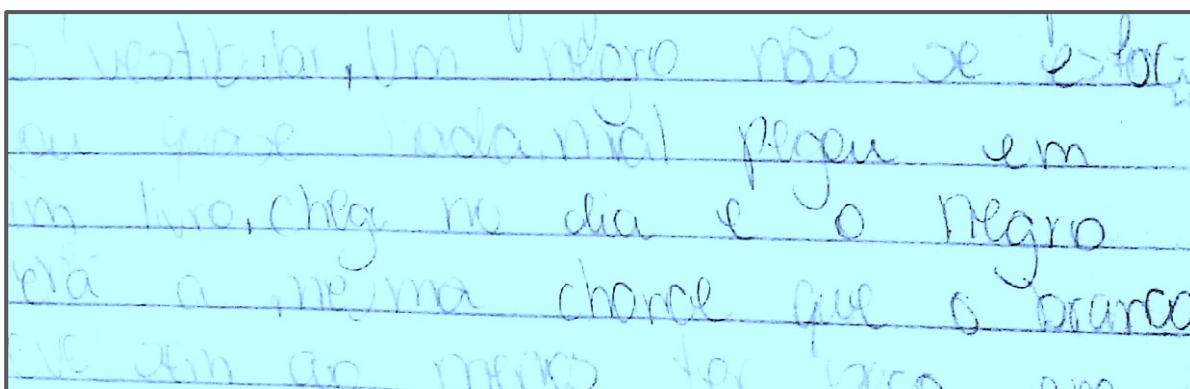
Figura 2: Pontos de vista que indiciam discurso da meritocracia:



Brasil, beném contra as cotas raciais pois achamos que o estudante deve entrar por capacidade acadêmica, porque achamos injusto o negro ganhar uma bolsa sem ter a capacidade acadêmica e um branco não receber essa bolsa por causa da sua cor. A mesma educação que a universidade separa em uma quantidade de bolsas para os negros e para os brancos...

“...Somos contra as cotas raciais, pois achamos que o estudante deve entrar por capacidade acadêmica, por que achamos injusto o negro ganhar uma bolsa sem ter capacidade”

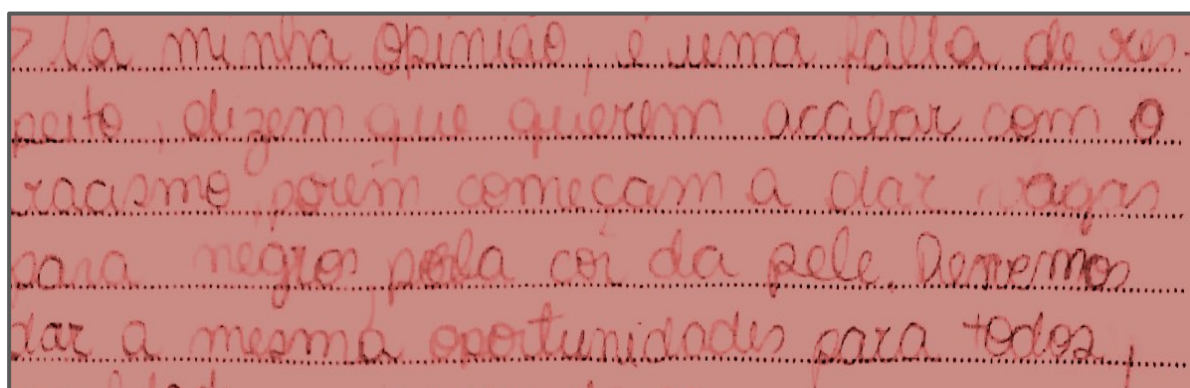
Figura 3: Pontos de vista que indiciam Racismo



o vestibular, um negro não se esforça quase nada e mal pegou em livro, chega no dia e o negro tem a mesma chance que o branco...

“... um negro não se escolarizou quase nada e mal pegou em livro, chega no dia e o negro tem a mesma chance que o branco...”

Figura 4: Pontos de vista que indiciam Racismo



Na minha opinião, é uma falta de respeito, dizem que querem acabar com o racismo, porém começam a dar vagas para negros pela cor da pele. Devemos dar a mesma oportunidade para todos...

“... Na minha opinião, é uma falta de respeito, dizem que querem acabar com o racismo, porém começam a dar vagas para negros, pela cor da pele. Devemos dar a mesma oportunidade para todos...”

4.2.1 *Leitura analítica das respostas dos alunos*

- 1) “... Não acho justo uma pessoa receber benefícios por etnia ou cor da pele...”
- 2) “... Somos contra as cotas raciais, pois achamos que o estudante deve entrar por capacidade estudantil, por que achamos injusto o negro ganhar uma bolsa sem ter capacidade”
- 3) “... um negro não se escolarizou quase nada e mal pegou em livro, chega no dia e o negro tem a mesma chance que o branco...”
- 4) “... Na minha opinião, é uma falta de respeito, dizem que querem acabar com o racismo, porém começam a dar vagas para negros, pela cor da pele. Devemos dar a mesma oportunidade para todos...”

Iniciamos nossa leitura analítica pela primeira resposta acima:

1) “... **Não acho justo uma pessoa receber benefícios por etnia ou cor da pele...**”

Amossy (2018, p. 131), afirma que os dados discursivos são, frequentemente, indiretos ou implícitos, dispersos e lacunares. Aqui, é possível perceber um implícito nessa fala: Esse aluno se refere ao que é ou não justo. No entendimento dele, pelo que lhe foi ensinado pela sociedade, principalmente, família e escola, fica claro que há uma fala racista. Ele não se refere, aos benefícios recebidos pelas pessoas de forma generalizada. Mas, especificamente, ele não acha justo um negro, ou um índio receber algum benefício por essa condição étnica. É como se os direitos dados aos negros ou leis que protegem índios, ou até mesmo as mulheres contra a violência, fossem criadas de modo aleatório, simplesmente, por serem pessoas que passam por muitos problemas. Para exemplificar, e esclarecer melhor esse implícito, a Lei Maria da Penha foi criada, quando uma mulher (brasileira), denunciou, na ONU, os casos de agressões sofridas por ela e que as leis brasileiras não tomaram as devidas providências. Ou seja, quando se criam leis, estas relacionam-se com fatos passados, muitas vezes com a finalidade de corrigir alguma injustiça sofrida por uma ou mais pessoas.

Amossy (2018, p. 85), lembra o pensamento de Maingueneau (1993, p. 38) sobre a maneira como o locutor elabora imagem de si no discurso. O autor afirma que aquilo que o orador pretende ser, ele dá a entender e ver: ele não diz que é simples e honesto, ele o mostra por meio de sua maneira de se expressar. Assim, o

ethos está associado ao exercício da fala, ao papel que corresponde a seu discurso, e não ao indivíduo “real”, apreendido independentemente de sua comunicação oratória.

Conscientemente, ou não, a pessoa escolhe o que dizer e como dizer. E ao fazer isso, utiliza a linguagem para revelar-se. Sobre isso, Amossy (2018, p. 85) entende que para conferir certo status suscetível de legitimar o seu dizer, o enunciador deve se inscrever em uma cena de enunciação. Ele faz isso mais facilmente, porque cada gênero de discurso comporta uma distribuição prévia de papéis. Dentro da cena da enunciação, o locutor pode escolher, mais ou menos livremente, sua cenografia, a saber, um roteiro preestabelecido que lhe convém e que lhe impõe, logo de início, certa postura.

2) “... Somos contra as cotas raciais, pois achamos que o estudante deve entrar por capacidade estudantil, por que achamos injusto o negro ganhar uma bolsa sem ter capacidade”.

Esse trecho do texto de opinião (realizado em duplas) representa que, provavelmente, trocaram opiniões sobre o assunto e chegaram a essas conclusões. Aqui, nessa resposta, há um pressuposto de que o negro ganha algum prêmio sem ter capacidade. O fato de dizer “sem ter capacidade” já é um juízo de valor depreciativo. Amossy (2018, p. 86), diz que a inscrição do sujeito no discurso não se efetua somente por meio dos traços de contenção do desejo de fala e dos traços da subjetividade na linguagem (modalizadores, verbos e adjetivos axiológicos). Isso se faz, também, pela ativação de um tipo e de um gênero de discurso nos quais o locutor ocupa uma posição antecipadamente definida e pela seleção de um roteiro familiar que serve como modelo para a relação com o alocutário.

Fazendo uma analogia, aqui, também com a situação de desigualdade de gênero, é o mesmo que dizer que não se acha justo uma mulher ganhar o mesmo salário que um homem, sem ter capacidade. As noções de justiça de um aluno, muitas vezes, estão muito limitadas ao seu repertório sociocultural. É preciso que a escola traga esse a vida dos alunos para a sala de aula e seja um ambiente de discussões, debates, análises críticas, lugar de espaço para que o aluno seja ouvido até mesmo para opinar sobre o que ele espera desta instituição de ensino em que ele passa tantas horas por dia. E, cabe ao professor oferecer subsídios para que haja a

formação do pensamento reflexivo na escola. Sem isso, estaremos entregando à sociedade, homens e mulheres que não têm conhecimento de seus direitos, seus limites, de que é preciso respeitar os outros e não fazer julgamentos infundados.

3) ...” um negro não se escolarizou quase nada e mal pegou em livro, chega no dia e o negro tem a mesma chance que o branco...”

Nesse discurso, fica claro a veia racista, vinda talvez de longos anos, por mais de séculos, principalmente no Brasil. O enunciador, ao construir seu discurso, edifica também uma imagem de si. É essa imagem que será chamada *ethos* do enunciador. Aristóteles diz, em um passo da Retórica que é o *ethos* (caráter) que leva à persuasão, quando o discurso é organizado de tal maneira que o orador inspira confiança. Confiamos sem dificuldade e mais prontamente nos homens de bem, em todas as questões, mas confiamos neles, de maneira absoluta, nas questões confusas ou que se prestam a equívocos. No entanto, é preciso que essa confiança seja resultado da força do discurso e não de uma prevenção favorável a respeito do **orador**. Aqui, na comparação ao branco, fica claro, nesse discurso, que o branco pode ter chance. E o negro? Descendentes de tantos que foram humilhados, trabalharam sem receber salário e muitas vezes nem comida o suficiente, dormiam mal, se vestiam mal, viram seus filhos crescerem sem muita perspectiva de um futuro diferente dos deles. Essas são marcas de um passado que deveria ser esquecido, mas será lembrado cada vez que for associada a cor da pele à falta de capacidade. As políticas públicas que visam promover igualdade, normalmente, baseiam-se em dados estatísticos, provas concretas para que, havendo um tratamento diferenciado, tenha maior igualdade. Quanto a isso, Amossy (2018, p. 131), faz referência a estereótipos, ou seja, de construtos discursivos para determinar as imagens do outro e de si que circulam em certa comunidade. Ela vem, nesse sentido, precisar o lugar-comum do qual constitui um aspecto particular na medida em que designa uma representação social, que é o prisma por meio do qual os interlocutores percebem os membros de um grupo estrangeiro ou a sua própria identidade. Como lugar comum ou ideia preconcebida, o termo estereótipo está tomado por um forte coeficiente de pejoração. Historicamente, os negros antes e depois da abolição da escravatura, realmente quase não se escolarizaram, pois só os brancos tinham esses privilégios. Com a democratização do ensino público, é que muitos conseguiram superar tais dificuldades. Entretanto, isso não foi o suficiente para erradicar os casos de injustiças e promover a inserção de tal

etnia no ensino superior, sendo provado que o afunilamento de oportunidades é maior para negros e de baixa renda. Essas e outras discussões precisam vir à tona. Quantos negros trabalharam para patrões brancos, sofreram acidentes de trabalhos, envelheceram e não tiveram um tratamento digno depois de derramarem suor, sangue e lágrima?

4) “.... Na minha opinião, é uma falta de respeito, dizem que querem acabar com o racismo, porém começam a dar vagas para negros, pela cor da pele. Devemos dar a mesma oportunidade para todos...”

Analisando o discurso acima, de alunos que participaram da pesquisa, podemos buscar em Roland Barthes (1975, p. 203), outra definição do *ethos*. Segundo esse autor, [...] “o *ethos* é, no sentido próprio, uma conotação. O orador enuncia uma informação e, ao mesmo tempo, afirma: eu sou isso, eu sou aquilo”. Para Fiorin (2017, p. 70), o *ethos* é uma imagem do autor, não é o autor real: é um autor discursivo, um autor implícito. Sendo assim, nessa análise do discurso do aluno, mais uma vez, o discurso de ódio, talvez não tão claro, devido às condições de produção (escrever em uma sala de aula, para um professor ler). Mas as expressões “falta de respeito...” e “...começam a dar vagas para negros...” Indiciam, pressupostamente, um racismo implícito em suas falas. Fiorin (2017, p. 38), faz referência a subentendidos, uma forma de inferência semântica, é uma informação cuja atualização depende da forma de comunicação. Assim, analisando a fala do aluno, percebe-se que há subentendidos, discursos incutidos, em que são dadas pistas com as expressões “falta de respeito” e “... dar vagas para negros”. Ele não diz oferecer, oportunizar, e sim “dar” vagas.

Provavelmente, representa a indignação de uma pessoa ao entender que dar vagas para negros, pessoas que não poderão ser inseridos na sociedade por meio de benefícios que visam corrigir, pelo menos um pouco, os erros do passado. Talvez, esse aluno precise saber que não se trata de dar vagas aos negros e sim devolver oportunidades aos descendentes de outros que construíram o país e não estão mais aqui para receber o nosso abraço e pedido de desculpas pelas atrocidades pelas quais passaram e provocadas por homens brancos, senhores de engenhos e donos de minas gerais e que enriqueceram com o sangue e suor de tantos negros valentes e desbravadores. Algumas respostas acima chamam a atenção para o racismo implícito, assim como a fala de muitos que se dizem não racistas. Observando essas

respostas, são perceptíveis determinadas visões de preconceito contra o negro e que, em sua maioria, de tanto serem repetidas, se naturalizaram.

Um texto diz mais do que está na superfície, pois ele não somente transmite conteúdos explícitos, mas também conteúdos implícitos, marcados no enunciado ou na situação de comunicação, que apreendemos ao fazer inferência. Os conteúdos implícitos podem ser pressupostos ou subentendidos (FIORIN, 2017, p. 37).

Esse autor, faz uma diferenciação entre posto e pressuposto. Para ele, enquanto o conteúdo explícito será denominado posto, o conteúdo implícito desencadeado pela formulação do enunciado, independentemente da situação de enunciação, será cognominado pressuposto. Ele continua: Enquanto o posto é questionável, o pressuposto é verdadeiro ou tomado como tal, pois se ele fosse falso, os conteúdos explícitos não fariam nenhum sentido. Por fim, o autor diz que o uso do pressuposto é um forte recurso argumentativo, uma vez que ele conduz a aceitar certas ideias do enunciador. Entretanto, Fiorin (2017, p. 37) afirma também que introduzir um ponto de vista, sob a forma de pressuposto, torna o interlocutor cúmplice da perspectiva do enunciador, pois o que é pressuposto não está na discussão, é apresentado como algo certo.

Sobre isso, Orlandi (2009, p. 30) entende: “os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz”. Já Fiorin, (2016) diferencia palavras de enunciados. Segundo esse autor, as unidades da língua, aquelas que não pertencem a ninguém, não têm autor. Por isso, as relações entre as unidades da língua são relações semânticas ou lógicas (por exemplo, as relações de sinonímia e antonímia); já os enunciados têm autor. Por isso revelam uma posição. Se ao dizer, por exemplo, incompetente, trata-se apenas de uma unidade da língua sem estar direcionada a ninguém. Fiorin, (2016, p. 26), deixa bem claro isso: “As unidades da língua são neutras, enquanto os enunciados carregam emoções, juízos de valor, paixões...” “Os enunciados têm sentido que é sempre de ordem dialógica”. A palavra *incompetente*, não é endereçada a ninguém, está disponível para caracterizar qualquer um. Quando ela é assumida por alguém e ganha um acabamento específico é que ela se converte em enunciado e, portanto, passa a ser dirigida a alguém.

Infelizmente, no Brasil e em outras partes do mundo, existe forte visão

preconceituosa contra o negro, que persiste desde a época do tráfico de escravos africano. Com o passar dos anos, os negros tiveram muitas conquistas, como liberdades consolidadas e pelo artigo 5º da Constituição Federal brasileira de 1988, o qual defende os direitos fundamentais dos cidadãos e torna o racismo um crime inafiançável e imprescritível. No entanto, essas conquistas não foram suficientes para erradicar os casos de violência contra pessoas negras, sejam de caráter verbal, físico, psicológico (até mesmo quando há desprezos), o que é comum na sala de aula e em outros ambientes. Nesse sentido, Orlandi (2009, p. 30) afirma sobre os dizeres como efeitos de sentido: “... Esses sentidos têm a ver com o que não é dito, e como o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele”. Assim, se por um lado, o que está sendo dito pelos alunos tem efeitos de sentido e pode ser analisado como uma postura contrária a esse sistema, racista, preconceituosa, isso evidencia que se faz necessário um maior conhecimento sobre o contexto histórico em que tais políticas públicas foram implantadas e com quais objetivos. Só por meio da conscientização, da reflexão, haverá possibilidades de mudança da postura discriminatória em relação aos negros.

A escola tem deixado muitas lacunas nesse sentido. Assim como algumas habilidades são ensinadas na escola, também a reflexão deve ser uma meta e deve estar contida nas práticas modernas. A escola ensina leitura, produção textual, cálculos, mas também deve ensinar linguagem. Ensinar sobre como ela tem poder. E que em qualquer ambiente, principalmente nos virtuais, as pessoas podem dizer muitas coisas, mas não devem dizer qualquer coisa. Assim como a humanidade evolui, a linguagem evolui. Mudam-se os suportes, os gêneros discursivos, mas o que continua são as relações de linguagem.

Nesse sentido, vale destacar o pensamento de Orlandi (2009, p. 21): “As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeitos de sentidos entre os locutores”.

Não é difícil entender que, para o aluno que ainda não desenvolveu um pensamento reflexivo, faltam-lhe argumentos persuasivos que justifiquem seus posicionamentos. Muitos reproduzem discursos alheios e preconceituosos para com os negros, com palavras ofensivas e negação de direitos deles. Tudo isso se passa como se fosse natural essa visão discriminatória contra os negros, justificado na abordagem de Orlandi (2006, p. 9):

A interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação. Mais interessante ainda é pensar os diferentes gestos de interpretação, uma vez que linguagens, ou as diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos.

Comentário:

Falta pensamento reflexivo porque falta informação, ou a informação é equivocada. Como têm sido, ao longo do tempo as aulas de História? As aulas de sociologia, ética. O que esses alunos sabem sobre a escravidão no Brasil? Como eles estudaram a escravidão? Fico curiosa para saber como esses alunos se identificam? Se consideram brancos, pardos ou negros? Que tipo de discriminação eles mesmo já não sofreram para chegar a essas falas tão perversas?

OFICINA 2 – Produção de texto**Objetivo:**

- Perceber intencionalidades discursivas nos textos lidos;
- Refletir sobre liberdade de expressão;
- Vivenciar compartilhamentos de experiências com a linguagem.

2ª ATIVIDADE: TRABALHO EM EQUIPE**Proposta**

1. Observem cada um dos gêneros discursivos(gêneros textuais) abaixo e procure perceber os efeitos que o texto deseja despertar no seu leitor/interlocutor.

Texto I

Fonte: www.quadrinhosacidos.com.br

Texto II



A mulher de Júlio Cocielo, a youtuber Tata Estaniecki, foi ao baile da Vogue com uma máscara que simulava um instrumento de tortura usado contra escravos.

Fonte: <https://grupocachosbrasil.wordpress.com/2015/11/20/dia-da-consciencia-negra-preconceito-ainda-existe/>

Texto III



Fonte: <https://grupocachosbrasil.wordpress.com/2015/11/20/dia-da-consciencia-negra-preconceito-ainda-existe/>

1) Responda às questões abaixo:

a) Onde esses textos circulam?

b) Quem se enuncia e para quem se enuncia?

- Texto II
- Texto III

2. Após a identificação das intencionalidades discursivas, respondam às questões abaixo:

2) Que elementos ou pistas lexicais, semânticas, semióticas, linguísticas ou outros recursos comprovam os efeitos que o texto deseja produzir?

3) Observem o texto II e respondam:

As pessoas têm a liberdade de dizer o que pensam nas redes sociais e nas outras mídias?

() sim () não

Justifique a resposta

Levantamento em grupo:

4) Que espaço é esse onde as pessoas se sentem no direito de falar o que querem, ocultando-se atrás de nomes falsos, de nomes inventados e mostrando o pior que o ser humano tem?

4.2.2 Leitura analítica das respostas das atividades

A fim de colhermos posicionamentos, a sala foi organizada em grupos de cinco ou seis os alunos para discussões e consensos sobre suas respostas. Houve divergências de opiniões nos grupos e, por isso, se subdividiram e formaram duplas ou trios. Foi possível perceber que esse tipo de atividade acaba ajudando na interação, socialização e respeito às divergências de opiniões. Nessa atividade, alguns alunos tiveram um pouco de dificuldade de entender o que significavam algumas expressões como interlocução, por não estarem familiarizados com essas expressões. Sendo assim, então o melhor é que se faça a pergunta diretamente para que os alunos saibam o que precisam fazer; por exemplo, pode-se perguntar quais expressões apontam pistas para a intenção de quem produziu tais discursos.

O objetivo principal era fazer com que os alunos percebessem, nos discursos, intencionalidades, implícitas e subentendidas. Primeiro fizeram leituras e comentários entre os membros do grupo e em seguida, iniciaram a escrita das respostas. Enquanto discutiam, foi possível perceber que o que mais gerou divergência entre os membros de alguns grupos, foi a pergunta sobre liberdade de expressão (pergunta 5), que questionava se as pessoas têm o direito de dizerem o que querem. Além disso, embora sejam alunos que estão sempre conectados nas redes sociais, nem todos perceberam intencionalidades discursivas em alguns textos que circulam nas redes sociais. Tais fatos evidenciam o quão ingênuos alguns de nossos alunos podem ser

e o que é pior, nesse caso, ficam mais suscetíveis a manipulações, seja pelas mídias digitais ou impressas e até mesmo pelo no convívio com outras pessoas. Aqui, também, se fazem presentes os implícitos e subentendidos, que precisam ser ensinados na escola para que esse aluno perceba essas intencionalidades e, a partir disso, posicione-se e apresente seus argumentos.

Primeiramente, observando o discurso de Júlio Cocielo, o qual é um *influencer* digital, chama a atenção para a necessidade de gestão de imagem e carreira para *influencers* e *youtubers*. A fala de Cocielo é ainda mais comprometedora, pois no início de 2017, sua mulher, a youtuber Tata Estaniecki, passou pela mesma situação. Ela foi ao baile da Vogue com uma máscara que simulava um instrumento de tortura usado contra escravos.

Quando abordada sobre o assunto, sua justificativa foi: **“É uma homenagem aos escravos”**. Para perceber a intencionalidade discursiva, na fala desse *influencer*, talvez o aluno precisasse trazer seu conhecimento de mundo acerca dessas discussões e polêmicas divulgadas pela mídia, envolvendo também sua esposa. Entretanto, depois de toda repercussão que teve na época, não seria possível que o Cocielo fizesse um comentário desses, sem imaginar que poderia ofender alguém e ser interpretado como o que foi: Um comentário racista.

Ao serem questionados sobre do que os textos tratam, a maioria dos alunos respondeu que se trata de racismo contra negros nas redes sociais conforme os indicadores abaixo:

- 9 alunos responderam que se trata de preconceito. (Sem fazer referência a que tipo de preconceito)
- 13 alunos responderam que se trata de preconceito contra negros; 2- responderam que se trata de discurso de ódio;
- 18 alunos responderam que se trata de racismo contra negros nas redes sociais. 6 deixaram em branco.

Gráfico 1 – Percepção dos alunos

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Ao serem questionados sobre o que os textos denunciavam, foram apresentadas algumas respostas:

- Xingamentos;
- Comentários desnecessários de pessoas que distribuem ódio por aí;
- Preconceito contra pessoas negras que se tornam médicos;
- Racismo contra negros;

Observa-se que o percentual de respostas demonstra que os alunos conseguiram chegar ao tema. Ao serem questionados se concordavam ou não com as ideias apresentadas, 99% responderam simplesmente que não, porque todos têm direitos iguais.

- Um aluno respondeu que não e que devemos repudiar toda e qualquer ação de preconceito, independentemente de qual seja.

Figura 5: As pessoas têm o direito de dizer o que quiserem?

As pessoas têm a liberdade de dizer o que pensam nas redes sociais e na

sim () não

Justifique sua resposta

Tempo previsto: 2 h/aula-

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Uma explicação:

A pergunta acima foi feita com o objetivo de perceber o ponto de vista e argumentos dos alunos sobre os discursos racistas apresentados na atividade 02, texto III.

Quando questionados sobre o que é “Liberdade de Expressão”, ao acharem que as pessoas têm o direito de dizerem o que quiserem, uma porcentagem significativa de alunos disse que sim, conforme gráfico abaixo. Com isso, endossam, implicitamente, as atitudes de Youtuber Júlio Cocielo, de sua mulher, acima, usando uma fantasia que remete aos instrumentos de tortura aos escravos e também a todos os outros discursos que são ou não apresentados na nessa unidade. Isso evidencia que nem todos têm conhecimentos sobre o que é “liberdade”, um dos direitos fundamentais, defendidos pela carta magna do país, a Constituição Federal de 1988.

Quadro 2: Respostas dos alunos

Aluno 1 “Livre arbítrio. Podem expressar o que quiserem. Tem essa liberdade.”

Aluno 2 “Sim. As pessoas não têm consciência de que o que elas postam irá afetar o outro.”

Aluno 3 “Não se sabe sobre o sentimento e a vida delas.”

Aluno 4 “Sim. Pois vivemos em uma democracia e todos têm a liberdade de expressão.”

Aluno 5 “Sim. Eles têm o direito de dizer o que pensam. ”

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

No geral, 26 alunos responderam que sim, desde que não ofendam os outros; 12 responderam que sim e 9 responderam que não.

O que essas respostas apontam? Inicialmente representam um retrato das tensões que existem na sociedade. Além disso, confirmam que a linguagem tem poder e é portadora de sentidos e de ações.

Revelam que discursos de ódio, também estão naturalizados nas diferentes mídias, o que faz, desses espaços digitais, campos abertos para discursos racistas. Rojo (2009, p. 82), explica que o pressuposto depende do contexto. Não pode ser asseverado como necessariamente ligado ao dito. Segundo essa autora, essa teoria – a da semântica argumentativa – desenvolveu-se aprofundando certas noções, modificando outras, mas mantém o fato de que o não-dito é subsidiário ao dito. De alguma forma, o complementa, acrescenta-se. A autora diz, também, que de todo modo, sabe-se que, ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam.

A escola precisa preparar os alunos para leitura dos ditos e dos não ditos, do explícito e do implícito, o que exige esforços de intervenção adequada e sistematização de atividades que conduzam à inferência. É preciso entender que: “A linguagem tem poder. Seja de qualquer tipo (gestos, palavras, imagens, músicas)”. “Essa linguagem é portadora de sentido e de ações. Só que não temos clareza de quais efeitos isso provoca nas pessoas. Ela produz uma ação sobre o outro, com quem eu dialogo.

Orlandi (1988), considera que a própria unidade do texto é efeito discursivo que deriva do princípio da autoria. Dessa maneira ela atribui um alcance maior e que especifica o princípio da autoria como necessário para qualquer discurso, colocando na origem da textualidade. Em outras palavras, um texto pode até não ter um autor específico, mas pela função-autor, sempre se imputa uma autoria a ele.

Trabalhando a articulação interioridade/exterioridade, o sujeito “aprende” a assumir o papel de autor e aquilo que ele implica. A esse processo Orlandi (1988) chama de assunção da autoria. Segundo ela, o autor é o sujeito que, tendo o domínio de certos mecanismos discursivos representa, pela linguagem, esse papel na ordem em que está inscrito, na posição em que se constitui, assumindo a responsabilidade pelo que diz, como diz etc.

A assunção da autoria implica uma inserção do sujeito na cultura, uma posição

dele no contexto histórico-social. Aprender a se representar como autor é assumir, diante das instâncias institucionais, esse papel social na sua relação com a linguagem: constituir-se e mostrar-se autor.

A análise aqui, primeiramente, é no tocante à argumentação, em que se percebe que as respostas giram em torno do sim ou não, sem nenhum argumento que justifique esse ponto de vista, pois além de ser mais cômodo não ter que fundamentar opiniões, muitos não o sabem fazer. Tais acontecimentos têm, como consequência, um despreparo com a linguagem, tanto oral, como escrita por parte de uma grande maioria dos alunos das escolas brasileiras, acentuando o iletrismo e a anulação de alunos como sujeitos de linguagem.

Liberdade de Expressão X discursos de ódio

Outra análise nas respostas dos alunos às questões nessa oficina é sobre a lei de -“Liberdade de Expressão”- Sendo assim, percebe-se que não há uma clareza quanto a qual lei nem ao que significa a lei de liberdade. Além disso, em uma das respostas é possível perceber que um aluno pensa que, embora não tenham o direito de dizerem o que querem, conseguem fazer isso. Esse é um ponto a se pensar: Por que conseguem dizer? O que lhes tem facilitado isso? Uma das hipóteses pode ser o fácil acesso e o suposto anonimato que as redes sociais oferecem. Mas o principal é a falta de reflexão sobre suas ações e empatias para com o outro.

Apenas 1% por cento respondeu que as pessoas podem dizer o que quiserem, mas devem estar cientes do impacto que as palavras podem ter. Esta resposta se aproxima de um dos objetivos perseguidos nessa intervenção, pois a “Liberdade de Expressão” é um direito defendido, no Brasil, pela Constituição Federal de 1988. No entanto, é preciso que o sujeito seja reflexivo no uso dessas mídias, respeitando a outro, consciente dos impactos que essas palavras podem ter.

Embora uma grande percentagem de alunos afirme que as pessoas têm o direito de falar o que quiserem, desde que assumindo as consequências de suas palavras, bem como que as pessoas não têm esse direito; confrontando as respostas acima com outras ditas pelos mesmos alunos em outras oficinas, observa-se que, embora alguns digam que repudiam o racismo contra negros; analisando seus discursos, vê-se que não é bem assim na vida real. Alunos apresentam preconceitos indiretos, como em uma resposta em que um aluno diz que é a favor de direitos para negros, *apesar da cor*. É importante lembrar que isso é uma introjeção sociocultural,

fruto de crenças, de ideias e de representações. Esses alunos estão em processo de desenvolvimento e acabam sendo mais influenciados do que propriamente donos dos seus discursos.

Bakhtin (2003), valoriza a fala, a enunciação e afirma sua natureza social, não individual: a fala está indissolúvelmente ligada às condições da comunicação, que por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais. Para Bakhtin:

A palavra não pertence totalmente ao locutor, uma vez que ela se situa numa espécie de zona fronteira, cabendo-lhe, entretanto, uma boa metade, pois em um determinado momento, o locutor é incontestavelmente o único dono da palavra, que é então sua propriedade inalienável. É o instante do ato fisiológico da materialização da palavra (BAKHTIN, 2003, p.113).

O problema se acentua quando se observa certa frieza entre jovens e adolescentes, principalmente quando estão nas mídias digitais. O uso das novas tecnologias digitais, tal como se vê hoje, tem favorecido a divulgação de palavras ofensivas, por meio das quais muitos destilam seus ódios sobre os outros. Dentre as várias explicações para a expansão desse fenômeno podem estar o suposto anonimato, a ausência de um interlocutor presencial e o isolamento no momento de construir raciocínios argumentativos. Isso perpassa e inclui o ambiente escolar de maneira crescente. Depois de publicadas, essas palavras tomam uma proporção maior e a sensação de impunidade abre espaços para a sua ampliação.

Sujeitos do discurso de ódio traduzem uma enunciação às avessas, por produzirem acontecimentos discursivos que, embora não se repitam do mesmo modo, conseguem atravessar as fronteiras da enunciação.

Fiorin, (2015, p. 26) entende que o primeiro sentido da enunciação é o de produtor de enunciado. Já Anscombre e Ducrot (1976, p. 18) afirmam: “A enunciação será para nós a atividade linguageira exercida por aquele que fala no momento em que fala”. E continuam: “Ela é, portanto, por essência, histórica, da ordem do acontecimento e, como tal, não se reproduz nunca duas vezes idêntica a si mesma”. Mas se reproduz nas redes, como um mistério. As marcas da enunciação presentes no enunciado permitem reconstruir o ato enunciativo.

Se por um lado, a enunciação, no dizer de Fiorin (2015), conduz a uma formação dos sujeitos para o uso efetivo da linguagem, com fins discursivos democráticos e humanizadores; por outro lado, vê-se que a enunciação dos discursos de ódio evidenciam justamente o contrário disso, pois é perceptível uma

ausência dessa competência nos discursos dos alunos, em comparação à concepção de enunciação por Fiorin(idem). Onde está uma possível resposta para essa constatação? Talvez a de que são ainda jovens em processo de formação? Jovens manipulados pelas contrapalavras do ódio e pelo acirramento ao racismo? O que enunciam, afinal? Por outro lado, é importante pensar que se nada for feito esses “jovens” vão se transformar em adultos preconceituosos e vão agir com mais violência e ódio nessa sociedade “azedada”. Desde 2013 temos assistido atônitos grupos muito jovens que assumem fazer “justiça com as próprias mãos”, no entanto, o que fazem é repetir discursos que estão fortemente arraigados a uma cultura machista, racista e violenta.

Explicação inicial sobre a Oficina 3

Após as oficinas 1 e 2, optamos por propiciar aos alunos espaços para compreender melhor a história dos negros e a origem do preconceito e da discriminação contra os negros. A ausência do conhecimento histórico (não apenas sobre a origem e as consequências da escravidão) sustentam visões empobrecidas, cegas e distorcidas de personagens, de grupos, de etnias, de sujeitos. Trazer a verdade histórica foi um desafio para essa intervenção. Desafio superado com a adesão produtiva e interativa do professor de História e da professora de Arte, em busca da desconstrução dos discursos de ódio.

OFICINA 3 – Produção de texto

Objetivo:

- Coletar percepções dos alunos sobre o contexto histórico da escravidão no Brasil;
- Apresentar-lhes outros pontos de vista sobre essa mesma narrativa, em comparação a que lhes foi apresentada pelos livros de História;
- Desenvolver transversalidade quanto ao tema tratado;
- Propiciar ampliação do pensamento reflexivo

1ª ATIVIDADE:**Antes da leitura do texto:**

Foram explicados aos alunos os objetivos do trabalho e da oficina e solicitado, primeiramente, a produção de um texto sobre a escravidão no Brasil, em que escrevessem tudo o que sabiam e pensavam sobre a escravidão.

Nessa oficina, demos início ao trabalho multidisciplinar, na perspectiva da transversalidade, primeiramente, com o conteúdo de História, com a parceria, a competência e o comprometimento do professor Glauber Regianne Ribeiro, da disciplina de História e da professora Jaqueline, de Arte. Como esses professores iam na escola somente em um ou dois dias da semana e sem muito tempo extra para uma conversa fora da sala de aula, conversamos entre um intervalo e outro e eu detalhei ao professor de História a pesquisa e conversamos sobre de que modo ele poderia se juntar a esse trabalho. De pronto ele achou muito boa a ideia e relatou que nunca concordou com uma visão única da história (contada apenas pela visão do colonizador) e nem com o tratamento desumano ao outro, como acontece no racismo. Planejamos o que cada um iria fazer e quais as etapas. A primeira etapa consistiu na solicitação de uma produção de texto sobre o que conhecem sobre a História da escravidão e sobre a escravidão no Brasil. Posteriormente, a partir do que eles produzissem, iríamos voltar a conversar para dar continuidade a atividades que os levassem ao conhecimento da história sob outros pontos de vista como o do escravizado, uma retrospectiva do trabalho escravo no Brasil e o tratamento desumano que receberam.

O professor Glauber, atento ao que acontece na sala de aula, aceitou o desafio e o fez em alto nível de comprometimento. Ressalto, aqui, a importância desse trabalho integrado, pois, por mais que eu pesquisasse, talvez não chegasse perto de quem, como o professor de História, Glauber, tem legitimidade e conhecimento para falar sobre o contexto histórico da escravidão no país e tantos outros que foram relacionados a essa temática. O propósito dessa imersão na História surgiu como um meio de investigar o repertório sociocultural dos alunos, especialmente no que se refere ao contexto histórico do trabalho escravo no Brasil. Mas a pergunta que se faz

é Quantos “Glauber” existem nas escolas? Quantos estariam dispostos a fazer um trabalho dessa natureza? Até que ponto a escola, em sua organização e espaços, permite esse tipo de trabalho?

O que se sabe é que os problemas aqui apresentados são recorrentes em muitas ambientes e ainda mais no contexto escolar. Esses discursos de ódio proferidos contra negros, que persistem em algumas culturas, na contemporaneidade, e, em especial, na sociedade brasileira e que ganham forças desde o período colonial não têm tido espaço de discussões na sala de aula e esse debate não tem encontrado, apesar de leis do MEC orientarem trabalho nesse sentido, a atenção que merece.

É imprescindível conhecer a história para não repetir os erros do passado. Se não conheço, se não me informo e nem reflito sobre os acontecimentos reais que levaram ao horror da escravidão, como não repeti-los?

Sabe-se que o preconceito racial acontece até mesmo quando nenhuma palavra é dita, mas quando, por meio de outras expressões da linguagem, ele se manifesta. Isso pode ser até mesmo isolamentos ou silenciamentos, conforme afirma Orlandi (2009, p. 82):

O não-dizer tem sido de reflexão de alguns linguistas dos quais tomo como exemplar o trabalho desenvolvido por O. Ducrot (1972). Distinguindo, na origem de sua reflexão, como diferentes formas de não-dizer (implícito), o pressuposto e o subentendido, este autor vai separar aquilo que deriva propriamente da instancia da linguagem (pressuposto) daquilo que se dá em contexto (subentendido). De todo modo, sabe-se por aí que, ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam.

Primeiramente, nas aulas de Língua Portuguesa, os alunos foram informados sobre os trabalhos que seriam desenvolvidos e os objetivos do projeto integrado entre os conteúdos de Português, História e Arte. Após uma reunião, alguns pais assinaram e permitiram que seus filhos assinassem os termos de Consentimento e Assentimento. Outros, preferiram pensar melhor, mas depois concordaram e assinaram.

O professor Glauber, de História, após a sondagem feita por meio da produção do texto, promoveu debates, preparou aulas com dissertação expositiva, slides, leituras da biografia de Baquaquá, o personagem chave das atividades das aulas de História.

A opção por esse personagem de grande personalidade e de forte caráter para lutar pela liberdade decorre da sugestão nos passada pelo professor Doutor José Eustáquio de Brito, da UEMG, quando da qualificação do mestrado. Sem essa contribuição não chegaríamos à tão valiosa escolha. Trata-se do único relato escrito que se tem conhecimento, sobre um ex-escravo que saiu da África, viveu no Brasil, sendo vendido a mais de um dono, e fugindo para os EUA, onde adquiriu sua liberdade e escreveu esse livro.

a) Capa da primeira publicação



b) Apresentação da edição no Brasil

O livro de memórias deixado por ele, *An interesting narrative. Biography of Mahommah G. Baquaqua (Uma interessante narrativa. Biografia de Mahommah G. Baquaqua*, em tradução livre), publicado em 1854, nos EUA, revelou detalhes da passagem por Olinda e se tornou alvo de um estudo inédito do pesquisador pernambucano Bruno Vêras. A pesquisa foi publicada como livro pela editora Civilização Brasileira.

Samuel Moore. Diário de Pernambuco

Publicado em: 13/05/2015 13:13 atualizado em: 13/05/2015 15:30.

c) Fragmento da obra. Trecho na voz do Baquaqua

Imagino que, em toda a criação, haja apenas um lugar mais horrível do que o porão de um navio negreiro, e esse lugar é aquele onde os donos de escravos e seus lacaios muito provavelmente se encontrarão algum dia. (M. G. Baquaqua, 1854 - (tradução - UNICAMP 2016- Editora Civilização Brasileira).

d) Capa do site do Projeto Baquaqua- UNICAMP

PROJETO Baquaqua

Home ♦ Fontes Históricas ♦ Vídeos ♦ Downloads ♦ Equipe ♦ Links

♦ **Apresentação**



Ele nasceu livre. Mahommah Gardo Baquaqua, como muitos outros africanos escravizados nas Américas, teve uma cidade natal, uma família e em alguma parte de sua juventude sofreu com a violência da guerra. Ele foi escravizado e exportado através do porto de escravos mais importante na África Ocidental, o porto de Uidá (Whydah) no reino de Dahomey. Foi então enviado para o Brasil em um tumbeiro (navio negreiro) e descarregado em uma praia no norte de Pernambuco em 1845. Naquela época, o comércio transatlântico de escravos já era proibido no Brasil. Logo, por lei, sua condição de escravo já seria ilegal.

Baquaqua foi primeiro escravo de um padeiro em Pernambuco. Depois de tentar tirar sua própria vida ele foi vendido para um capitão de navio no Rio de Janeiro, com o qual viajou ao longo da costa brasileira, especialmente ao Rio Grande do Sul. Durante uma viagem a Nova York

♦ **Busca Rápida**

Ache

B Baquaqua M. G.
407 curtidas

Curtir Página Compartilhar

Seja o primeiro de seus amigos a curtir isso.

PATROCÍNIO E APOIO

Ministério da Cultura GOVERNO FEDERAL **BRASIL** PATRIA EDUCADORA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO YORK UNIVERSITY

THE HARRIET TUBMAN INSTITUTE



Pesquisadores estiveram em locais por onde Baquaqua passou em busca de documentos sobre ele, como a Ilha de Itamaracá (Foto: Bruno Vêras / Acervo pessoal)

Fonte: Katherine Coutinho / G1.

e) A narrativa

A população brasileira teve acesso, após 160 anos, da sua publicação original. Dando continuidade ao trabalho de tradução iniciado pela pesquisadora Silvia Hunold Lara, da Universidade de Campinas, ainda em 1988, os historiadores brasileiros Bruno Vêras e Nielson Bezerra, com apoio do Ministério da Cultura e do governo do Canadá, e sob a orientação do pesquisador canadense Paul Lovejoy, responsável pelo relançamento recente da biografia em inglês, publicada em janeiro de 2017, pela Editora Civilização Brasileira.

De origem mulçumana e vindo de Benin, Mahommah Gardo Baquaqua foi trazido ao Brasil, em 1845, poucos anos antes da promulgação da Lei Eusébio de Queirós (1850), que proibiu o tráfico negreiro. Foi escravizado, inicialmente, em Pernambuco, mas após uma tentativa frustrada de suicídio, razão pela qual foi brutalmente violentado foi novamente vendido a um traficante de escravos, mandado para o Rio de Janeiro, onde passou a trabalhar com o transporte de café. Num dos deslocamentos feitos a bordo do navio *Esperança*, aportou em Nova Iorque e lá conseguiu fugir.

Partiu para o Haiti, converteu-se ao cristianismo e retornou, em 1850, aos Estados Unidos. Aprendeu inglês o suficiente para ler e escrever cartas, quando, em 1854, publicou sua autobiografia em Detroit com a ajuda do editor Samuel Moore.

Após a publicação, foi para o Canadá e a Inglaterra.

Embora, o último registro de sua passagem tenha se dado no porto de Liverpool, Véras suspeita que ele tenha ainda retornado à África, mais precisamente para Lagos, Nigéria.

Além da publicação da edição brasileira dos relatos de Baquaqua, a dupla de historiadores lançou o Projeto Baquaqua, sítio eletrônico voltado para os/as estudantes do ensino fundamental e médio, onde eles/as poderão acessar um livro ilustrado de atividades, com o objetivo de, por meio dessa referência histórica, erguer a autoestima dos/as estudantes negros/as.

Os alunos leram um fragmento da obra, disponibilizado pela Universidade Estadual de Campinas, num total de 15 páginas.

Nos textos produzidos pelos alunos para o professor de história, inicialmente, para colher a visão que eles tinham do contexto histórico referente à escravidão no Brasil, foi observado que:

- Apresentaram pensamento reflexivo sobre o contexto histórico da escravidão: 29%
- Apresentaram pensamentos limitados e com uma visão menos analítica da realidade: 55%
- Não deixaram claros seus pontos de vista ou não responderam: 16%

Obs.: Esses dados serão retomados posteriormente para uma análise mais aprofundada.

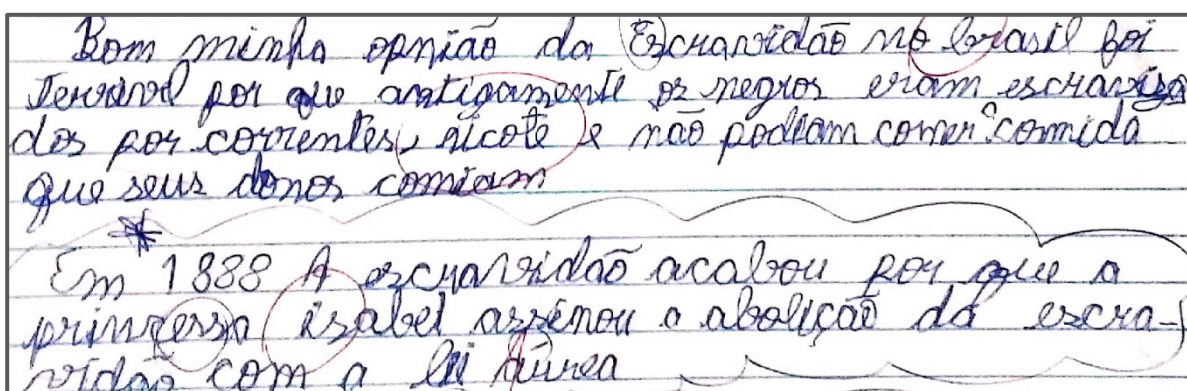
Nos textos estão ausentes, principalmente, o contexto do trabalho escravo, da exploração, do tratamento recebido pelos negros na travessia no navio negreiro até a chegada no Brasil (como uma retrospectiva). Os textos evidenciam repetição de dados históricos que lhes foram apresentados até então, pela escola e sociedade de um modo geral, ou seja, apenas a visão do explorador, com apagamentos de fatos reais, sem nunca o escravizado ter tido a oportunidade de apresentar sua versão nos registros históricos ensinados, por anos, às crianças, inclusive muitos de nossos ex-professores também nos ensinaram.

É inimaginável que um aluno, diante de tantos episódios divulgados pelas mídias sobre racismo, acredite que esse problema acabou com a assinatura da Lei Áurea. Entretanto, é preciso entender que a visão de mundo que ele tem é aquela que lhe foi passada, seja pela família, pela escola ou pela sociedade. Fiorin (2015) ao explicar sobre a importância da linguagem no projeto Bakhtiniano, afirma:

A apreensão do mundo é sempre situada historicamente, porque o sujeito está sempre em relação com outro (s). O sujeito vai constituindo discursivamente, apreendendo as vozes sociais que compõem a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas. (FORIN,2015, pág.61)

Algumas respostas demonstram um conhecimento e posicionamento muito frágeis de alguns alunos:

Figura 6: Trechos dos alunos



Quadro 3: Respostas dos alunos

Aluno 1: “Depois que a carta foi assinada e que a escravidão foi abolida, a escravidão nunca mais foi vista na sociedade brasileira”.

Aluno 2: “Começaram a escravizar pessoas negras... até que em 1888, a princesa Isabel assinou a lei Áurea para acabar com a escravidão”.

Aluno 3: “... Mas hoje em dia, isso acabou, graças a Deus. Vivemos todos em moradias e a escravidão foi abolida em 1888. Desde esse dia, somos todos iguais”.

Aluno 4: “Os escravos foram transportados em navios, todos juntos em um só local, acorrentados, sem comida e sem água. Sofreram muito com a escravidão no Brasil. Até que chegou o fim desse sofrimento e em 1888 foi assinada a lei Áurea, pela princesa Isabel”.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020

Leitura analítica das respostas dos alunos

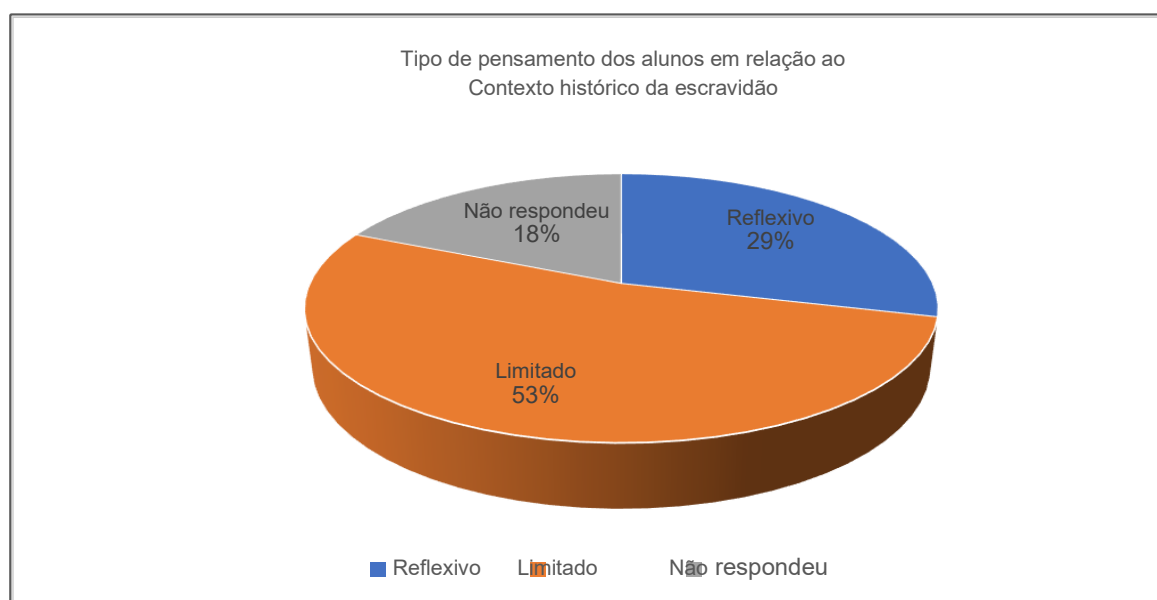
Que vozes se deixam mostrar nesses fragmentos?

Nessa atividade, foi possível observar que muitos alunos apresentaram não só um conhecimento precário da história do país, em relação ao trabalho escravo, mas também uma visão unilateral, algumas vezes equivocada e pouco reflexiva em relação à lei Áurea, assinada pela princesa Isabel.

Conforme o que foi relatado por 53% dos alunos da turma, depois que essa lei entrou em vigor no Brasil, nunca mais se viu esse evento na sociedade brasileira e a escravidão e o tratamento cruel ao negro foi extinto.

Aqui, vale lembrar que, durante a escravidão, houve diversos tipos de tratamentos humilhantes. O sofrimento dos escravos não ficou só na exploração do trabalho, mas em castigos físicos e pressões emocionais.

Gráfico 2: Pensamento dos alunos em relação ao contexto histórico da escravidão



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

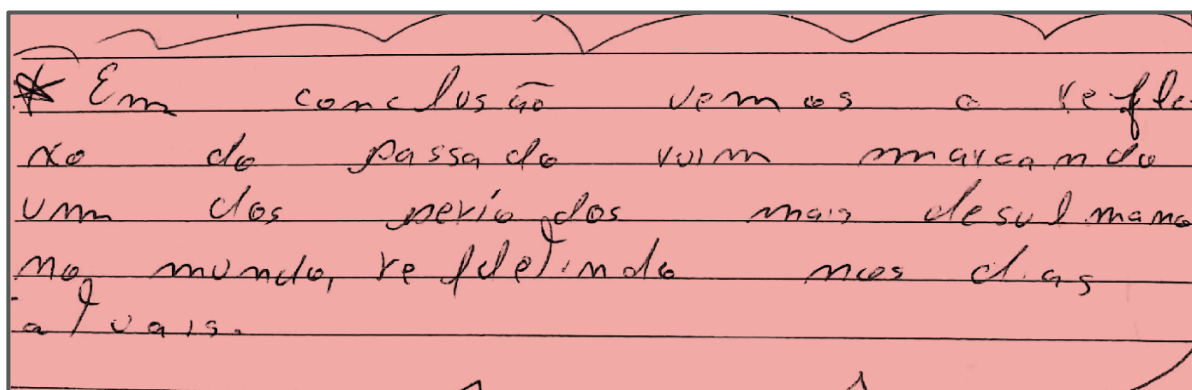
Os resultados apontam que a maioria (53%) apresenta um pensamento “limitado” ao que lhes foi apresentado pelos registros históricos, inclusive afirmando que a escravidão, no Brasil, acabou com a assinatura da Lei Áurea, pela princesa Isabel.

29% respondeu de maneira mais reflexiva, confrontando o que aprenderam com a realidade hoje. Dizendo que o preconceito vivido ainda hoje, por muitos negros é resquício desse histórico de exploração do trabalho escravo no Brasil e perpetuação de pensamentos de superioridade por muitas pessoas brancas, enraizados na nossa cultura.

18% não respondeu.

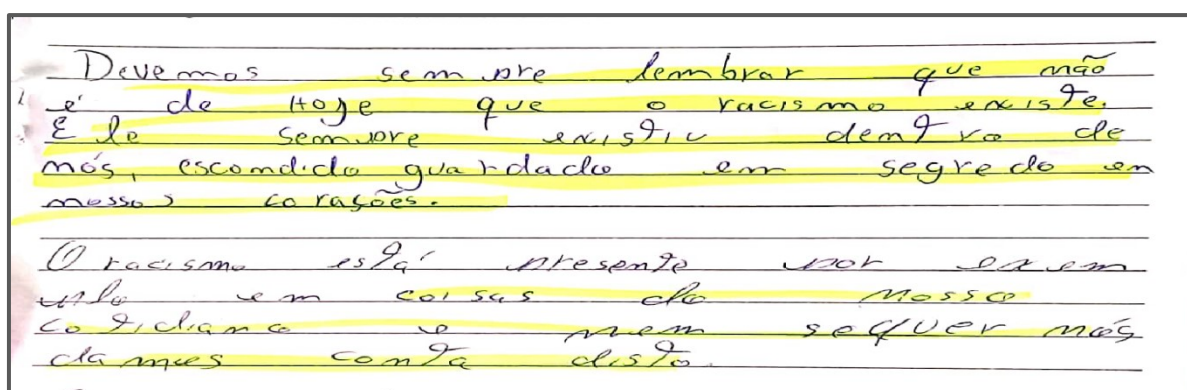
A seguir, exemplos de fragmentos de textos cujos alunos apresentam pensamento mais reflexivo, quando se toma como ponto de ancoragem a formação humana dos alunos.

Figura 7: Trechos dos alunos



* Em conclusão vemos a reflexão de passa do vim marcando um dos períodos mais desulmano no mundo, refletindo nos dias atuais.

Figura 8: Trechos dos alunos



Devemos sempre lembrar que não é de hoje que o racismo existe. Ele sempre existiu dentro de nós, escondido guardado em segredo em nossos corações.

O racismo está presente por ele está em coisas do nosso cotidiano e nem sequer nós damos conta disto.

Leitura analítica das vozes:

1- “O reflexo do passado ruim marcando um dos períodos mais desumanos no mundo, refletindo nos dias atuais”.

Esse aluno demonstra entender que o racismo é desumano há séculos, no Brasil e no mundo, pessoas ignoram que vidas negras importam. Quando uma pessoa chega nesse nível de reflexão ela é capaz de sentir empatia e torna-se um ser humano mais sociável, compreendendo e respeitando as diferenças, sejam elas étnicas, culturais, religiosas, sexuais, etárias. E isso é o melhor que a escola pode fazer para o aluno hoje.

2- “O racismo está presente por exemplo em coisas do nosso cotidiano e nem sequer nos damos conta disto”.

Nesse discurso é importante perceber que o aluno está dizendo o reconhecimento de racismos implícitos e da naturalização disso na sociedade. Percebe-se aqui, um passo importante, comparado ao que foi apresentado por muitos, inicialmente. Com efeito, muitos não se dão conta de seu preconceito velado, escondido. Talvez essa seja um dos motivos de ser tão difícil de ser denunciado e superado, uma vez que trata-se de um crime.

3- “Devemos lembrar que não é de hoje que o racismo existe. Ele sempre existiu dentro de nós, escondido, guardado em segredo em nossos corações”

Reconhecer que nem nos damos conta disso já é um grande passo para a mudança de olhar, de atitudes. Entretanto, o fato de se perceber pertencente, fazendo parte desse contexto, como no discurso acima, em que o aluno diz que “...o racismo sempre existiu dentro de nós, escondido, guardado em segredo em nossos corações” Aproveito para analisar cada uma das palavras: dentro de nós (reconhecimento) escondido (representa a sociedade, a forma como ele acontece, velado), guardado (enraizado culturalmente), em segredo (secretamente), em nossos corações (é no coração que se guarda sentimentos, tanto os bons, como os ruins) Isso significa que o racista, precisa mudar por dentro, não bastam conselhos, correções, é preciso tocar suas emoções, fazê-lo sentir a dor do outro, (como nos trabalhos desenvolvidos nessa pesquisa) em que após assistirem ao filme Homens de Honra, muitos alunos se

emocionaram. Também ao ler e ouvir um relato verídico como o de Baquaqua, a leitura de imagens tiradas de muitos livros de história e disponibilizadas na internet, passam a ter outro sentido, pois não são mais somente um contexto histórico, mas passa a ter outro significado, por que a História foi contada de outra forma, em outra versão. Sendo assim, há que se perceber que há anos a escola não faz nada para que mudanças ocorram de dentro para fora. É preciso dar conta de que isso já vem de muito tempo, mas há esperanças de uma mudança de olhar e, mesmo que não mude no cotidiano, é preciso haver mudança no olhar.

2ª ATIVIDADE:

Apresentação do livro da autobiografia de um ex-escravo, narrada em primeira pessoa, pelas disciplinas de História e Língua Portuguesa

Leitura do fragmento da biografia de um ex-escravo no Brasil (15 páginas).

https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3686

Abaixo, um fragmento do texto que antecede a biografia que foi lida e analisada pelos alunos.

1) após a leitura do texto, reflita: O que a leitura desse relato te fez refletir?

Biografia de Mahommah G. Baquaqua*

Apresentação
Silvia Hunold Lara
 Universidade Estadual de Campinas

Um dia, quando estava começando a organizar este número da *Revista Brasileira de História*, numa conversa com Peter Eisenberg, ele me disse:

“–Vou por logo as cartas na mesa. Tenho um documento incrível, mas um pouco longo, que gostaria de ver publicado em português. Posso traduzi-lo e podemos pensar em publicar parte dele na R. B. H. O que você acha?”

Ao ver do que se tratava, concordei de imediato: realmente, Peter tinha em mãos uma pequena jóia! Ele havia conseguido obter, depois de várias pesquisas e tentativas, o texto da biografia de Mahommah G. Baquaqua. Trata-se de um ex-escravo, sua vida na África, sua escravização e transporte para o Brasil, de suas experiências como escravo em Pernambuco junto a um padeiro, sua venda para o capitão de um navio que viajava até o Rio Grande do Sul, sua viagem até os Estados Unidos, da fuga para conseguir a liberdade, sua viagem ao Haiti, uma viagem de volta aos Estados Unidos e daí para o Canadá; a narrativa de uma vida extraordinária que também traz dados extraordinários sobre as experiências escravas no Brasil e nas Américas. Um documento raro, especialmente se pensarmos na escassez de testemunhos escravos *diretos* sobre a escravidão no Brasil.

Peter começou a traduzir o texto, mas não pôde terminar o trabalho. Publico, então, uma parte deste relato (justamente aquela que se refere ao Brasil), não só como uma homenagem a um amigo e colega de ofício que já se foi, mas especialmente porque testemunhei sua sensibilidade como historiador e profissional e seu desejo de ver divulgado um documento tão importante quanto este.

Esclareço que este texto foi publicado em Detroit em 1854. Está escrito na primeira e na terceira pessoa, pois o relato foi compilado e editado por Samuel Moore, engajado na luta abolicionista. Os limites desta revista não

* Mahommah G. Baquaqua, *Biography of Mahommah G. Baquaqua. A native of Zoogoo, in the interior of Africa*. Edited by Samuel Moore, Esq. (Detroit: George E. Pomery and Co., Tribune Office, 1854) pp. 40-57). Tradução: Sonia Nussenzweig.

2- Leitura da biografia de Baquaqua

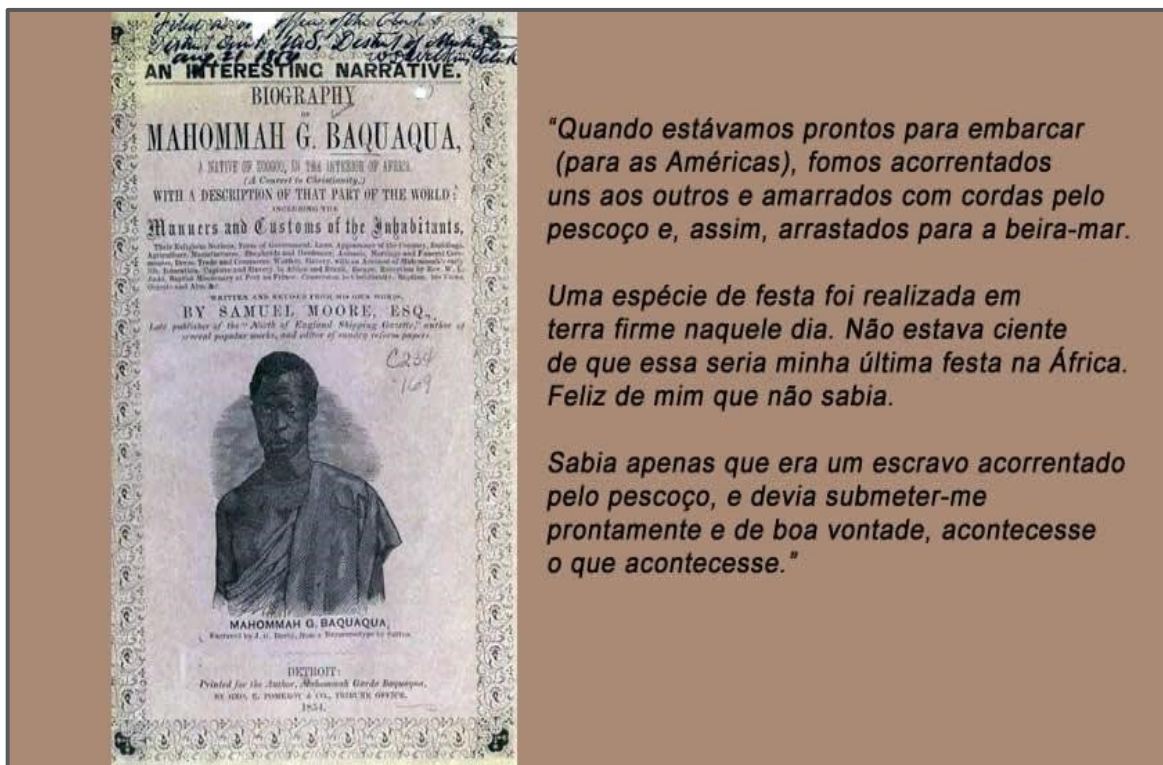
Mahommah Gardo Baquaqua nasceu na África Ocidental, no atual Benin, veio em um navio negreiro até o Brasil e, em Pernambuco, serviu de escravo a um padeiro. O ano era 1845. Dois anos depois, ele escapou. Um entre milhões de negros trazidos para as Américas, sua vida está documentada no livro *Biografia de Mahommed Gardo Baquaqua* (Ed. Uirapuru), publicado em 1854 nos Estados Unidos, em inglês – e já ganhou várias edições em português, inclusive no dia 13 de maio de 2017, ganha a publicação da sua versão em português.

Desde a saída da África até sua passagem pelo Brasil, ele relata violências físicas e também agressões verbais, pois, junto com esses castigos, e um tratamento desumano, havia uma linguagem também humilhante, palavras de baixo calão como relatado na biografia de Baquaqua, um ex-escravo. Algumas dessas palavras, ele preferiu nem dizer, ser chamado de “cachorro” por um de seus donos, quando não aguentou o peso de pedras e as deixou cair no chão, foi uma de suas lembranças.

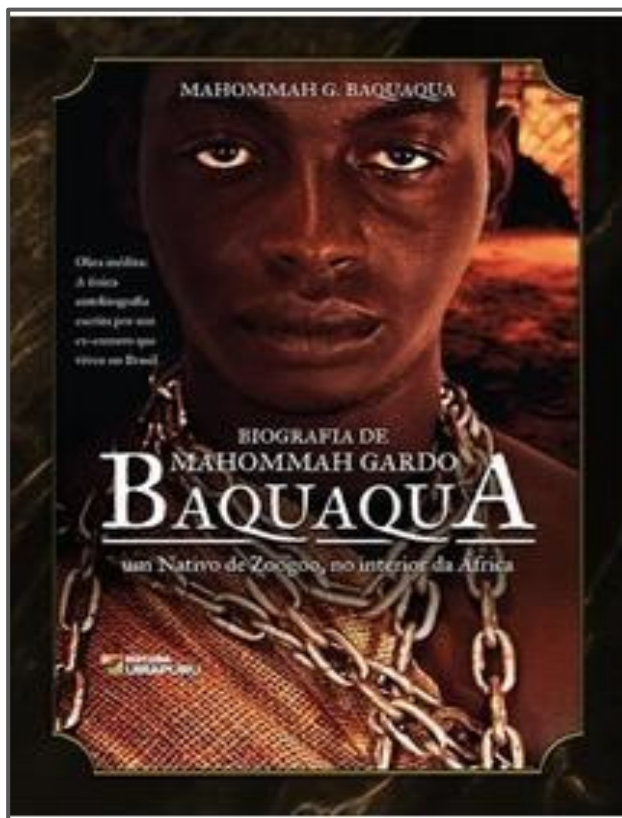
E, passados tantos anos, após a escravidão, após tudo que os negros sofreram, é justo que ainda hoje, continuem sendo insultados, principalmente por palavras?

Orlandi (2009) fala sobre assunção da autoria. Segundo ela, o autor é o sujeito que, tendo o domínio de certos mecanismos discursivos representa, pela linguagem, esse papel na ordem em que está inscrito, na posição em que se constitui, assumindo a responsabilidade pelo que diz, como diz etc. Não basta falar para ser autor, como já dito antes, a assunção da autoria implica uma inserção do sujeito na cultura, uma posição dele no contexto histórico-social. Aprender a se representar como autor é assumir, diante das instâncias institucionais, esse papel social na sua relação com a linguagem: constituir-se e mostrar-se autor.

- Trecho de biografia



- Capa vídeo trecho da narrativa da vida de Baquaqua.



-Ouviram o relato de Baquaqua (<https://g1.globo.com/educacao/video/ouca-trecho-da-autobiografia-do-ex-escrevo-mahommah-baquaqua-que-sera-lancada-em-2016-4642361.ghtml>)

- Leitura de 15 páginas da narrativa (Anexo) A parte de 15 páginas da obra foi disponibilizada pela Universidade Estadual de Campinas. Projeto Baquaqua

Após a leitura dessas 15 páginas e a audição de parte dessa narrativa, os alunos participaram de rodas de conversa para discussão do tema e de atividades multidisciplinares, envolvendo Arte e História. Embora os alunos não tenham lido toda a obra, perceberem a dor dessas pessoas que foram exploradas e que tiveram seus Direitos Humanos violados.

3ª ATIVIDADE

Após as leituras e os debates, os alunos foram incentivados a expressar suas opiniões, em duplas, sendo-lhes solicitado o seguinte:

Há algum problema relatado por Baquaqua em sua autobiografia e que ainda é visto na sociedade brasileira contemporânea?

O que mais impressionou vocês nos fatos relatados?

Abaixo, alguns fragmentos:

Aluno 1: “Na biografia de Baquaqua, descobrimos coisas que os negros passaram desde a época da escravidão até os dias de hoje. ”

Aluno 2: “A biografia me fez perceber melhor como era o mundo naquela época (década de 50), com tanta discriminação e preconceito e que muitos não respeitam outros só pela sua cor.”

1) O texto de Baquaquá retrata como é ser um escravo, o quanto sofrido é. O mais interessante é que foi escrito diretamente por um escravo, e que nos passa realmente o que ele sentiu.

Aluno 4- "Mesmo já possuindo a noção de que todos nós somos iguais, ler relatos de histórias reais não deixa de ser bastante impactante para todos nós".

Aluno 5: "A leitura da biografia me fez pensar em sermos melhores como pessoas com as quais convivemos em nosso meio".

Aluno 6: "Ler o relato de Baquaquá me fez mudar de pensamento sobre os negros, já que eles são como qualquer ser humano".

Aluno 7: "Com esses trabalhos aprendi a enxergar melhor as coisas e que muitas pessoas já sofreram de todas as formas possíveis, algumas foram guerreiras e outras nem sobreviveram, mas também foram guerreiras. Aprendi também que devemos amar o próximo, independente de qualquer coisa. "

Aluno 6: "Ler o relato de Baquaquá me fez mudar de pensamento sobre os negros, já que eles são como qualquer ser humano".

A voz que se enuncia acima nos permite levantar alguns questionamentos: "a leitura do relato o fez mudar de pensamento sobre os negros, já que eles são como qualquer ser humano".

- Antes de ler, que tipo de pensamento esse indivíduo deveria ter sobre os negros?
- Ele afirma ter mudado de ideia, já que eles são como qualquer ser humano. Será que antes dessa leitura, ele achava que os negros não eram como

qualquer ser humano?

- O que o fazia pensar diferente? Esse aluno chegou ao último ano do ensino fundamental com esse pensamento. O que a escola fez antes, para que isso mudasse? São questionamentos que a escola precisa ter conhecimento. Será mesmo que assuntos como esses devem ser evitados?

Alguns alunos fizeram as leituras em materiais impressos e outros, pela internet. Foi perceptível, tanto nas reações os alunos na sala de aula, em debates quanto nos comentários de alguns alunos, que esse relato despertou neles, a empatia. Isso é compreensível, pois conheceram um outro lado da história, puderam mergulhar em um conhecimento que lhes tinha sido negado e refletir sobre a vida de seres humanos maltratados por outros seres humanos. Nesse sentido, Orlandi (2009, p. 37), afirma que:

Se o real da língua não fosse sujeito a falha e o real da história não fosse passível de ruptura não haveria transformação, não haveria movimento possível, nem dos sujeitos nem dos sentidos. É porque a língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito, ao significar, se significa. Por isso, dizemos que a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados.

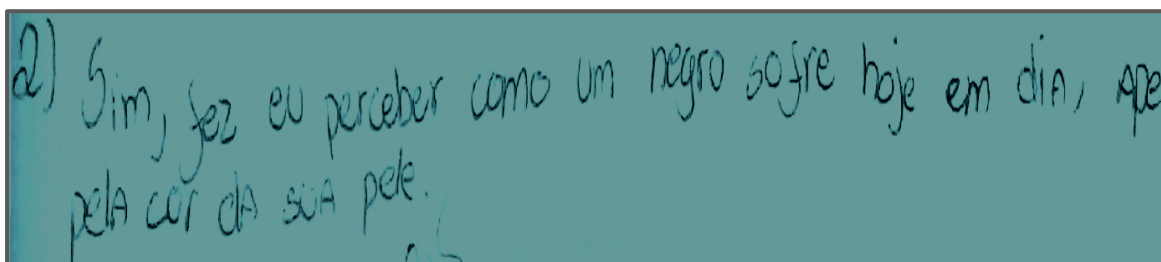
“A leitura da biografia me fez pensar em sermos melhores com pessoas com as quais convivemos em nosso meio”.

Essa frase dita por um dos alunos, mostra que, se em outros contextos sociais não há muita preocupação em desconstruir discursos racistas, na escola, tem-se um ambiente favorável a isso, sejam em aulas presenciais ou não, seja por meio de consultadas mediadas pela escola em mídias impressas ou digitais.

A escola tem um papel importante nessa ruptura com o real da história, para que haja transformação. E isso não é tarefa fácil. Ser um professor conteudista, que ensina regras, por anos a fio, usa os mesmos modelos de provas com matrizes sendo passadas de um ano para o outro, é mais cômodo do que ensinar a refletir, provocar transformação. Orlandi (2009) fala da possibilidade de movimentos dos sujeitos e dos sentidos, provenientes de rupturas e conseqüentemente de transformações. A escola precisa levar o aluno a transformações, cujo foco seja a formação do pensamento reflexivo para mudar a realidade. Nesse sentido, percebe-se que grande parte das escolas têm falhado. Há muita preocupação em formar um profissional, dar-lhe subsídios para que atue competitivamente no mercado de trabalho e, com isso, a

escola entrega à sociedade, pessoas cada vez mais individualistas e que sequer sabem fazer uso desse recurso tão rico: a linguagem. As falas dos alunos indiciam que, refletir sobre o preconceito racial contra negros, há séculos, como no contexto da escravidão, ou há pouco mais de um século e meio, como no relato de Baqueta, nos leva a perceber que eles conseguem fazer análises, inferências e analogias entre o passado e o presente.

Dentre os vários textos, eis aqui um exemplo:



Ainda analisando essa fala, na palavra “apenas” há uma denúncia de que não há outro motivo maior, apenas, exclusivamente, simplesmente por ter essa ou aquela cor, a pessoa recebe um tratamento que, muitas vezes, ultrapassa a moral e os valores éticos. Esse aluno, depois de alguns trabalhos, percebeu (com o coração) o sofrimento de muitos negros hoje. Ou seja, o texto (fragmento do livro), trata do sofrimento no passado, em outro contexto, em outro momento histórico. Entretanto, dizer que essa leitura o fez perceber como um negro sofre hoje em dia, mostra que ele conseguiu estabelecer relações entre passado e presente.

4ª ATIVIDADE

LEITURA DE IMAGENS

Objetivos:

Ajudar os alunos a visualizar algumas imagens que retratam memórias do tratamento aos escravos no Brasil colonial;

Analisar marcas da escravidão no Brasil (castigos físicos)

Apresentação do Porto de Valongo - RJ)

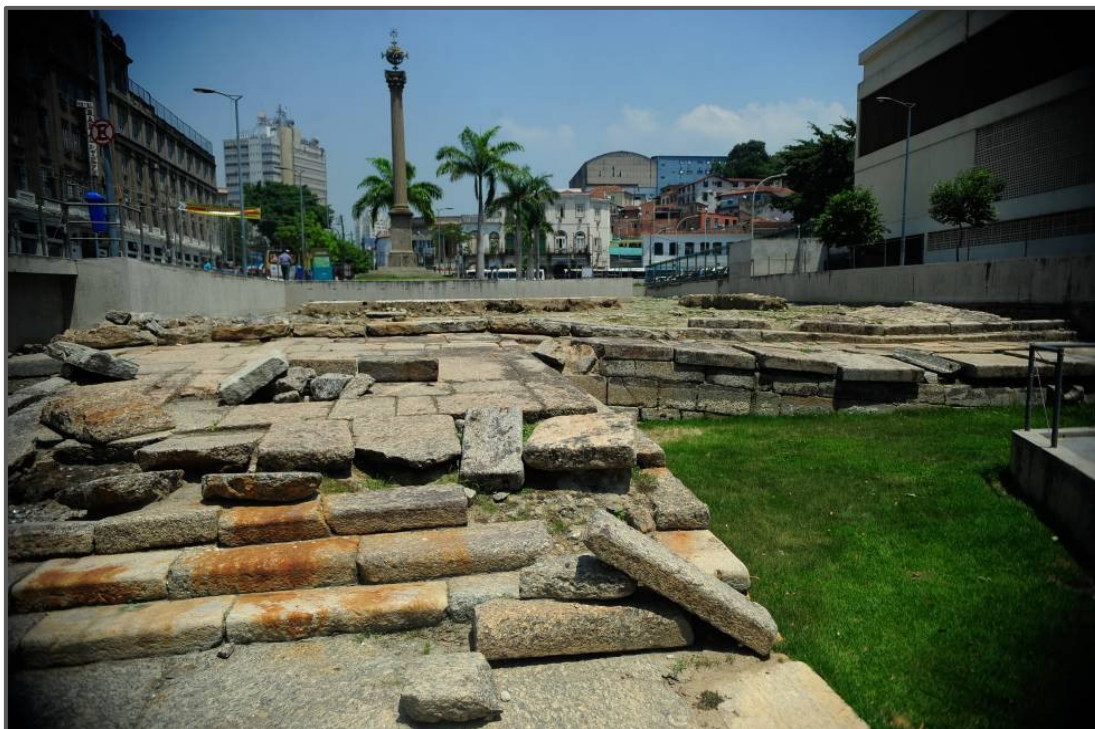
Em uma aula de História, os alunos tiveram a oportunidade de refletir, a partir

de uma aula expositiva dialogada, baseada em um PowerPoint, preparado pelo professor Glauber (ANEXO), sobre a vida dos escravos. O material elaborado contém imagens representativas da utilização de trabalho escravo, do mercado de escravos, das resistências e dos castigos físicos e punições aos escravos.

As imagens usadas para ilustrar a aula expositiva contextualizaram a trajetória do Baquaqua com mais informações históricas sobre o processo de escravidão. Os alunos foram convidados a fazer uma viagem no passado e adentrar, mesmo que de maneira imaginária, em alguns ambientes e conhecer mais sobre os tratamentos dados aos escravos, desde o tráfico saindo da África até os portos brasileiros, em Pernambuco, Rio de Janeiro, Bahia e outros mais. Foram mostradas imagens de objetos de tortura dos escravos e, em especial, deu uma explicação muito rica sobre o achado arqueológico do “Cais de Valongo”, no Rio de Janeiro, espaço tombado como “Patrimônio Histórico da Humanidade”. O referido cais é considerado o símbolo de um crime contra a humanidade, pois foi o principal porto de chegada dos escravos no Brasil. O site da Agência Brasil assim se reporta a esse cais:

O título não se traduz em benefícios financeiros diretos, mas coloca o Cais do Valongo no mesmo patamar de importância histórica de outros patrimônios mundiais mais conhecidos, como o Campo de Concentração de Auschwitz, na Alemanha, e da cidade de Hiroshima, no Japão, que foram reconhecidos como locais de memória e sofrimento da humanidade.

O Brasil recebeu cerca de 4 milhões de escravos nos mais de 3 séculos de duração do regime escravagista, o que equivale a 40% de todos os africanos que chegaram vivos nas Américas, entre os séculos 16 e 19. Destes, aproximadamente 60% entraram pelo Rio de Janeiro, sendo que cerca de 1 milhão deles pelo Cais do Valongo.



Local escolhido pela Unesco, na região portuária carioca, foi porta de entrada de escravos

Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/09/politica/1499625756_209845.html

Como na música “Mestre-Sala dos Mares”, de Elis Regina:

Salve o navegante negro
Que teve como monumento
As pedras pisadas do Cais

Essa foi uma atividade interativa, em que o professor apresentava e dava espaço para os alunos fazerem intervenções na hora da aula, articulando conhecimentos, saberes e reflexões que em muito ajudaram na construção de suas ideias e na revisão de pontos de vista sobre o racismo.

OFICINA 4 – Produção de texto**Objetivo:**

Garantir espaço para que os alunos possam:

- a) exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos. (BNCC, 2018)
- b) Fazer-se respeitar e promover o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade, sem preconceito de qualquer natureza.

1ª ATIVIDADE:**O CINEMA VAI À ESCOLA:****“O olhar da arte cinematográfica sobre o tema em debate”.**

Foram elaboradas cinco questões voltadas para a análise de situações de preconceito e distribuídas, aleatoriamente, a grupos formados na sala de aula, antes de assistirem ao filme que foi objeto de debate.

Após assistirem ao filme, eles formaram grupos que continham a mesma pergunta, para, juntos, elaborarem suas respostas.

Questões:

- 1) como é a linguagem utilizada pelo instrutor em relação ao personagem Carl Brashear? Na opinião do grupo, o que motivou isso?
- 2) na opinião do grupo, qual o maior desafio enfrentado pelo protagonista Carl Brashear?
Explique.
- 3) Os colegas de Carl Brashear (o protagonista do filme) o trataram de modo diferente ou semelhante ao tratamento que ele recebeu de seu instrutor? Comente.
- 4) O filme se passa nos anos 50 e apresenta discurso de ódio contra negros. Compare as condições sociais da época do filme com a sociedade atual no Brasil. O que mudou?

5) que reflexão esse filme provocou em vocês?



Alunos na sala de aula, assistindo ao filme “Homens de Honra”.

Filme Homens de Honra:

Dentre as respostas aos questionamentos acima, vale destacar alguns dos retornos às questões:

Questão: Na opinião do grupo, qual o maior desafio enfrentado pelo protagonista Carl Brashear? Explique.

Algumas respostas:

Grupo 1- “No início do filme sua turma se recusa a dormir no mesmo ambiente que um negro”, “além disso, outra situação foi quando o chefe disse para alguém afogá-lo por ele ser negro.”

Grupo 2- “Racismo- ele não podia exercer a mesma profissão que os outros nem frequentar o mesmo bar que os brancos.”

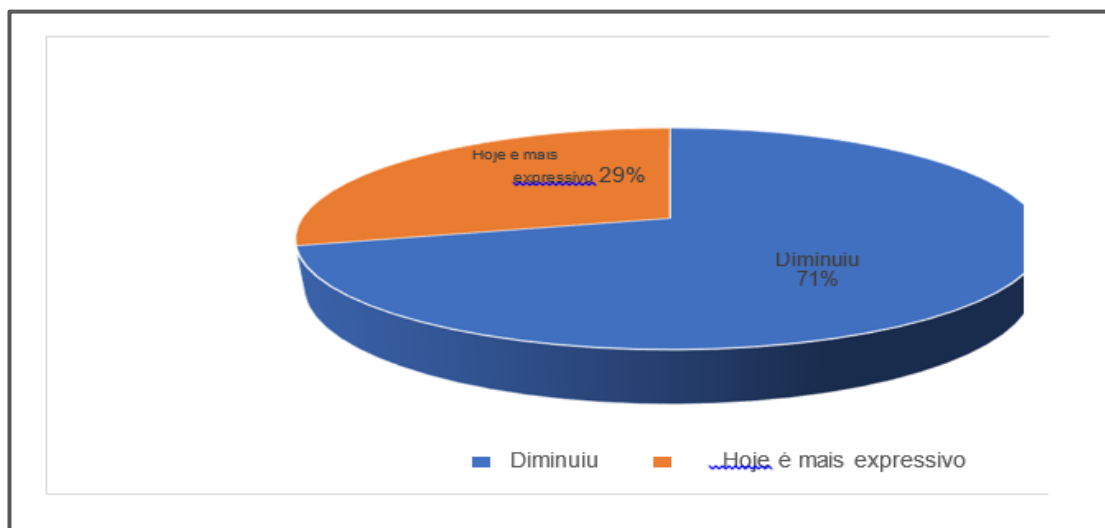
Grupo 3- “Era julgado como inferior por seus superiores e por isso achavam que ele não poderia passar no teste por ser negro.”

2) Sim, pois me faz pensar em sermos melhores com as pessoas com quem convivemos em nosso meio 😊

Questão

Comparado à década de 50, retratada no filme, o racismo, hoje, aumentou ou diminuiu?

Gráfico 3: Resposta dos alunos



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Dos 38 alunos da turma, 27 acham que o racismo hoje é menos expressivo do que na década de 50, como mostrado no filme. E apenas 11 alunos acham o contrário.

• Que reflexão esse filme provocou em vocês?

1) Em minha opinião os negros "escravos" sempre foram iguais a todos, independente da cor deviam ter os mesmos direitos desde sempre, mas até hoje, século XXI pessoas negras ou pardas sofrem preconceito e racismo em toda instância e direitos desiguais, como: bolsa escola, entrevista de emprego. Entre outras situações que eles frequentam desde a escravidão.

Grupo 1: "Eu gostei do filme Homens de Honra. Achei que tinha muito racismo e que naquela época (anos 50) ninguém gostava de pessoas negras. Eles não acreditavam na capacidade de um negro e acabaram se surpreendendo, pois, o protagonista venceu todas as ofensas verbais e não verbais e provou para todo mundo que conseguia".

Grupo 2: "O filme Homens de Honra nos mostra que nem ninguém nem as coisas negativas que nos dizem é que farão com que a gente desista de nossos sonhos. Muitas pessoas o julgaram o diminuíram disseram palavras de ódio pelo fato de ele ser negro, mas ele conseguiu".

Grupo 3: "Esse filme e a biografia só reforçaram ainda mais minha opinião sobre o racismo como uma atrocidade. "

Grupo 4: "No filme Homens de Honra percebi como realmente é o racismo. "

Grupo 5: "Esse filme me fez refletir sobre o preconceito contra negros até hoje presente na sociedade e mesmo com dificuldades, é possível vencer. "

Minha opinião é que o filme é muito bom, e mesmo que apesar da sua cor racia não é pior que ninguém, pelo contrário racia pode ser melhor, basta racia querer.

"Esses trabalhos me fizeram perceber como um negro sofre hoje em dia, apenas pela cor da pele. "

- **Leitura analítica das respostas**

Nessa atividade, os alunos formaram grupos com as mesmas perguntas elaboradas no início dessa atividade, para respondê-las. A atividade foi feita em duplas no anfiteatro da escola, a fim de fazer um levantamento das situações de preconceito pelas quais passa a personagem para depois apresentar suas deduções à turma (em um debate).

O número de alunos que consideraram que hoje houve uma diminuição desses preconceitos e discursos de ódio contra negros no Brasil, comparado aos anos 50, foi surpreendente. Entretanto, já que o racismo existe, nossa hipótese para as respostas da maioria, conforme apontado pelo gráfico, foi o modo como eles leram, pois podem ter entendido que naquela época era mais expressivo pelos castigos físicos, mais

frequentes e explícitos, além da segregação racial que acontecia em vários lugares, como na África do Sul. A violência física para eles é mais forte. Como hoje a violência é verbal e, por vezes, velada, não a identificam

Talvez não tiveram uma maturidade para fazer comparações e inferências, levando em conta que isso exige um preparo e como dito no início, esses alunos chegam nos anos finais do Ensino Fundamental sem muitas competências exigidas nas leituras dos diferentes contextos. Outra hipótese é a de que os acontecimentos de hoje, para muitos, em relação ao tratamento dado aos negros, nem se compara aos horrores da década de 50.

Entendemos que isso não representa a realidade, e é uma interpretação equivocada, pois hoje as agressões por meio da linguagem, são tão nocivas quanto os castigos físicos e psicológicos, na referida década, embora se trate de um público com acesso à internet, constantemente conectado às redes sociais ainda não chegam a esse tipo de elaboração de raciocínio e de um olhar mais agudo sobre a realidade.

Uma outra questão a ser analisada é a frase “... **Apesar de sua cor**, você não é pior que ninguém...” A expressão em destaque, se analisado o que está subentendido, revela um preconceito, discriminação. Isso é muito comum em muitas culturas e passa despercebido, às vezes. É preciso refletir sobre o preconceito mascarado em nossos discursos. E principalmente, no contexto educacional isso precisa ser desmascarado, desconstruído.

OFICINA 5 – Produção de texto

Objetivo:

- Ajudar a formular /reformular pontos de vista;
- Refletir sobre ética e cidadania;

DISCURSOS DE ÓDIO X REDES SOCIAIS

Na sociedade contemporânea, por meio das redes sociais, muitas pessoas têm a falsa ideia do anonimato e, assim, demonstram suas intolerâncias por meio de discursos de ódio. Após leituras e desenvolvimento de trabalhos que apontam historicamente o sofrimento do negro, retomamos aqui o debate sobre o discurso de ódio, nas redes sociais.

1ª ATIVIDADE:

Uma abordagem racista:

Maria Júlia Coutinho, a Maju, é vítima de comentários racistas no Facebook. Internautas postaram na página do Jornal Nacional na noite de quinta. 'Beijinho no ombro', escreveu jornalista ao responder comentário agressivo. Os discursos de ódio contra pessoas negras tornam-se evidentes nos comentários nas redes sociais da jornalista Maria Júlia Coutinho, que integra o quadro do Jornal Nacional da Rede Globo. Ela foi alvo de racismo em uma foto publicada pela página oficial do programa no Facebook. A imagem ilustrava a previsão do tempo, apresentada por ela, e os internautas destilaram preconceito nos comentários.





Fonte: Página oficial do Facebook do Jornal Nacional
03/07/2015 17h25 - Atualizado em 15/07/2015 17h23



Acima o jogador Daniel Alves sendo vítima de preconceito racial no campo de futebol e ao lado, o Neymar e o filho em uma campanha publicitária antirracista.

Fonte: geledes.org.br

Produção de Texto:

Aqui, antes da atividade, os alunos foi apresentado um artigo de opinião (vencedor do primeiro lugar geral do vestibular da UFMG, no ano de 2010, em cujo tema era: A EAD é uma forma de democratização do ensino no Brasil? E o título do artigo vencedor no ano em questão foi: EAD: Problema ou solução? Após a leitura desse artigo, houve uma análise sobre: O que é um artigo de opinião? Quem serão os leitores? Onde o texto será publicado? Que conhecimento eles tinham de textos publicados para esse público?

Agora é sua vez de escrever:

As redes sociais têm se tornado um lugar propício para ataques de discursos de ódio. Vocês assistiram a um filme que apresentou o discurso de ódio contra negros nos anos 50. Em grupo, produzam um artigo de opinião, no qual seja produzida uma resposta à seguinte questão: hoje, as redes sociais ajudam a aumentar esses discursos de ódio contra pessoas negras ou eles sempre existiram, mas não ganhavam visibilidade por não terem espaço de propagação?

Lance mão de argumentos capazes de convencer seu leitor de que a resposta do grupo merece ser levada em consideração.

Para a realização dessa tarefa foram formados nove grupos com cinco componentes cada um.

Abaixo, alguns fragmentos das produções dos alunos:

racismo

A campanha publicitária antirracista foi um meio de acabar com o racismo no mundo, até que hoje em dia temos que ter mais amor aos outros, o futebol brasileiro foi formado em cima da capacidade técnica de jogadores mulatos, pretos, índios, mestiços em geral, e nenhum deles teve capacidade de ascender a cargos importantes após o final de sua carreira? Ou o caminho estava barrado por uma estrutura arcaica e racista? muitas pessoas ficam julgando a outra pela aparência, isso é totalmente errado, igual o ditado "não devemos julgar o livro pela capa".

Vocês acham que Dani Alves vai mudar a opinião das pessoas sobre ele? Só porque comeu a banana que jogaram para humilha-lo? Não! Nós somos o que queremos, os outros não podem mudar isso. Até o próprio Dani Alves, não passa vez, mas uma reportagem em Jorb mostra Dani Alves ignorando um fã, seja que isso é certo?

Veja bem, nós temos um pouco de racismo em nós isso começa quando dizemos "Não vou sentar com ele" ou "ele é gordo ou magro ou Negro" Não posso afirmar que todos fazem isso mas às vezes não falamos o que pensamos.

- Leitura analítica de algumas respostas

É importante observar que, nos discursos acima, há implícitos e subentendidos que não podem ser ignorados. Conforme o que afirma Amossy, (2018, p. 138): “não se pode ignorar nem os esquemas argumentativos que fundamentam a estrutura do discurso, nem deixar de lado a observação dos argumentos que permitem passar das premissas a uma conclusão”. Nesse sentido, é interessante observar que no discurso que representa um grupo de alunos, participantes da pesquisa, há uma concordância em dizer:

“O racismo sempre existiu dentro de nós, guardado em segredo em nossos corações.” Não se pode deixar de lado esses argumentos, pois falam por si só, permitindo reflexões e conclusões. Para desconstruir, é preciso olhar por outro ângulo. Assim, é possível perceber, que embora o racismo esteja naturalizado em muitas situações do cotidiano, quando esse grupo se percebe e se reconhece como racistas, podemos entender que é um caminho para a mudança e desconstrução dos discursos racistas. Vale lembrar que sem o desafio de tocar nesse tema, (o qual muitas vezes, tem sido evitado na sala de aula) não seria possível esse percurso até a desconstrução. É imprescindível que eles percebam suas vozes em discursos anteriores, para haver mudanças.

Muitas vezes, os alunos, na sala de aula, não têm oportunidades de argumentar, expressar suas emoções. A própria escola, empenhada em cumprir seu tempo, falha e evita temas polêmicos, além de não oportunizar momentos de interação, como rodas de conversa, debates regrados, dentre outras.

Sobre isso, Amossy (2018, p. 210) diz que “De fato, muitas vezes um discurso se propõe a suscitar uma emoção, colocando explicitamente os argumentos que justificam a reação pretendida. Estamos então diante de discursos que argumentam uma emoção”.

Rojo (2015, p.106), refere-se a práticas sociais de uso da linguagem, que podem também ser vistas como atividades de linguagem (SCHNEUWLT; DOLZ, 1997). A autora continua dizendo que: “Claro está, estes agentes sociais dependem de suas experiências de vida, de seu conhecimento acumulado a respeito de tais práticas, para poderem enunciar”. Isso justifica todo esse projeto, o qual pode e deve ter uma continuidade na escola, pois o racismo é um problema da sociedade contemporânea.

Segue mais um texto produzido a partir dessa proposta:

Racismo na Sociedade Contemporânea

Os textos mostram relatos de pessoas que por sua vez sofreram racismo em algum momento de sua vida. Mostram por exemplo, o racismo presente no futebol, como citado o caso que envolveu o jogador de futebol brasileiro Daniel Alves, em que a arquibancada cada lhe atirou uma banana, que em protesto do racismo, o jogador a comeu.

Tal acontecimento gerou uma campanha publicitária antirracista iniciada por Daniel Alves e Neymar. Mas as pessoas não se tornam mais conscientes porque uma ou mais pessoas com influência fala sobre algum assunto. O racismo não é uma coisa tão simples de se resolver.

Grande parte da população é racista, isso não é discutido. Está presente em nosso cotidiano, quando a brimos alguma mídia social e vemos algum tipo de piada, ou no trabalho com a discriminação de funcionários negros.

O racismo leva a noção de que alguém é superior ou inferior a uma pessoa. Aparência não define ninguém, somos iguais independentes de nossa raça, cor ou religião. Uma das principais formas de acabar com o racismo é investir em melhores infraestruturas em ambientes escolares, pois a educação é a base de tudo.

2ª ATIVIDADE

REDES SOCIAIS E ATAQUES RACISTAS A TITI

Adolescente que fez ataques racistas à filha de Gagliasso vai cumprir liberdade assistida, diz advogada

Em 2016, garota de 14 anos fez comentários preconceituosos em uma foto postada por Giovanna Ewbank. Decisão é da Vara da Infância e Juventude de Guarulhos, na Grande São Paulo.

Fantástico - Bruno Gagliasso, Giovanna Ewbank e Titi — Foto: Reprodução/Fantástico



A Vara da Infância e Juventude de Guarulhos, na Grande São Paulo, decidiu que a adolescente, de 14 anos, que praticou ataques racistas na internet contra Chissomo, filha dos atores Bruno Gagliasso e Giovanna Ewbank, cumpra liberdade assistida como punição. A informação foi dada ao G1 por Mariana Zonenschein, advogada do casal. O processo, por envolver menores de idade, corre em segredo de justiça.

Em novembro de 2016, Chissomo, também chamada de Titi, sofreu ataques racistas nas redes sociais. Os comentários preconceituosos foram escritos em uma foto publicada pela atriz e apresentadora Giovanna Ewbank. (...)

Titi tem quatro anos e foi adotada pelos atores depois de uma viagem ao Malawi, no Sul da África.

Ataques racistas

O casal registrou queixa contra os ataques, e a polícia identificou a garota, que confessou ter feito os comentários. Para publicar os comentários racistas, a adolescente criou um perfil falso numa rede social e usou o nome e as fotos de uma amiga. Em depoimento à polícia, ela disse que não se preocupou com as

consequências, e que fez isso para "zoar" a amiga. A adolescente também disse que escolheu o perfil de Giovanna Ewbank de maneira aleatória, e que sabe que os comentários foram de cunho racista. (...)
Ofender alguém por causa da cor da pele é crime de injúria racial e quem comete está sujeito a prisão de um a três anos.

[https://g1.globo.com › sao-paulo › noticia › adolescente-que-fez-ataques-r...](https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/adolescente-que-fez-ataques-r...)

Comando ou proposta:

Caro (a) aluno (a)

Você acabou de ler uma matéria que informa sobre uma situação real, em que uma adolescente praticou ataques racistas a uma criança, por uma rede social, bem como apresenta a narrativa do desfecho do caso. Com base no que acabou de ler e em conhecimentos desenvolvidos nesta pesquisa, elabore um parágrafo, problematizando a questão e apresentando seu posicionamento a respeito deste acontecimento.

A seguir, respostas que merecem ser analisadas, extraídas dos parágrafos produzidos pelos alunos.

“Atualmente, ser negro no Brasil ainda é difícil”.

O racismo vem sendo propagado em diversos ambientes, e estendendo a diversos contextos. Esse aluno, ao dizer que ser negro no Brasil ainda é difícil, demonstra que ele entendeu bem tudo o que tem acontecido relativo às leis que defendem direitos, as quais muitas vezes não são respeitadas, ainda é mais difícil, pois os preconceitos vistos nos trabalhos que ocorreram há séculos se perpetuaram, ainda é difícil pois até no mercado de trabalho acontece o racismo e por tantos outros motivos vistos ou não nesta pesquisa, os quais são mostrados nas mídias impressas e digitais.

Enfim, só a reflexão e mudança de pensamento em relação a essas pessoas que merecem o nosso respeito poderá ser capaz de gerar mudanças de atitudes.

Texto 2

Em 1950 quando o regime Apartheid estava no auge esse tipo de preconceito contra o homossexual não era sério. Mas hoje em dia esse preconceito é crime e não é mais tolerado, podemos ver o exemplo acima em que a filha adotiva do casal Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso foi alvo de ataques violentos na internet por uma menina de 14 anos e que cumprirá liberdade assistida como punição.

É como podemos ver anteriormente, as redes sociais são hoje, um dos meios mais rápidos e eficazes de espalhar ideologias e posicionamentos de determinados grupos sociais, entre outros. Além do mais, as redes sociais possuem um lado aliado para que o discurso de ódio se propague e gere ainda mais medidas judiciais, um exemplo disso são os chamados "haters" como vimos no caso acima.

Qualquer pessoa que esteja sofrendo preconceito ou ameaças pela internet pode denunciar as agressões e ofensas diretamente nas delegacias especializadas ou pela Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos, em média esse órgão recebe 2.500 denúncias diárias com evidências de pedofilia, racismo, homofobia, entre outros.

Na minha opinião casos desse tipo são o cúmulo da ignorância, e pensamentos preconceituosos assim só não ter um fim quando o ser humano evolui mentalmente.

No texto acima, o autor mostra que refletiu e que compreendeu sobre o que foi desenvolvido na intervenção, por meio das oficinas. É perceptível que houve um progresso em relação à produção inicial, no que se refere à argumentação e também aos posicionamentos enquanto sujeito. É feita uma pequena citação de tudo o que

aconteceu com a filha de Bruno Gagliasso, alvo de racismo nas redes sociais. Há, também, citação de leis e direitos que essas pessoas têm. E, por fim, conclui que casos de preconceito são o cúmulo da ignorância e que só terão um fim quando o ser humano evoluir mentalmente.

Nesse sentido, os resultados foram positivos, sob dois pontos de vista: O primeiro, foi que muitos progrediram quanto à produção do texto dissertativo-argumentativo e o outro ponto positivo foi que se mostraram, na grande maioria, mais reflexivos e com uma visão mais ampliada sobre o contexto da escravidão, pois já haviam conhecido também a outra versão da História e, com isso, analisando sob um outro ponto de vista, reconhecendo-se também como portadores de atitudes racistas e conscientes da necessidade de mudanças.

OFICINA 6

Para a atividade de integração entre História, Língua Portuguesa e Arte, deu-se início a uma sequência de atividades planejadas, cuja finalidade foi fornecer subsídios para os alunos entenderem que os discursos de ódio contra negros, presentes na nossa cultura, e disseminados em diferentes mídias (digital e impressa), os quais circulam também no âmbito escolar, retratam situações de submissão de uma classe ou de uma raça em detrimento a outra, cujas causas estão presentes na sociedade brasileira, desde o período colonial e que ainda persiste. Consequentemente, tratamentos humilhantes de segmentos da população vistos como subalternos, como é o caso dos negros escravizados no Brasil, não mudou com o passar dos anos. Essa sequência de atividades resultaria em dois produtos culturais:

- 1) Dramatização do poema Navio Negreiro, de Castro Alves
- 2) A produção de um álbum digital em homenagem a figuras históricas que lutaram contra o racismo.

Sobre a Dramatização:

O poema Navio Negreiro, de Castro Alves, relata a situação vivenciada pelos negros durante a viagens de navio da África para o Brasil, vítimas de tráfico de

escravos. O poema é dividido em seis partes, mas os alunos selecionaram, para a dramatização, somente a quinta e sexta partes.

Sob a orientação da professora Jacqueline a turma foi organizada em três grandes grupos. O primeiro, ficou encarregado de fazer um roteiro para uma peça teatral com a releitura do poema Navio Negreiro, na perspectiva do tratamento dado aos negros, desde a saída da África, fazendo a travessia no Atlântico e chegando ao Brasil (baseado no que foi relatado na Biografia de Baquaquá). Em duas aulas, cada grupo delimitou o tema a ser retratado e cada um colaborou, seja com a produção escrita, seja com o ensaio, já pensando no figurino, cenário e como poderia ser a apresentação.

Prévia do roteiro:

Roteiro:

Primeiro momento: Apresentar como os negros viviam na África, em comunidades, com suas culturas (músicas, danças, línguas, culturas e tradições);

Segundo momento: As capturas, o tráfico, maus tratos, o embarque no Navio Negreiro;

Terceiro momento: Seus sofrimentos na viagem, e o termina com o recital da última estrofe do poema:

Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!

Andrada! Arranca esse pendão dos ares!

Colombo! Fecha a porta dos teus mares

Divididas as tarefas, os alunos iniciaram os ensaios, sob a orientação da professora de Arte.



https://drive.google.com/file/d/1G7FpQMqVphrNvi7ZjAoL_ZoapMcSQuWX/view?usp=sharing

Sobre o Álbum Digital

Como culminância desta pesquisa, os alunos fizeram um álbum digital em que várias personagens que marcaram histórias nas lutas contra o racismo, puderam ser apresentadas, com destaque para a importância dessas personagens para tantas conquistas dos povos negros escravizados ou que sofreram segregações raciais e conseqüentemente, sociais. Esse álbum, o qual, fatalmente, ficou perdido em um celular que parou de funcionar, foi elaborado da seguinte maneira: Primeiro os alunos colocaram um áudio com a representação do relato de Baqueta (Fonte G1). Em seguida, colocaram frases e imagens de cada um dos muitos personagens que marcaram história em defesa dos povos negros oprimidos, como Nelson Mandela, Luther King, Zumbi dos Palmares, dentre outros, tendo um fundo musical. Um erro que havia é que eles colocaram como título: Pessoas que lutaram contra o racismo no Brasil sendo que havia poucos brasileiros. Um problema nesse álbum digital, é que os alunos escolheram somente figuras masculinas, embora o professor de História tivesse sugerido a esse grupo também o nome de uma mulher.

Com isso, fica claro, que muitas mulheres não têm reconhecimento de seus papéis nessas lutas. E além do racismo, sofreram também com o machismo, o qual persiste ainda hoje, em pleno século XXI.

Preparando para a última atividade

Antes da próxima atividade, os alunos participaram de um debate e, nesse momento, houve grande silenciamento da maioria dos alunos, ficando a discussão acalorada apenas entre dois grupos: um de defesa e outro de acusação. No grupo de acusação, dois alunos mudavam os turnos de fala e no grupo de defesa, só uma aluna falava e fazia comparações com outros direitos que são instituídos na sociedade, com a finalidade de possibilitar correções de injustiças, como a Lei Maria da Penha por exemplo, dizia essa aluna. Nenhum dos outros alunos disse nada. A impressão é de que não gostam de falar sobre o tema, mas escrevem sobre ele.

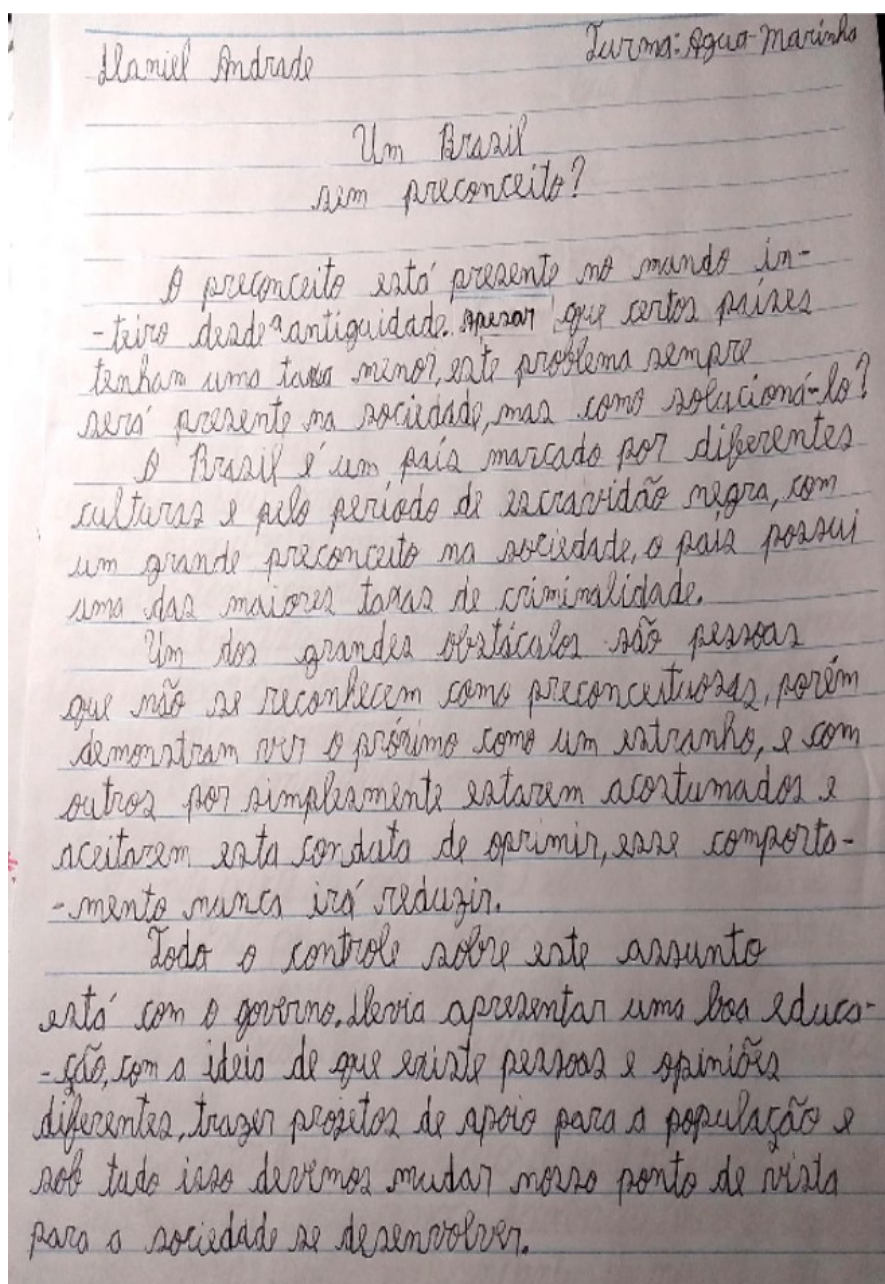
3ª ATIVIDADE

Produção Final:

Os textos produzidos pelos alunos na atividade inicial 1 e ficaram guardados e foram entregues a eles, nesse momento, para analisarem o próprio texto, refletindo e articulando o que foi discutido e analisado nas aulas dessa intervenção, bem como no que pesquisaram nas mídias a respeito do discurso de ódio contra os negros. A orientação foi a de ler o próprio texto, após esse distanciamento dele e, a partir dele (conservando, alterando ou modificando ideias), expressassem, por meio de um texto de opinião, sobre tudo o que compartilharam, sobre o que sentiram, sobre o que descobriram durante os trabalhos desenvolvidos na pesquisa, desde a primeira produção, até o debate e, também, com base no que vivenciaram tanto nas aulas de Língua Portuguesa, como na de História e Arte. Os textos poderiam ser reescritos e mudados, caso tivesse, também, alguma mudança de ponto de vista por parte do enunciador.

Após essa leitura, os alunos fizeram um círculo para apresentações dos resultados da releitura dos textos, agora revistos sob outras condições.

Trazemos, para a perspectiva final do trabalho, o seguinte texto produzido, a partir da orientação acima, destacando que a maioria alterou o texto em busca de uma construção discursiva que enunciasse o ponto de vista de um outro sujeito, de alguém capaz de refletir melhor sobre a vida e sobre como podemos melhorá-la. Interessante que até a letra usada estava mais caprichada.



Nesse texto, o que chama a atenção é o pensamento reflexivo do seu autor, ao fazer a seguinte afirmação:

O Brasil é um país marcado por diferentes culturas e pelo período da escravidão negra, com um grande preconceito na sociedade, o país possui uma das maiores taxas de criminalidade.

Um dos grandes obstáculos são pessoas que não se reconhecem como preconceituosas, porém demonstram ver o próximo como um estranho, e com outros por simplesmente estarem acostumados e aceitarem esta conduta de oprimir, esse comportamento nunca irá reduzir.

Há uma evidenciação de um sujeito reflexivo, não só quando é dito que o problema é que muitos não se reconhecem como preconceituosos, mas principalmente por apontar que tais acontecimentos se dão, devido à aceitação de grande parte das pessoas. Por fim, ele denuncia que tais atitudes não irão mudar e aponta, no final, ações para resolver, atribuindo ao Governo a maioria dessas ações de mudança.

Em parte, ele tem razão. A falta de se reconhecer como preconceito, prejudica a mudança, de forma efetiva. Talvez seja por isso, que ele aponte atividades de solução atribuídas exclusivamente ao governo, pois é por meio da educação, principalmente nos anos iniciais, que se pode formar pessoas éticas e que respeitem as diversidades.

Nesse texto, há um reconhecimento, por parte de seu autor, de que o racismo e o preconceito estão cada vez maiores. Em seguida, ele faz uma retrospectiva desde a saída dos negros da África até a colonização aqui no Brasil. E confirma um pouco da nossa hipótese, citada anteriormente, quando ele diz que hoje não existe escravo como antigamente, mas existe o racismo. Ou seja, esse aluno está confirmando a nossa hipótese, analisada anteriormente, de que as humilhações e sofrimentos dos negros, na visão de muitos, foram maiores no passado, quando havia segregação racial e escravidão permitida por lei. Logo abaixo, afirma que o racismo é ridículo. Fala de xingamentos e diferenças no tratamento entre pessoas. Admite também que já sofreu na pele com o preconceito por ser gorda.

Conclui o seu texto com um recado: “O recado que deixo aqui, é: Ame, respeite e ajude o próximo e jamais fale palavras que machucam as pessoas, pois as suas palavras têm poder e a pessoa pode ser machucada com suas palavras”

A seguir, deixamos aqui outros textos que, de alguma maneira, retomam ideias e pensamentos do texto anterior, ditas pelas vozes diferenciadas de enunciadorees diferentes.

O racismo

Várias questões são discutidas em relação ao preconceito, principalmente o racismo, pessoas sofrem diariamente por serem migrantes, mas não se isso por serem diferentes seja uma diferença física, pela etnia ou questões econômicas. São vários fatores de praticar esse ato de preconceito.

Tal situação ocorre pois o homem começa a deduzir e acreditar que pode ser melhor que o outro, por pura inteligência. Levando a alguém a se isolar e ter uma saúde mental prejudicada.

Isso naturalizou tornando-se um costume na sociedade, um modo de pensar que tem a grande tempo e só vem se fortalecendo cada vez mais forte na população.

O racismo não é algo que podemos erradicar por completo ainda mais em tempo curto é um problema que demanda tempo para melhorar. Conscientizando a todos e não julgando os pessoas, podemos ter um mundo melhor.

Produção de Texto

Racismo

O racismo está muito presente na sociedade contemporânea. Isso pode ser visto desde a época da escravidão, período em que os negros eram tratados como inferiores por serem negros e eram explorados e submetidos ao trabalho escravo.

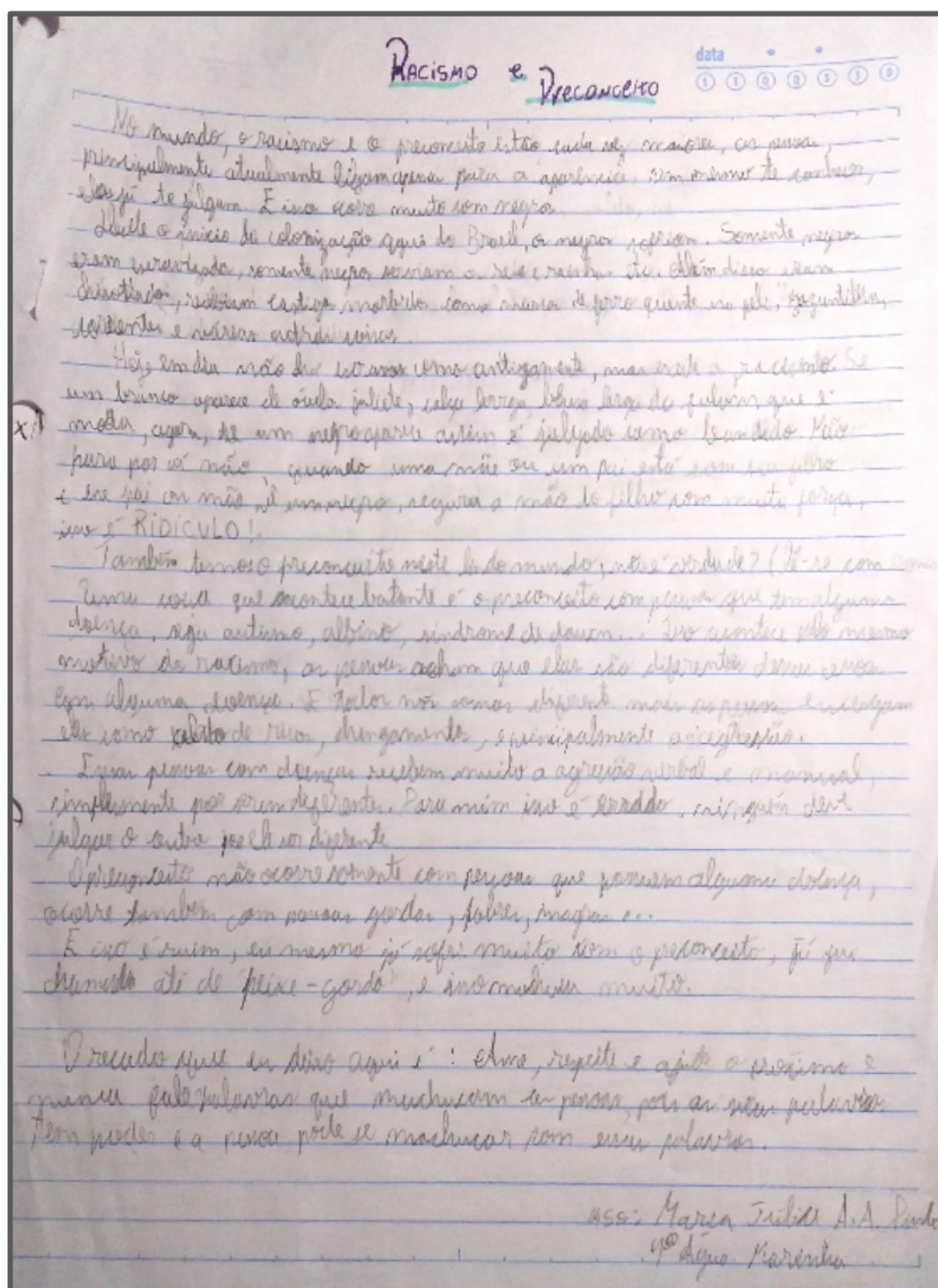
O problema que esse assunto está longe de ser resolvido, pois é um problema que está presente em nossas vidas e muito tempo e até hoje não tivemos solução.

Eu acredito que o racismo só será resolvido quando a humanidade estiver com a mente totalmente evoluída, ao ponto de nós não ligarmos mais para a cor da pele, quando estiver passando um negro do nosso lado e nos não nos afastarmos achando que vai nos assaltar. Esse é o meu pensamento.

Sim! com esses trabalhos eu aprendi a enxergar melhor os
 anos, e a ver que nem sempre os mesmos problemas são o fim
 do mundo como pensamos. Há que existem ou já existiram pessoas
 que já pensaram por coisas piores... Referem de todos os formas
 possíveis, algumas foram guerreiros, já outros não sabiam, mas
 também foram guerreiros. Eu aprendi que devemos sim amar
 o nosso próximo independente de qualquer coisa. Porque não
 sabemos o que o outro passa, nem quais são seus lutos e
 suas adversidades. Us vezes quem está do mesmo lado, grita
 em socorro, mas nós estamos tão preocupados com nós mesmos
 que esquecemos do próximo, sem saber que talvez amanhã
 precisaremos... O mundo é realista!

*

Analisando um texto final:



Nesse texto, há um reconhecimento, por parte de seu autor, de que o racismo e o preconceito estão cada vez maiores. Em seguida, ele faz uma retrospectiva desde a saída dos negros da África até a colonização aqui no Brasil. E confirma um pouco

da nossa hipótese, citada anteriormente, quando ele diz que hoje não existe escravo como antigamente, mas existe o racismo. Ou seja, esse aluno está confirmando a nossa hipótese de que as humilhações e sofrimentos dos negros, na visão de muitos, foram maiores no passado, quando havia segregação racial e escravidão permitida por lei. Logo abaixo, afirma que o racismo é ridículo. Fala de xingamentos e diferenças nos tratamentos entre pessoas. Admite, também, que já sofreu na pele com o preconceito por ser gorda.

Conclui o seu texto com um recado: “O recado que deixo aqui, é: Ame, respeite e ajude o próximo e jamais fale palavras que machucam as pessoas, pois as suas palavras têm poder e a pessoa pode ser machucada com suas palavras”

Nessa atividade foi possível perceber que o trabalho atingiu o seu objetivo, pois, a maioria apresentou posicionamentos diferentes do que foi percebido inicialmente. Essa grande maioria demonstrou protagonismo por meio de autoria, criatividade, e principalmente evidenciação do pensamento reflexivo. Dentre os pontos de vista apresentados nos textos acima, destaco o seguinte posicionamento: “...O problema é que esse assunto está longe de ser resolvido...” e continua: “ Eu acredito que o racismo só será resolvido quando a humanidade estiver com a mente totalmente evoluída, a ponto de não ligarmos mais para a cor da pele quando estiver passando um negro do nosso lado e nós não nos afastarmos achando que irá nos assaltar. Esse é o meu pensamento”. É possível perceber a evidenciação do pensamento reflexivo ao analisar o pressuposto nessa frase que deixa claro que o problema é que a humanidade não está totalmente evoluída, por mais que haja revoluções tecnológicas, isso não é o suficiente para simbolizar a evolução da humanidade. Essa é uma das melhores definições para o racismo se analisarmos bem. Embora tantos líderes tenham lutado contra este problema, como exemplo um dos maiores nomes da história da luta contra a discriminação racial nos Estados Unidos e ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 1964, Martin Luther King, o qual foi assassinado há pouco mais de meio século, a mudança não é vista de forma efetiva.

É possível perceber que, desde séculos atrás, a população negra é vítima de diversos tipos de preconceitos, violências e de assassinatos. Segundo o Atlas de Violência de 2019, no Brasil cerca de 79% dos homicídios são de negros. A maioria desses crimes são cometidos devido ao pensamento de superioridade branca que é extremamente arcaico, entretanto, ainda prevalece na sociedade contemporânea. A

luta contra o racismo ganhou força em meio ao cenário atual crítico em que estamos vivendo (isolamento social, devido à pandemia do Covid-19) e teve início justamente nos EUA, onde (há mais de 50 anos) Luther King ficou na história. Em pleno século XXI, no ano de 2020, o Movimento Black Lives Matter (vidas negras importam) se dispersou pelo mundo, principalmente devido ao assassinato de George Floyd por um policial norte-americano. A indignação popular ocupou ruas e avenidas de muitos países com protestos antirracistas. Essa onda de insatisfação representa uma luta que prevalece há muito tempo. O negro recebe um tratamento mais cruel dentro da sociedade, o que não deveria acontecer tendo em vista que cor da pele não significa nada, já que não mede a essência da pessoa. E o que se analisa é que o racismo não piorou, ele apenas está sendo filmado. Nesse sentido, há um paradoxo: As mesmas tecnologias que propiciam a disseminação dos discursos de ódio, por meio das mais diferentes mídias, também têm favorecido denúncias e provas de crimes, antes, ofuscados. Por isso, é de extrema relevância e necessidade voltar os olhares para o preconceito e para a população negra, apoiando movimentos como esse, e promovendo conscientização como um caminho para reconhecer a importância de vidas negras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa apontou, no início, que os alunos, aos demonstrarem seus pontos de vista sobre o direito às cotas raciais, manifestaram discursos de ódio em relação ao tema, inclusive alguns com indícios de discursos racistas. Ao serem questionados sobre os locais onde o racismo é mais percebido, 45% disseram que era nas redes sociais, 10,25% apontou a escola, 10,0% na rua, 8,2% na família e outros, 26,55%. O que me chama a atenção nesses resultados é a escola, que foi o ambiente que motivou esta pesquisa, não é muito citada. Nessas mais de duas décadas em que trabalho em escola, é nesse ambiente que mais percebi o racismo, tanto implicitamente ou não. Quero frisar que nesses resultados, fica evidente o reflexo de uma sociedade que pratica o racismo de forma velada e não se reconhece racista. Ainda no início da pesquisa, quando os alunos foram questionados sobre a percepção deles sobre as intencionalidades discursivas presentes em alguns textos, (escolhidos para este fim), os alunos demonstraram que entenderam o tema do racismo e do preconceito, sendo que 34% respondeu que se tratava de preconceito, 26 que se tratava de discursos de ódio contra negros, 19% achou que se tratava de racismo contra negros e 21% achava que se tratava de xingamentos. Entretanto, quando questionados se as pessoas são ou não livres para dizerem o que querem, 26% respondeu que sim, desde que não ofendam os outros. 12% disse sim, sem nenhuma ressalva e 9% responderam simplesmente não. O restante não respondeu ou deu mais de uma resposta. Se as pessoas são livres para dizerem o que querem, estão consentindo que seja aceitável algum proferir discursos de ódio contra negros, tanto virtualmente ou não. Uma contradição, ainda a ser desvelada. Além disso, um outro dado que merece uma atenção especial é que o conhecimento que os alunos demonstram sobre História da Escravidão, história da escravidão, limita-se aos conhecimentos repetidos em material didático, como afirmar que após a assinatura da Lei Áurea, com o fim da escravidão, os negros passaram a ter mais liberdade e teve fim o tratamento discriminatório da escravidão. Do mesmo modo, ao serem questionados sobre o que é retratado em filme usado em uma atividade, sobre a década de 50, comparado com hoje, se o racismo aumentou ou diminuiu, 71% respondeu que sim e 29% respondeu que hoje ele é mais expressivo. Essas perguntas nos deixam intrigadas e podem ser vistas sob três aspectos: Ou está faltando

informação para esses alunos, ou eles têm dificuldades em realizar inferências simples ou comprovam o que a pesquisa aponta: a naturalização do racismo e a negação dele já pode ser percebido desde a adolescência. Algo carregado de grande complexidade, mas que merecia estudo mais aprofundado. Do ponto de vista social, os resultados desta pesquisa vão contribuir para que profissionais da educação passem a dar um maior enfoque, no trabalho com seus alunos, sobre o pensamento mais reflexivo e entender que a formação humana do sujeito é que vai torná-lo mais ético, mais respeitoso e com mais empatia. Também ajudarão outros pesquisadores cujo trabalho seja na área da Análise de Discurso e Argumentação, para que, observando o que é dito ou não, produzam referências que ajudem a escola na formação de sujeitos reflexivos, capazes de usar a linguagem do modo mais ético e humano possível. A educação, para ter sentido, precisa desenvolver a reflexão sobre o que é dito e como está sendo dito, e qual é o argumento presente também nos implícitos e pressupostos. Não posso deixar de dizer também que, devido ao curto tempo, não foi possível tratar tudo o que foi planejado, como por exemplo, um maior aprofundamento no assunto da Liberdade de Expressão, defendida pela Constituição Federal, se há ou não limites.

Além disso, nossos dados nos levam a afirmar que esses resultados considerados satisfatórios do ponto de vista de mudança de ponto de vista, só foi possível, porque houve esforços e empenho em garantir atividades com textos multimodais, como filmes, documentários e leituras de imagens, visto que despertam nos alunos maior interesse, interatividade, o que, para essa geração hoje, surte maior efeito. Vale ressaltar a importância também das leituras de textos verbais, como as que foram feitas por meio de textos impressos e virtuais.

Como se trata de um tema social, histórico, político e de grande valor na formação de alunos em qualquer faixa etária, vislumbramos necessidades de estudos que façam um maior aprofundamento sobre o protagonismo de negros, por exemplo, de mulheres negras que tiveram e têm nesse contexto de lutas antirracistas, pois tais mulheres enfrentam lutas ainda maiores: machismo e racismo. Há que se buscar o protagonismo dos que, vivendo a realidade de ser negro, vencem expectativas negativas, ultrapassam barreiras sociais e se tornam sujeitos históricos, com identidade marcadamente social na negritude. Nesse sentido, é preciso ampliar as relações entre história, linguagem, cultura e mudança de práticas, com o intuito, antes de qualquer coisa, de ajudar na formação não só de professores para atuarem nas

escolas, mas de demais profissionais que podem tornar a vida menos amarga e mais feliz: não meramente profissionais preparados para o mercado de trabalho, mas cidadãos mais éticos e reflexivos. Há também a possibilidade de novos estudos, visto que esse é um tema relevante na sociedade contemporânea, diante de tantos tratamentos desumanos, só porque a pessoa tem um tom de pele mais escuro.

Outro ponto importante a trazer neste momento de considerações finais o quanto é necessário que as escolas busquem elaborar projetos e garantam a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade. A intervenção planejada por nós ganhou fôlego com a entrada do professor de História no projeto, facilitando o cruzamento de informações, o conhecimento de fatos e de acontecimentos na escravidão, que permitiu aos alunos não só conhecer esses dados e fatos, mas em processá-los em uma construção de referências para compreender o racismo e o preconceito ao negro, desde sua origem aos dias atuais. Podemos afirmar o que nos diz Morin (2000): só a totalidade dá conta dos conhecimentos despedaçados.

As lacunas apresentadas nesta pesquisa, no sentido de desconstruir os discursos de ódio contra negros no ambiente escolar, em todos os aspectos, devem constituir objetos de estudos, já que não foi possível aprofundarmos o que desejávamos, devido ao tempo.

Finalizo aqui, uma etapa muito importante da minha vida, com uma sensação muito boa de ter feito a minha parte, embora o problema não seja totalmente resolvido. Penso em toda a minha trajetória como educadora e que a educação é determinante na vida de qualquer pessoa. E sempre valerá mais a pena ensinar alguém a ser mais humano, do que ensinar o humano a ser somente mais um nessa sociedade a cometer tratamentos desumanos por meio da linguagem. A linguagem pode ser o melhor ou o pior que se tem para oferecer ao outro. É preciso aprender e ensinar a fazer escolhas.

Obrigada, queridos mestres desse Mestrado!

Maria Tereza

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Kátia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 23, n. 4, dez. 2003.

AMOSSY, Ruth. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas, teóricas e recortes disciplinares. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, nov. 2011a.

AMOSSY, Ruth. Contribuição da Nova Retórica para a AD: o estatuto do lógos nas Ciências da Linguagem. In: EMEDIATO, Wander; LARA, Gláucia Muniz Proença. (Org.). **Análises do discurso hoje**, v. 4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011b.

AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2016.

BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BIGNARDI, F. A. (2009). Reflexões sobre a pesquisa qualitativa & quantitativa: Maneiras complementares de apreender a realidade. (2009). Disponível em: <<http://www.comitepaz.org.br/download/PESQUISA%20QUALITATIVA.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** (1988). Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum. Ensino Fundamental**. MEC/ Secretaria de Educação Básica: Brasília, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>> Acesso: 15 out. 2018.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2016.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

FERREIRA, Ricardo Franklin; CAMARGO, Amilton Carlos. As relações cotidianas e a construção da identidade negra. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 2, 2011.

FIORIN, J. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1970.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, E.; LAGAZZI, R. **Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.

ROCHA, Marisa L.; AGUIAR, Kátia Faria. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 23, n. 4, dez. 2003.

ROJO, R.; BARBOSA, J. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.

SCHOLZ, D. et al. As práticas racistas no espaço escolar. **Revista Identidade**, São Leopoldo, v. 19, n. 2, p. 61-74, jul.-dez. 2014.

BRITO, Marcela. Suicídio é maior entre adolescentes e jovens negros. Disponível em: <<https://www.nupad.medicina.ufmg.br/suicidio-e-maior-entre-adolescentes-e-jovens-negros/>>. Acesso em: 21 ago. 2020.

DEPRESSÃO e ansiedade o que o racismo causou a minha saúde e as 10 lições aprendidas. Disponível em: <geledes.org.br/depressao-e-ansiedade-o-que-o-racismo-causou-a-minha-saude-e-as-10-licoes-aprendidas/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

SOBRE Baquaque. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/revista/878/o-cativeiro-em-primeira-pessoa-9930.html?utm_content=buffer43a63&utm_medium=social&utm_source=twitter.com&utm_campaign=buffer>. Acesso em: 21 ago. 2020.

CULTURA. RJ Cais do Valongo é reconhecido Patrimônio Cultural. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-07/rio-de-janeiro-cais-do-valongo-e-reconhecido-patrimonio-cultural-da>>. Acesso em: 8 fev. 2020.

ANEXO I

Abaixo, alguns trechos de temas polêmicos. Leia-os e dê sua opinião. Se possível, apresente argumentos que justifiquem seu ponto de vista.

1)Corrupção no Brasil



Em sua opinião, qual deve ser a punição para políticos corruptos no Brasil?

2) - O sistema carcerário está superlotado



Luiz Silveira/Agência CN

Segundo o Instituto Igarapé, o número de presos por crimes envolvendo drogas subiu de 60 mil para 150 mil desde que foi adotada a nova lei de drogas em 2006. Isso "não refletiu nem na maior produção de sensação de segurança na sociedade nem na diminuição do consumo de drogas no país", diz a entidade.

Qual a sua opinião a respeito das condições carcerárias no país?

Você concorda com essa mudança da lei brasileira? ()sim ()não
Por quê?

4) 44% dos brasileiros não concordam com a legalização do aborto - mesmo em casos de estupro



Você concorda com o aborto? ()sim ()não.

E em situações específicas, como em casos de estupro?

E como deve ser tratado quem comete o estupro?

5) Monalysa Alcântara é eleita Miss Brasil 2017



Se você fizesse parte dos jurados, votaria em Monalysa Alcântara como Miss Brasil?

() sim () não Por quê?

Se você tivesse a oportunidade de fazer um comentário anônimo a respeito dessa escolha que foi feita, o que diria aos jurados?

6)



Cartilha que associa gordo a botijão é distribuída a crianças e gera polêmica

Uma cartilha com orientações sobre hábitos alimentares entregue para alunos de uma escola da rede municipal de São José dos Campos (SP) gerou polêmica. As mães reclamam da abordagem, considerada por elas preconceituosa e agressiva, ao tratar a obesidade infantil como um pesadelo. No material, uma história em quadrinhos traz personagens acima do peso que se comparam a um botijão e com medo de olhar no espelho.

Você considera justas as reclamações das mães?

7) Este assunto tem dividido opiniões:



As **cotas raciais** são a reserva de vagas em instituições públicas ou privadas para grupos específicos classificados por etnia, na maioria das vezes, negros, pardos e indígenas. O que você pensa sobre isso?

Cotas sim() Cotas não()

Justifique sua opinião:

8) A Liberdade de Expressão é um direito defendido pela Constituição Federal (CF) em seu artigo 5º. O que você entende por liberdade de expressão?

Essa liberdade, no seu ponto de vista, é limitada? () sim () não Explique

9) Divulgar foto identificando menor infrator nas redes sociais pode dar multa de R\$ 15 mil
O Estatuto da Criança e do Adolescente criminaliza quem expõe nome, apelido, endereço ou imagens que crianças que tenham cometido qualquer infração.



O simples ato de compartilhar nas redes sociais imagem identificando uma criança ou adolescente que tenha cometido algum crime, pode gerar uma multa de mais de 15 mil reais. Quem faz o alerta é a coordenação de Varas da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça do Espírito Santo (TJES), depois da exposição em uma página do Facebook da foto do adolescente que cometeu um crime.

Você concorda com essas multas cobradas, nesses casos? () Sim () não

Na sua opinião, como tratar os menores (idade) infratores?

10) Onde você costuma assistir, com maior frequência, a cenas de desrespeito, xingamentos e ofensas às pessoas?

Pela televisão()

Redes sociais()

Na família ()

Na escola()

Na rua()

11) Você acha que os jovens têm sido educados para saber expressar seus pensamentos sem ofensas os outros? () sim () não

a) Quem está falhando nesse papel de educá-los?

b) Para você, o desrespeito mostrado pela mídia está influenciando crianças e adolescentes?

() sim () não

ANEXO II

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Prezado (a) aluno (a):

Convidamos você a participar de uma pesquisa que será aplicada durante as aulas de Língua Portuguesa de sua turma. Este trabalho será realizado pela professora Maria Tereza Rocha de Oliveira, mestranda no Programa de Mestrado Profissional (PROFLETRAS/UFMG), sob a orientação da Professora Doutora Leiva de Figueiredo Viana Leal, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. A pesquisa pretende ajudar você e seus colegas, alunos do 9º ano, da Escola Estadual Tiradentes, a melhorar o desenvolvimento do pensamento reflexivo, a partir de atividades diferenciadas sobre o uso das diferentes linguagens. As atividades serão desenvolvidas pela Prof.^a Maria Tereza Rocha de Oliveira, no primeiro semestre de 2019, no horário regulamentar das aulas, de 7:15h a 11h40, na própria escola. Pretendemos, também, registrar em fotografias, e por escrito, algumas aulas em que o projeto esteja sendo desenvolvido. Esse material ficará armazenado por um prazo de, no máximo cinco anos, e será utilizado pela assistente de pesquisa, Prof.^a Maria Tereza Rocha de Oliveira, em mídias como pen drive e computador pessoal, e só será utilizado mediante autorização do seu responsável legal. Todas as tarefas realizadas durante as aulas poderão ser aproveitadas como atividades avaliativas, o que pode ser acordado entre os alunos e a Professora Maria Tereza Rocha de Oliveira, antes do início de cada atividade, lembrando que não haverá nenhum custo para que você participe desta pesquisa, pois todo o material utilizado será disponibilizado gratuitamente para você. Já a divulgação dos textos produzidos em sala e das fotografias que forem tiradas de você, é totalmente opcional, portanto, você é livre para desistir de divulgá-los em qualquer momento que quiser, sem nenhum prejuízo. Para isso, caso você opte por não divulgar os textos que você produzir em sala, nem queira participar das fotografias, o seu responsável legal deverá preencher um termo de autorização, informando a opção pela não divulgação dos textos e das imagens. Caso você sinta algum estresse durante as atividades, tenha algum desconforto, sinta-se constrangido ao ser fotografado ou ao ter os seus dados divulgados, pedimos que procure o seu responsável legal ou a professora assistente, Maria Tereza Rocha de Oliveira e relate o ocorrido, para que as providências sejam tomadas e você possa se sentir seguro e à vontade durante a execução das atividades que são propostas neste trabalho.

Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II – 2º andar – Sala 2005 -Campus Pampulha, Belo Horizonte - Minas Gerais – CEP: 31270-901 E-mail: coep@prpq.ufmg.br - Fone: 3409-4592

Assentimento Pós-Informação

Eu, _____, responsável pelo/a menor _____ concordo e autorizo a sua participação como voluntário(a) do estudo: “A desconstrução dos discursos de ódio na formação do sujeito reflexivo na escola” e declaro estar suficientemente esclarecido sobre a pesquisa. Sei que, a qualquer momento, poderei solicitar novas informações, assim como modificar esta decisão de autorizar a participação do/a menor se assim o desejar, sem prejuízo a mim ou a meu/minha filho(a). Declaro, também, que recebi uma via deste Termo de Assentimento.

Data: ____/____/____

Assinatura do responsável pelo participante

Prof.^a Maria Tereza Rocha de Oliveira (pesquisador-assistente)

Prof.^a Dr.^a Leiva de Figueiredo Viana Leal (pesquisador-responsável)

Assinatura ou rubrica do(a) aluno(a)

2.1 Esta pesquisa, intitulada “A desconstrução dos discursos de ódio na formação do sujeito reflexivo na escola”, pode ajudá-lo, não só a melhorar as habilidades de leitura e escrita, mas também proporcionar a você e aos seus colegas a oportunidade de conhecer melhor, de forma ética e reflexiva, o uso das diferentes linguagens, nos textos que circulam nas diferentes mídias (digital e impressa). Isso pode gerar benefícios para a sua vida como estudante e cidadão, favorecendo um bom convívio e inclusão social.

Caso haja alguma dúvida ou problema, você também pode entrar em contato com o orientador desta pesquisa na Faculdade de Letras da UFMG, na Av. Antônio Carlos, 6627, em Belo Horizonte, pelo telefone: (31)9208 0005, ou pelo e-mail leivaleal.l@gmail.com em caso de dúvidas éticas, você ou o seu responsável podem consultar o próprio Comitê de Ética em Pesquisa (Coep) da UFMG.

Este documento seguirá em duas vias, sendo que uma via ficará com você e a outra com o pesquisador. Assim, se você se sentir suficientemente esclarecido (a), solicito a gentileza de assinar sua concordância no espaço abaixo.

Eu, _____, confirmo estar esclarecido (a) sobre a pesquisa e minha participação nela.

Assinatura do (a) aluno (a)

_____ Assinatura ou rubrica do (a) responsável

Prof.^a Dr^a Leiva Viana de Figueiredo Leal

Pesquisadora Responsável - Faculdade de Letras –

Universidade Federal de Minas Gerais

Av. Antônio Carlos, 6627, Belo Horizonte – MG

Telefone: (31)9208 0005 / e-mail: leivaleal.l@gmail.com

Professora mestranda: Maria Tereza Rocha de Oliveira

Assistente de Pesquisa – Faculdade de Letras –

Universidade Federal de Minas Gerais

Rua Tristão Mariano, 195, Bairro Várzea, Lagoa Santa, MG

Telefone: (33) 984048471 e-mail: mariaterezarochaoliveira@gmail.com

COEP - Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II – 2º andar – sala 2005 - Campus

Pampulha Belo Horizonte – Minas Gerais – CEP: 31270-901 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Fone: (31) 3409 45923. (A função do COEP é de atenção às questões ou dúvidas quanto à ética em pesquisa).

ANEXO III

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro (a) pai/mãe ou responsável:

Seu filho (a) foi convidado (a) a participar de uma pesquisa que será aplicada durante as aulas de Língua Portuguesa. Este trabalho será realizado pela professora Maria Tereza Rocha de Oliveira, mestranda do Programa de Mestrado profissional PROFLETRAS/UFMG), sob a orientação da Professora Leiva de Figueiredo Viana Leal, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. O trabalho pretende ajudar os alunos (as) do 9º ano, da Escola Estadual Tiradentes, Lagoa Santa, Minas Gerais, a melhorar o desenvolvimento do pensamento reflexivo, a partir de atividades diferenciadas sobre o uso das diferentes linguagens. As atividades serão desenvolvidas pela Prof.^a Maria Tereza Rocha de Oliveira, no primeiro semestre de 2019, no horário regulamentar das aulas, de 7:15h a 11h40, na própria escola. Pretendemos, também, registrar em fotografias, e por escrito, algumas aulas em que o projeto esteja sendo desenvolvido. Esse material ficará armazenado por um prazo de, no máximo cinco anos, e será utilizado pela assistente de pesquisa Prof.^a Maria Tereza Rocha de Oliveira em mídias como pen drive e computador pessoal, e só será utilizado mediante a autorização do responsável legal pelo estudante.

A participação do aluno (a) durante as aulas poderá ser avaliada pela professora Maria Tereza Rocha de Oliveira, conforme fique acordado entre o professor e os alunos, e todo o material utilizado será gratuito, ou seja, o estudante não terá nenhum custo para participar das atividades propostas por este trabalho. A divulgação dos textos produzidos pelos estudantes e das fotografias tiradas durante as atividades são opcionais, portanto, o (a) aluno (a) é livre, também, para desistir de divulgá-los em qualquer momento considerado oportuno, sem nenhum prejuízo. Para isso, caso o aluno (a) opte por não divulgar os seus textos, nem queira participar das fotografias, o responsável legal deverá indicar neste termo de autorização a opção pela não divulgação dos dados e das imagens, sem nenhum prejuízo. Em qualquer momento da pesquisa o aluno (a) pode solicitar a inclusão ou retirada dos dados e das imagens, desde que este termo seja novamente preenchido com a opção desejada.

Caso o estudante relate algum estresse ao realizar alguma das atividades propostas, mencione algum desconforto, ou comente ter se sentido constrangido ao ser fotografado ou ao ter os seus dados divulgados, você pode procurar a professora assistente Maria Tereza Rocha de Oliveira para que as providências sejam tomadas e o aluno (a) tenha a sua integridade assegurada, fazendo com que ele (a) se sinta à vontade durante a execução das atividades que são propostas por esta pesquisa.

Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II – 2º andar – Sala 2005 -Campus Pampulha, Belo Horizonte - Minas Gerais – CEP: 31270-901 E-mail: coep@prpq.ufmg.br - Fone: 3409-4592

Consentimento Pós-Infomação

Eu, _____, responsável pelo/a menor _____ concordo e autorizo a sua participação como voluntário(a) do estudo: “A desconstrução dos discursos de ódio na formação do sujeito reflexivo na escola” e declaro estar suficientemente esclarecido sobre a pesquisa. Sei que, a qualquer momento, poderei solicitar novas informações, assim como modificar esta decisão de autorizar a participação do/a menor se assim o desejar, sem prejuízo a mim ou a meu/minha filho(a). Declaro, também, que recebi uma via deste Termo de Consentimento.

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura do responsável pelo participante

Prof.^a Maria Tereza Rocha de Oliveira (pesquisador-assistente)

Prof.^a Dr.^a Leiva de Figueiredo Viana Leal (pesquisador-responsável)

Caso haja alguma dúvida ou problema, você também pode entrar em contato com o orientador desta pesquisa na Faculdade de Letras da UFMG, na Av. Antônio Carlos, 6627, em Belo Horizonte, pelo telefone: (31)9208 0005, ou pelo e-mail leivaleal.l@gmail.com. Em caso de dúvidas éticas, você ou o seu responsável podem consultar o próprio Comitê de Ética em Pesquisa (Coep) da UFMG.

Este documento seguirá em duas vias, sendo que uma via ficará com você e a outra com o pesquisador. Assim, se você se sentir suficientemente esclarecido (a), solicito a gentileza de assinar sua concordância no espaço abaixo.

Eu, _____, confirmo estar esclarecido(a) sobre a pesquisa e minha participação nela.

Assinatura do(a) aluno(a)

Assinatura ou rubrica do (a) responsável

Assinatura ou rubrica do pesquisador

Prof.^a Dr.^a Leiva Viana de Figueiredo Leal

Pesquisadora Responsável - Faculdade de Letras –

Universidade Federal de Minas Gerais

Av. Antônio Carlos, 6627, Belo Horizonte – MG

Telefone: (31)9208 0005 / e-mail: leivaleal.l@gmail.com

Professora mestranda: Maria Tereza Rocha de Oliveira

Assistente de Pesquisa – Faculdade de Letras –

Universidade Federal de Minas Gerais

Rua Tristão Mariano, 195, Bairro Várzea, Lagoa Santa, MG

Telefone: (33) 984048471 e-mail: mariaterezarochaoliveira@gmail.com

COEP - Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG 3

Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II – 2º andar – sala 2005 - Campus
Pampulha Belo Horizonte – Minas Gerais – CEP: 31270-901 E-mail: coep@prpq.ufmg.br
Fone: (31) 3409 4592

3 A função do COEP é de atenção às questões ou dúvidas quanto à ética em pesquisa

Professora mestranda: Maria Tereza Rocha de Oliveira

Este trabalho, intitulado “A desconstrução dos discursos de ódio na formação do sujeito reflexivo na escola”, pode ajudar não só a melhorar as habilidades de leitura e escrita, mas também proporcionar a oportunidade de conhecer melhor o uso das diferentes linguagens, nos textos que circulam nas diferentes mídias (digital e impressa) de forma ética e reflexiva, o que pode gerar benefícios para o aluno, como estudante e cidadão, favorecendo um bom convívio e inclusão social.

Caso haja alguma dúvida ou problema, você também pode entrar em contato com o orientador desta pesquisa na Faculdade de Letras da UFMG, na Av. Antônio Carlos, 6627, em Belo Horizonte, pelo telefone: (31)9208 0005 , ou pelo e-mail leivaleal.l@gmail.com. Em caso de dúvidas éticas, você, como responsável, pode consultar o próprio Comitê de Ética em Pesquisa (Coep) da UFMG.

Este documento seguirá em duas vias, sendo que uma via ficará com o(a) responsável legal pelo(a) aluno(a) e a outra com o pesquisador. Assim, se você se sentir suficientemente esclarecido (a), solicito a gentileza de assinar sua concordância no espaço abaixo.

Eu, _____, confirmo estar esclarecido(a) sobre a pesquisa e minha participação nela.

Assinatura do responsável legal pelo(a) aluno(a)

Assinatura ou rubrica do pesquisador

Prof.^a Dr.^a Leiva Viana de Figueiredo Leal

Pesquisadora Responsável - Faculdade de Letras –

Universidade Federal de Minas Gerais

Av. Antônio Carlos, 6627, Belo Horizonte – MG

Telefone: (31)9208 0005 / e-mail: leivaleal.l@gmail.com

Professora mestranda: Maria Tereza Rocha de Oliveira

ANEXO IV

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos, para os devidos fins, que aceitaremos a pesquisadora Maria Tereza Rocha de Oliveira, que atua como professora nessa instituição (E.E.Tiradentes), a desenvolver o seu Projeto de Pesquisa denominado "A desconstrução dos discursos de ódio na formação do sujeito reflexivo na escola", que está sob orientação da Prof.^a Dr.^a Leiva de Figueiredo Viana Leal. Estamos cientes de que o objetivo do trabalho é ajudar, não só a melhorar as habilidades de leitura e escrita, mas também proporcionar a oportunidade de conhecer melhor o uso das diferentes linguagens, nos textos que circulam nas diferentes mídias (digital e impressa) de forma ética e reflexiva, o que pode gerar benefícios para o aluno, como estudante cidadão, favorecendo um bom um bom convívio e propiciando uma inclusão social.

A aceitação está condicionada ao cumprimento, por parte do pesquisador, dos requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares, comprometendo-se a utilizar os dados e materiais coletados, exclusivamente para os fins da pesquisa.

Lagoa Santa, 21 de fevereiro de 2019.


Alexandre Lage (Diretor)

Alexandre Lage
Diretor - MASP - Lagoa Santa
E. E. Tiradentes

ANEXO V

O componente “Arte” na BNCC:

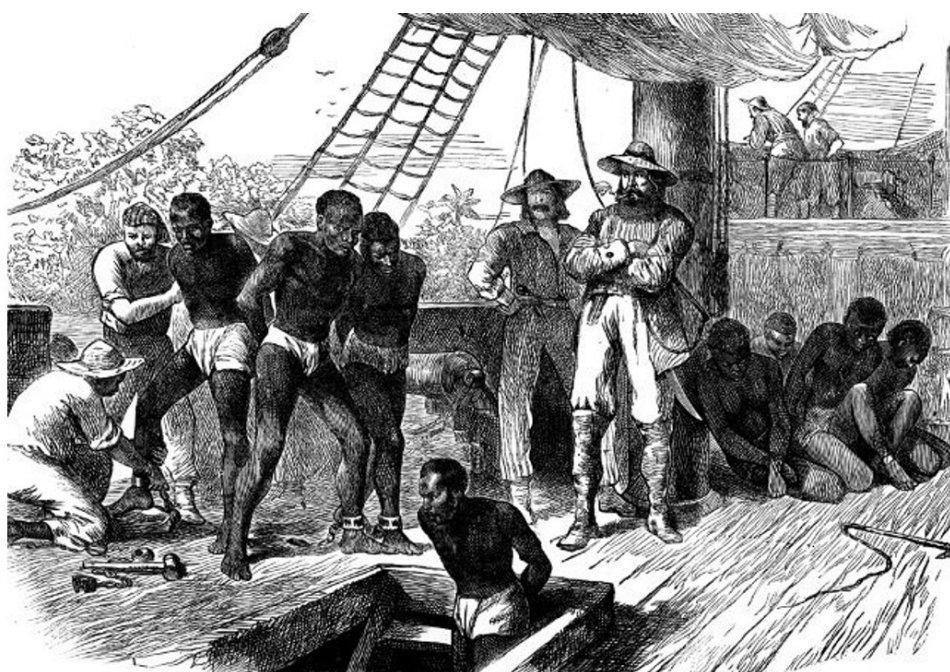
A arte trata de criar, produzir, exteriorizar, pensar, refletir sobre formas e fenômenos artísticos. Trata-se do campo da sensibilidade, da emoção, das sensações, do pensamento e de todas as inúmeras possibilidades de transformar tudo numa forma poética e artística. A componente arte pode nos ajudar a compreender as diferenças e produzir, criar e compreender a importância do respeito entre as diferenças. Esse componente está organizado em cinco unidades temáticas: as artes visuais, a dança, a música, o teatro e as artes integradas. Essas competências estão relacionadas às capacidades de sentir, refletir criticamente, criar, compreender as ideias dentro de si, para depois dar uma forma a elas.

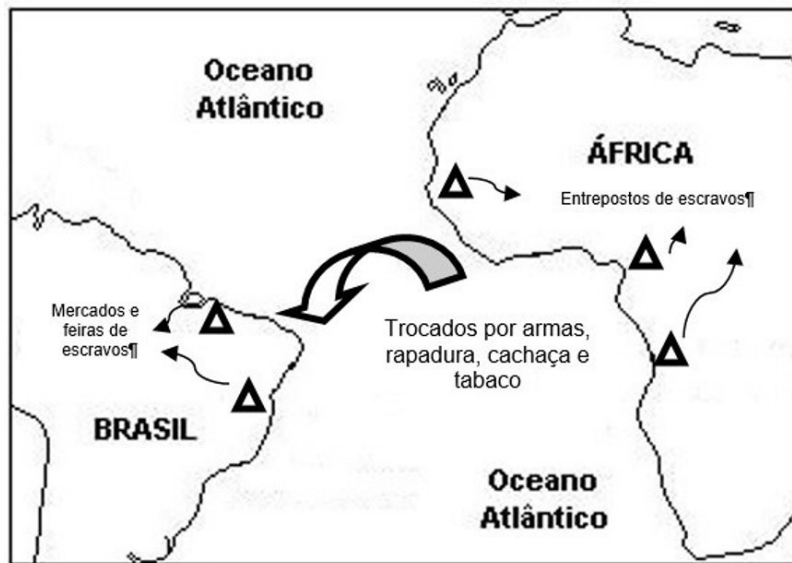
ANEXO VI



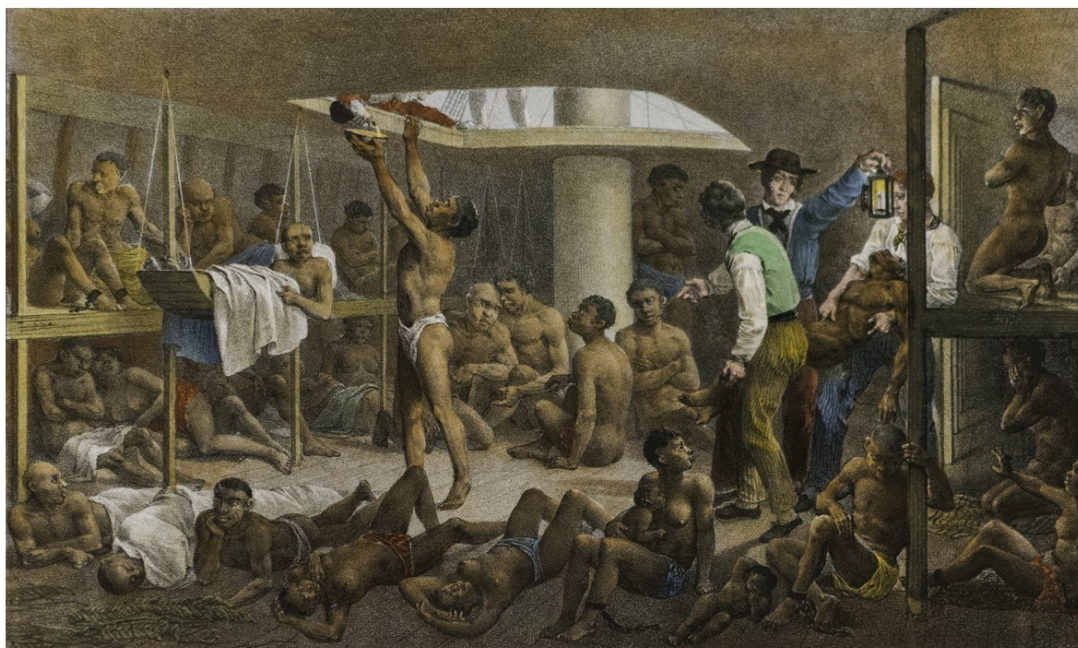
- ▶ Utilização de trabalho escravo (negro e indígena)
- ▶ Predomínio da escravidão africana:
 - Dificuldade de utilização e adaptação do indígena à lavoura (trabalho feminino) – barreira cultural.
 - O contato entre colonizadores e indígenas levou à transmissão de doenças (varíola, gripe, etc.), e a falta de imunidade dizimou populações inteiras de nativos.
 - Vários setores da Coroa Portuguesa e da Igreja Católica se opunham a escravidão indígena (em especial os jesuítas).
 - Resistência a submissão por parte dos indígenas (fugas).
 - Lucrativo tráfico de escravos africanos.

► O comércio de escravos africanos





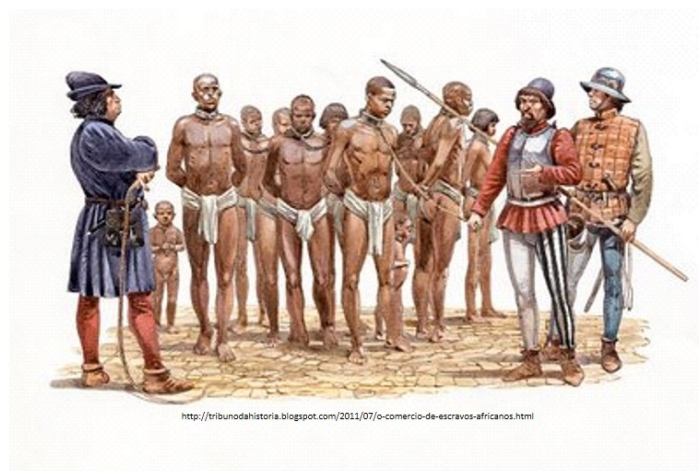
Navios negreiros = Tumbeiros



Johann Moritz Rugendas - https://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%A9tico_de_escravos_pena_o_Brasil

► Mercados de escravos

Os primeiros escravos negros chegaram ao Brasil entre 1539 e 1542, na Capitania de Pernambuco, primeira parte da colônia onde a cultura canieira desenvolveu-se efetivamente. Ao desembarcarem nos portos brasileiros ficavam em armazéns a espera de compradores. Os principais mercados de escravos se encontravam nas regiões litorâneas, principalmente na região nordeste e sudeste, onde estavam os principais engenhos de açúcar.



Nos mercados, os compradores examinavam as “peças”, como um objeto, uma mercadoria ou um animal. Geralmente, os preços dos escravos eram altos. O valor variava de acordo com as condições físicas e de saúde de cada um, idade e sexo. Após serem comprados no mercado, eles acompanhavam seus donos até a localidade que iriam trabalhar (nos engenhos, nas minas, nas casas). Após a chegada ao local de trabalho, os escravos tinham seus corpos marcados com ferro em brasa, para identificação dos seus proprietários.



[tps://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/10/25/Cais-do-Valongo-pode-se-tornar-Patrimônio-da-Humanidade--Qual-a-sua-importância-para-a-história-negra](https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/10/25/Cais-do-Valongo-pode-se-tornar-Patrimônio-da-Humanidade--Qual-a-sua-importância-para-a-história-negra)

Declarado Patrimônio Histórico da Humanidade pela UNESCO em 9 de julho de 2017 por ser o único vestígio material da chegada dos africanos escravizados nas Américas

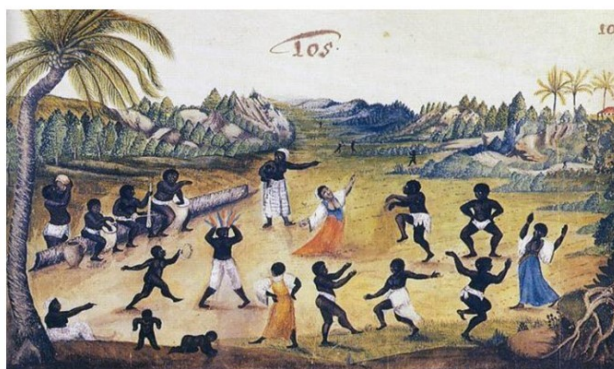


<https://www.genetec.org/br/tag/cais-do-valongo/>

Dos cerca de 10 milhões de escravos africanos que aportaram nas Américas entre os séculos XV e XIX, aproximadamente 4 milhões vieram para o Brasil. A maior parte destes chegou no Rio de Janeiro. Até 1774 eles desembarcavam em uma região que fica entre a Praça 15 e o que é hoje o Aeroporto Santos Dumont. As mulheres e homens que sobreviviam à viagem desciam nus e imundos dos navios negreiros depois de um trajeto de três meses sem banho. Com frequência doentes, podiam ser vistos e comprados no centro do Rio de Janeiro, na Rua Direita, atualmente rua Primeiro de Março. Com o objetivo de poupar os transeuntes, o Marquês de Lavradio determinou em 1774 que o tráfico negreiro fosse transferido para trás do morro do São Bento, na Praia do Valongo, que se estendia até a Praça da República. Conhecida como Cais do Valongo, a região passou a concentrar não só o desembarque, mas também atividades como alojamento e enterro de negros desterrados. (<https://www.nexojornal.com.br>)

► Resistência à escravidão:

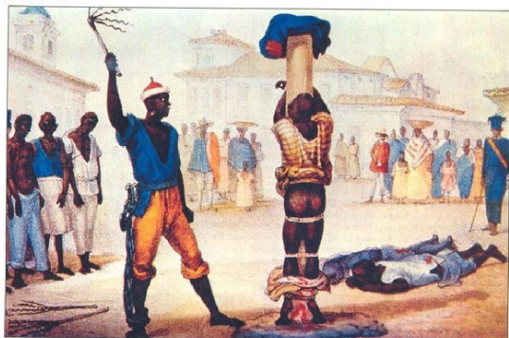
- Fugas
- Infanticídios
- Suicídios
- Abortos
- Assassinatos de senhores
- Revoltas
- Sabotagem das plantações (fogo e destruição de ferramentas)
- Fundação de quilombos (refúgios de escravos foragidos)
- Banzo (estado de tristeza profunda)



https://www.historia.ufr.br/impressoesrebelde/revoltas_categoria=1818-quilombo-do-catuca-pernambuco

► Castigos e punições

Os castigos eram aplicados em público para servir de exemplo aos demais. Entre as punições estavam o açoite (com “bacalhau”: chicote de couro cru), palmatória, tronco, máscara de ferro, caixinha para as mãos (em caso de furto), vira-mundo (algemas que prendiam pés e mãos invertidos), cepo, algemas, gargalheira, ferro em brasa, entre outros.



<http://historianovest.blogspot.com/2009/10/castigos-de-escravos.html>



► Tipos de escravos:

- Escravo de ganho: realizavam trabalho temporário em troca de pagamento.
- Negros de eito: trabalhavam na lavoura.
- Escravos domésticos (escolhidos entre aqueles que os senhores consideravam mais bonitos, dóceis e confiáveis)
- Escravo boçal: escravo recém-chegado da África, desconheciam a língua e o trabalho na colônia (tinham menor valor)
- Escravo ladino: escravo já adaptado à língua e a rotina de trabalho na colônia.
- Crioulo: negro nascido no Brasil.

► Principais grupos africanos trazidos para o Brasil:

- Bantos (África Central)
- Sudaneses (noroeste africano)

► Herança cultural africana:

- Vocabulário (cachaça, batuque, babá, caçula, farofa, etc.)
- Músicas e ritmos
- Alimentação (rabada, acarajé, feijoada, temperos)
- Vestuário
- Religião



<http://ahoradacaipoira.blogspot.com/2010/05/o-negro-e-o-brasil-do-seculo-19-sobre.html>

ANEXO VII

TEXTO INICIAL LEVADO PARA OS ALUNOS SOBRE AS DIFERENTES OPINIÕES DE DUAS NUTRICIONISTAS SOBRE O ATO DE DORMIR DE BARRIGA CHEIA SE FAZ OU NÃO MAL:

Dormir de "barriga cheia" faz mal?

Dormir de "barriga cheia" faz mal?

Fonte: <https://guiame.com.br/>

ATUALIZADO: QUARTA-FEIRA, 17 FEVEREIRO DE 2010 AS 12H

A nutricionista Caroline Bergerot discorda. A nutricionista Caroline Bergerot discorda. "Isto não procede. O que pode acontecer ao dormir logo após a refeição é algum desconforto, como azia ou queimação", afirma. Ela ainda põe abaixo o mito de que jantar engorda. "Só engorda caso a pessoa coma demais. Mas se ela tiver uma refeição balanceada também não corre este risco."

Caroline explica que uma refeição balanceada requer alimentos mais leves, comidas menos apimentadas e sem condimentos. "Uma boa alternativa é comer saladas ou massas, já que o carboidrato é de fácil digestão", diz.

PUBLICIDADE

A nutricionista Fabiana Schmidt, no entanto, acredita que comer e dormir em seguida faz mal sim. "O que é mito nesta história é não poder comer carboidrato após as 18h", diz. "O problema está no horário em que a pessoa vai dormir. Ela deve aguardar obrigatoriamente duas horas para se deitar", afirma a especialista.

Fabiana afirma que o mais saudável é aguardar estas duas horas desempenhando alguma atividade, mas nada de exercícios físicos pesados. "A pessoa deve assistir à televisão ou ficar no computador para se manter acordada", aconselha.

A especialista ainda alerta para alguns incômodos ocasionados pela digestão mais lenta à noite. "Como nosso metabolismo é mais lento à noite, a digestão demorada pode provocar gases pelo aumento da fermentação da comida no intestino", diz. Fabiana dá a medida para evitar que o jantar se converta em reserva de gordura. "Sempre a janta deve ser metade ou 3/4 da quantidade do almoço."

O gastroenterologista Thomaz Szegö afirma ser benéfico descansar após qualquer refeição. "Descansar significa repousar e não dormir. O repouso é importante porque é necessário que o sangue se concentre no aparelho digestório para realizar a digestão", diz.

Seguindo esta linha de raciocínio, Szegö desmistifica a questão de entrar na água após comer. "Não há problema algum em comer e tomar banho ou entrar na banheira. O que não pode é nadar, pois há uma competição de irrigação sangüínea entre os músculos exigidos na natação e o sistema digestório", explica.

Segundo o médico, é um exagero afirmar que dormir após comer faz mal. "Deitar logo após fazer uma refeição aumenta a chance de refluxo, o que pode atrapalhar o sono", diz. O ideal, de acordo com Szegö, é não comer grande volume e evitar gorduras e frituras.

Serviço:

Caroline Bergerot - nutricionista
Site: www.carolinebergerot.com
Fabiana Schmidt - nutricionista
Site: www.agapeclinica.com.br
Thomaz Szegö - gastroenterologista
Site: www.ccogastro.com.br

ANEXO VIII

LINK DO RESULTADO DO PISA 2018:

https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio_PISA_2018_pre_liminar.pdf

ANEXO IX

80% da população brasileira entre 9 e 17 anos usam a internet.

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2016-10/pesquisa-80-da-populacao-brasileira-entre-9-e-17-anos-usam>

ANEXO X

UNICEF – (Declaração Universal dos Direitos Humanos).

<https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>

ANEXO XI

EXEMPLOS DE TEXTOS DE REVISTAS, TRANSFORMADOS EM PERGUNTAS PARA QUE OS ALUNOS DESENVOLVESSEM A ARGUMENTAÇÃO:

GREVE DE CAMINHONEIROS COLOCOU PETROBRAS EM XEQUE E EXPÔS DEPENDÊNCIA RODOVIÁRIA

Notícias transformadas em perguntas:

GREVE DE CAMINHONEIROS COLOCOU PETROBRAS EM XEQUE E EXPÔS DEPENDÊNCIA RODOVIÁRIA?
--

Como a dependência do transporte rodoviário e a insatisfação com a classe política causaram a paralisação que afetou a economia, fortaleceu o discurso conservador e privatista e fez o governo acionar a Força Nacional; leia mais

Fonte: **undefined** - **iG @** <https://economia.ig.com.br/2018-12-19/greve-dos-caminhoneiros-retrospectiva.html>

O Brasil não precisa de uma nova Constituição

Leia mais em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/o-brasil-nao-precisa-de-uma-nova-constituicao/>

PERGUNTA-SE:

O BRASIL NÃO PRECISA DE UMA NOVA CONSTITUIÇÃO?

ANEXO XII

BNCC-2018:

<https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/base-nacional-comum-curricular-bncc-o-que-e-e-qual-a-sua-importancia>